UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA,
LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

CLÉSIO AGOSTINHO GERALDO

MERCADO KASHER EM SÃO PAULO

SÃO PAULO
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA HEBRAICA,
LITERATURA E CULTURA JUDAICAS

CLÉSIO AGOSTINHO GERALDO

clesioag@yahoo.com.br

MERCADO KASHER EM SÃO PAULO

Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para Obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Marta Francisca Topel

SÃO PAULO
2010

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Marta Francisca Topel, pela sua Competência, Dedicação e Constante Atenção.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar os interstícios do mercado *kasher* na cidade de São Paulo. No que diz respeito à alimentação, as leis dietéticas, rígidas leis, são uma parcela significativa da identidade judaica religiosa ortodoxa. Inclusive, em muitos casos, distingue-se um judeu religioso de um laico pela alimentação. Os conflitos alimentícios são tão intensos que ocorrem até mesmo no interior das famílias judaicas. Buscamos assim, verificar a relação, dentre outras coisas, da sacralização do judaísmo, da teoria à prática, em que tal resulta em um mercado de proporções progressivas e onerosas aos consumidores, sobretudo judeus ortodoxos.

Palavras Chaves: Kasher, Judaísmo, Judaísmo Ortodoxo, Comida e Cultura, Identidade

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the interstices of the market to *kasher* in the city of São Paulo. In what it says respect to the feeding, the dietary laws, rigid laws, are a significant parcel of the orthodox religious Jewish identity. Also, in many cases, a religious Jew distinguishes itself from a lay one for the feeding. The nourishing conflicts are so intense that they occur even though in the interior of the Jewish families. We search thus, to verify the relation, amongst other things, of the sacralization of the judaism, the theory to practises, where such results in a market of gradual and onerous ratios to the consumers, over all Jewish orthodox.

KEYWORDS: Kasher, Judaism, Orthodox Judaism, Food and Culture, Identity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPITULO I - O CAMPO.....	11
I.I Comida e Cultura	29
I.II Um Pouco de Método	31
I.III O Ato de Alimentar-se	38
CAPÍTULO II - MAPEAMENTO DOS JUDEUS EM SÃO PAULO	42
II.I Alguns Dados Históricos da Comunidade Judaica de São Paulo.....	42
II.II Breve Descrição da Oferta de Produtos <i>Kasher</i> na Cidade de São Paulo.....	47
até a Década de 1990	47
II.III Ortopraxia Judaica	53
CAPÍTULO III - O PRINCÍPIO DA <i>KASHRUT</i> E A SACRALIZAÇÃO DO POVO JUDEU	67
III.I Fontes Judaicas, os Mandamentos e a Importância da <i>Kashrut</i> para a Ortodoxia Judaica.	67
III.II A Kashrut No Dia-A-Dia: Da Teoria À Prática.....	73
III.III Função Social da Kashrut!.....	76
III.IV Pessach: A Importância da Liberdade e a Importância da Kashrut.....	87
III.V Selo Kasher: é ou não é kasher?	92
III.VI TEN YAD	108
CAPITULO IV - IDENTIDADE ÉTNICA.....	111
IV.I Algumas Observações Sobre a Identidade Judaica Moderna	111
IV.II Ortodoxia Judaica Brasileira: Conflitos ou Certezas Identitárias?	118
IV.III Um Antropólogo Gentio e a Identidade Judaica	121
IV.IV Kashrut como Fator Aglutinador da Identidade Ortodoxa Paulistana	124
IV.V Identidades Coletivas.....	128
CAPÍTULO V - QUESTÕES ECONOMICAS: O MERCADO KASHER	135
A GUISA DE CONCLUSÃO	150
BIBLIOGRAFIA	157
ANEXOS	164

INTRODUÇÃO

“Que o desejo constitua o sinal sensível de uma necessidade, que o prazer de satisfazê-lo represente o principal incentivo à saúde do corpo”

Montanari

“A religião é uma instituição social; a adoração, uma atividade social; e a fé uma força social”

Geertz

Somos seres sociais. Ou seria melhor dizer, sociáveis. Buscamos a convivência mesmo em meio à guerra, nos dispomo-nos a conviver em sociedade mesmo quando esta nos entristece ou nos aprisiona e, porque não dizer, explora. As relações, as instituições, os esportes, e também a religião, são caminhos que seguimos, provavelmente, por ser algo que não percorreremos sozinhos.

O ato da alimentação não é inocente. Aliás, nossos costumes não o são. Necessitamos dos alimentos, instituimos rituais, horários, sabores, preferências... Sem os alimentos não sobreviveríamos. A comida tanto pode agir como um fator social aglutinador, como seletivo e excludente. É o que conclui Da Matta *“a comida define as pessoas, e também, a relação que as pessoas mantêm entre si...”*¹. Assim também se refere Machado de Assis: *‘o doce de coco e a compota de marmelo são o princípio social do Rio de Janeiro’*.

¹ Da Matta, 1984. O que faz o Brasil, Brasil

Nas cerimônias mais diversas nos reunimos em torno da alimentação. A alimentação que ora é uma regra de etiqueta, camufla em uma falsa proposta higiênica, ora é fator que definidor de todo o emaranhado social, como uma cola unificadora de sentido na sociedade. A simbologia dos alimentos ganha um status tal que, ora se tornam termos pejorativos (marmelada), ou tomam um sentido positivo (docinho de coco) utilizados fora do universo culinário (Freyre, 2007:19).

Como salienta Radcliffe-Brown: *“A mais importante atividade social consiste na busca de alimentos e, é em torno da alimentação que são proclamados os sentimentos sociais”*².

A conduta dietética gera tanto fascínio e ocupa lugar preponderante nas diversas culturas, sendo que, entre os egípcios *‘todo tipo de oferendas alimentares acompanham o defunto em sua viagem ao além-túmulo’*³; entre os cristãos há no período da quaresma uma abstinência de carnes, significando um jejum sacrificial em honra ao também sacrifício de Cristo. Entre os Wayana a carne gorda é sinônimo de bonança, ou seja, boa alimentação, já a carne magra é comida com desagrado⁴.

Por sua vez, para os judeus ortodoxos, as leis dietéticas são um dos três pilares⁵ determinantes da vida religiosa, um preceito bastante visível. Para o Geógrafo Vidal de La Blache⁶ o estudo dos alimentos é um grande revelador

² Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 2, n.4, p10 jan/jun. 1996

³ TALLET, Pierre. A culinária no antigo Egito. Editora Folio; 2006.

⁴ Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, Ano 2, n.4, p21 jan/jun. 1996. os Wayana são um grupo indígena habitantes do norte do Estado do Pará.

⁵ Junto às leis de pureza familiar, as leis dietéticas e a observação do *shabat* formam os três princípios básicos da observância dos mandamentos judaicos.

⁶ Blache, Vidal de La. Príncipes de Geographie Humaine, 1922.

da relação do homem com o meio. O velho ditado ‘*você é o que você come*’ carrega em si alguns elementos de identidade e preferências, essas quase sempre ligadas a grupos e valores.

Buscando destacar o movimento de mudanças ocorridas no contexto global e sendo que, uma possível crise institucional de axiomas judaicos frente a uma sociedade globalizante, sendo que globalização implica uma mudança de conceituação da idéia clássica de sociedade, como se refere Stuart Hall (1999:67) podemos pensar que o judaísmo moderno corresponde aos diversos esforços de traduzir as tradições judaicas em conceitos e valores da modernidade (ênfatizando que a ortodoxia se encontra em um embate contínuo com a modernidade do séc. XVIII, meados do XIX).

Essa tradução não se insere somente no campo das idéias, mas ocorre principalmente na prática. Segundo a socióloga Martine Cohen⁷: “*considerar-se cristão é afirmar uma crença, e considerar-se judeu é inserir-se em uma identidade religiosa de dimensão coletiva e histórica*”. Não obstante, tal autora destaca o evidente “*crescimento da ortodoxia nas sinagogas, escolas e comércio kosher*”.

Nesse trabalho buscamos empreender uma análise da construção do mercado de produtos *kasher* na cidade de São Paulo, capital paulista. A partir da década de 1990, esse mercado começa a se aquecer, ganhando dimensões maiores e consistentes nos dias de hoje. A recente implementação desse mercado talvez explique o porquê da dificuldade de encontrar material sobre o tema.

⁷ COHEN, Martine. *Le Monde Diplomatique – Brasil*. Setembro 2001.

Vale destacar também que ao nos referirmos a ‘produtos *kasher*’ estamos selecionando uma parte dos mesmos, isto é, a que diz respeito à alimentação. Pois, para os judeus ortodoxos, *kasher*⁸ pode tanto se referir a alimentos, como remédios, disposição da cozinha⁹, das roupas, ou seja, todo um estilo de vida que se propõe santo, segundo as especificações doutrinárias do judaísmo.

Os produtos *kasher* não seguem necessariamente uma regra científica, lógica de alimentos ditos funcionais ou saudáveis, mas especificações que se construíram culturalmente, com base na religião judaica, e atualmente, há uma aparente sugestão de que existem importantes interesses mercadológicos.

É possível, além disso, possuir um passado não-*kasher*, quando se é o primeiro membro de uma família a abraçar a ortodoxia, ou um continente não-*kasher* (os judeus ortodoxos da Europa central e oriental): “*Eles chegaram com um sentimento claro de que a América não era Kasher*” (Topel, 2005:74).

Ou seja, *kasher* diz respeito a um estilo de vida que sugere santidade, separação e pureza. No que diz respeito à alimentação, as leis dietéticas, rígidas leis - como será demonstrado ao longo do trabalho - são uma parcela significativa da identidade judaica religiosa ortodoxa. Inclusive, em muitos casos, distingue-se um judeu religioso de um laico pela alimentação. Os conflitos alimentícios são tão intensos que ocorrem até mesmo no interior das famílias judaicas.

⁸ Difícilmente um judeu não ortodoxo siga a dieta *kasher*, e se o faz, restringe-se, quase sempre, em não misturar carne com leite, ou não consumir porco. Seja como for, isso evidencia que inclusive os judeus seculares apesar de não seguirem uma dieta alimentar estrita, consomem produtor *kasher*, são parte do mercado de produtos *kasher*, mas enfim, uma parte ínfima.

⁹ Ver Anexo 1, sobre como tornar uma cozinha *kasher*.

CAPITULO I - O CAMPO

*“A fé e a razão são separadas por uma espécie de quarentena,
para evitar que a primeira seja contaminada,
e a segunda acorrentada”*
Geertz

A religião sempre esteve perto. O cristianismo pulsava em minhas idas e vindas de uma comunidade que era denominada evangélica em minha infância. Aliás, o termo denominador era ‘crentes’, algo que sempre me confundia. Eu não sabia exatamente o que eu era, mesmo porque meu envolvimento se dava através de um tio materno, que sempre fora taxado como maluco pelo resto da família. Com o tempo fui percebendo que o título lhe era concedido, pelo simples fato de que, por vezes também era sugerido a meu respeito, era ‘crente’.

Lembro-me que no ensino fundamental havia uma pesquisa que insistia em se repetir todo mês com a intenção de desvendar a religião dos alunos das escolas públicas do Estado de São Paulo e, sempre, me era constrangedor ser definido como ‘crente’. Isso me constrangia tanto que após as cinco primeiras vezes eu nem sequer mais me manifestava em tais pesquisas. Só mais tarde fui entender que o governo a fazia com o intuito de incluir aulas de Ensino Religioso.

Para minha infelicidade (quem sabe?) o neopentecostalismo ainda não havia ganhado tantos adeptos e tantas repercussões midiáticas e sociais. Hoje seus membros ganham o rótulo de evangélicos, e tornou-se *fashion* e não mais antiquado ser ‘crente’, ou melhor, evangélico.

Com o tempo minha relação com a instituição e sua doutrina cresceu, assim como eu. Mas viriam os anos em que eu aprenderia a ler e por sua vez a graduação, e minha relação com a religião, não mais com a instituição, passou a ser algo que mistura amor e ódio.

Ao rascunhar pela primeira vez o projeto que resultaria nesta pesquisa ainda me via pensando o cristianismo, mas não totalmente satisfeito. Como antropólogo ainda ansiava por uma jóia bruta, a ser lapidada e descoberta, quem sabe aos poucos.

Entre idas e vindas à Unicamp e à USP conheci Guilherme Ruben e Marta Topel, que entre conversas, aulas, leituras e orientações estimularam minha curiosidade pelo o judaísmo em geral e o mercado *kasher* em particular. Assim, a religiosidade, o academicismo e a vida me trouxeram a esse ponto.

Os primeiros contatos ao iniciar o trabalho foi uma varredura bibliográfica sobre o universo judaico, suas nuances, seus hábitos, culturas, tradições. Com o tempo o campo foi se mostrando cruel, apertado, inflexível. As alternativas, claro, foram se dando dessa ou de outras maneiras, de forma a conseguir me aproximar, mesmo que visualmente.

Conversei com judeus em Hortolândia, Campinas, e, a maioria, em São Paulo¹⁰. Procurei judeus na internet, alguns no Rio de Janeiro outros de Porto Alegre, um até mesmo em Americana.

Ao me adentrar em tal universo, saltou aos meus olhos a importância da alimentação, da vida *kasher*, da ortopraxia, do empenho, da identidade, da seletividade que, por vezes, se faz difícil para os nativos. Em conversas

¹⁰ Todas as entrevistas que cito são com judeus ortodoxos paulistanos.

informais é sugestivo que a sociedade olhe os judeus como propositalmente arrogantes em função de sua postura endógama, mas de forma curiosa principalmente os mais jovens, olham de dentro dessa ‘redoma’ e por vezes deixam um breve sussurro ganhar seu lábios: “como parece mais fácil estar do outro lado”.

Dificuldades pessoais, crise de identidade, o resgate pelo intelecto, a satisfação do ato da escrita, a transcendência da leitura, as dificuldades financeiras, o trabalho em banca de revistas, o martírio dos colégios estaduais, a distancia de São Paulo, tudo e um pouco mais esteve continuamente atrelado ao campo, à pesquisa em si e ao sonho do mestrado.

Não encontrei disposição para entrevistas, salvo raras exceções. Mais do que as entrevistas, os bastidores dos estabelecimentos, as conversas informais, as impressões, reações e leituras, foram muito significativos para a construção da compreensão do objeto de pesquisa.

Houve uma dificuldade recorrente nas entrevistas em vista da disposição tacanha em amear informações. Qualquer pergunta um tanto direta já sugeria um abuso da intimidade que era visto como algo repulsivo e digno de ‘fim de conversa’. Sobre isso, lendo Hannah Arendt¹¹, me parece que o totalitarismo sofrido pelos ancestrais gera uma espécie de receio, como se repentinamente o holocausto possa se instaurar novamente, e pior, através da minha pesquisa!

Os judeus ortodoxos em sua maioria se mantêm reclusos em suas comunidades, tal reclusão é uma atitude defensiva que visa protegê-los, ou ao

¹¹ ARENDT, Hannah. “Origens do Totalitarismo”. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

menos, distanciá-los de comportamentos, atitudes e influências que os mesmos julgam nocivas para sua religiosidade e identidade.

Em uma ocasião, ao entrar em um minimercado *kasher*, três seguranças que vigiavam alguns estabelecimentos judaicos vizinhos ficaram alvoroçados e rapidamente indagaram qual era a minha intenção em um local em que usualmente só recebe judeus ortodoxos como consumidores. Eu havia sido indicado por um consumidor assíduo a conversar com o proprietário do estabelecimento, mas a abordagem foi, no mínimo, acoitadora.

A observação participante se deu em estabelecimentos judaicos abertos ao público, como restaurantes, mercados, açougues, livrarias... em alguns estabelecimentos secundários onde a presença de judeus era contínua na sessão *kasher* como lojas de departamento (a exemplo do supermercado Pão de Açúcar, algumas outras lojas de venda de alimentos nos bairros do bom retiro e dos jardins na cidade de São Paulo).

Os antropólogos esperam conseguir encontrar eventos e situações do espaço local que repercutam em compreensão e contribuições para a sociedade global. Tarefa árdua, tanto para se conseguir o desenrolar da pesquisa, como para a interpretação de sua abrangência em um âmbito mais geral.

Em momento algum busquei reduzir os judeus à comunidade de São Paulo, sobretudo a ortodoxa, mas parti da mesma com o intuito de perceber ou de aflorar uma percepção que, oportunamente contribua para a compreensão da comunidade, quem sabe, de forma mais geral.

“Somos todos cientistas especiais agora, e nosso valor, pelo menos com relação a isso, consiste no quanto somos capazes de contribuir para uma tarefa – o entendimento da vida humana – que nenhum de nós tem a competência para enfrentar sozinho.” (Geertz, 2004:13)

Segundo Geertz (2004), a esfera religiosa é a mais difícil de se captar. Se considerarmos a religiosidade judaica que se arrasta por milênios, simplesmente a representação do acúmulo de tradições familiares, culturais e étnicas no cumprimento de regras irrefletidas e aceitas inquestionadamente por um povo alienado, representando assim a religião e vivência judaicas, seríamos não só inocentes como negligentes.

Para perceber como a influência histórico-social da religião judaica chegou até o ponto atual, especificamente dos produtos *kasher* recorreremos a livros e documentos históricos, entrevistas... Mas, para compreender motivações, sentimentos, intenções, frustrações e êxtases, da forma em que tal religiosidade abarca a vida humana de uma parte da população de São Paulo, encontrando eco em partes do mundo todo em que haja judeus, recorreremos a algo que em nós talvez definamos como percepção, mas quem sabe podemos chamar de antropologia!

Não que a antropologia seja um mistério instintivo de alguns seres humanos aptos por captar fatos, eventos e motivações de outros seres humanos, mas sim, nesse caso talvez, possamos entendê-la como uma curiosidade atenta. Um gosto pela descoberta, algo que transcende a etnografia, a metodologia e o academicismo, e que ao mesmo tempo esteja tão

atrelada a tais recursos que se imbrica a eles como sua base de sustentação e seu impulso para saltos mais altos.

De certa forma, Geertz percebe a religião como algo que transcende as instituições e organizações, ao mesmo tempo em que pode se apresentar através das mesmas, em alguns momentos essas mesmas engessam o que significaria de fato a fé. O trabalho que o autor sugere que devemos desenvolver é determinar o que está por trás desses mecanismos que supostamente representam a religião e a fé.

“mas o objetivo do estudo sistemático da religião é, ou pelo menos deveria ser, não só descrever idéias, atos e instituições, mas determinar como e de que maneira idéias, atos e instituições particulares sustentam, deixam de sustentar e até mesmo inibem a fé religiosa – isto é, a firme adesão a alguma concepção supratemporal da realidade” (Geertz, 2004 :16).

Difícil fazer afirmações sobre um tema tão exaustivamente estudado. Mesmo que o aspecto que nos cabe pensar tenha sido um tanto quanto esquecido, ou até então não descoberto no que se refere ao Brasil, mesmo assim, a religião judaica ganha corpo e é pensada, vivenciada e debatida há tanto tempo e por tantas mentes que qualquer afirmação soará mais como uma reafirmação, quer equivocada ou funcional do que qualquer outra coisa.

Parece-me que a religião judaica, ao menos a ortodoxa, insiste em permanecer em um tempo remoto, estabelecendo cada vez mais regras com o intuito de sugerir permanência no passado puro e tradicional. Há muitas regras

de conduta e restrições, necessidades de comportamento, minúcias sobre a alimentação, o viver, o trabalhar, o falar, o tocar outras pessoas, como o nadar contra a maré, ou insistir em cada vez mais em estipular nuances, normas e leis para que supostamente a pureza da religiosidade se mantenha, negando uma serie de artifícios tecnológicos, supostamente modernos e profanos... A seguinte reflexão de Geertz é eloqüente:

“Ou se voltam, preocupados, para si mesmos. Ou se agarram ainda mais fortemente a tradições em decadência. Ou tentam recompor essas tradições de formas mais efetivas. Ou se dividem ao meio, vivendo espiritualmente no passado e fisicamente no presente. Ou tentam expressar sua religiosidade em atividades seculares. Alguns poucos simplesmente não percebem que seu mundo está mudando e, quando percebem, simplesmente entram em colapso.” (Geertz, 2004:17).

O trabalho de campo sempre soa curioso. Ora nos é dificultoso, ora cercado de mistério, principalmente no que se refere a um grupo fechado, voltado sobre si mesmo como os judeus ortodoxos. Estes, mesmo comerciantes não o validam de forma simpática, marqueteira e, porque não pensar brasileira, com um jeitinho especial de lidar com clientes em potencial¹², pois os outsiders não representam uma parcela necessária para o desenvolvimento do comércio.

Apesar de, nos EUA, já ganharem significância importante, pois além de não serem consumidores, ou o público consumidor a ser visado, são indivíduos

¹² ver: Da Matta, *o que faz o Brasil Brasil?*. São Paulo. Rocco: 1984

extragrupo, significando quase sempre um problema estrutural de ordem teológica, pois os ortodoxos não se pretendem misturar com os demais, ao contrário, a distância, como já destacamos em outro lugar é almejada por eliminar a possibilidade de casamentos mistos, modernização da religiosidade.

Enfim, o campo por mais curioso e instigante que se nos apresente, nos primeiros passos já se mostrou dificultoso, desestimulador em alguns momentos e em outros até humilhante. Claro que essa parcela, apesar de ter sido a maior, não foi a única. O contato com algumas pessoas foi tão excitante que só em função desses interlocutores já valeria a pena todos os demais embates com o qual nos deparamos.

Nas citações, entrevistas, comentários, desabaços, enfim, toda vez que citarmos membros da comunidade judaica que nos prestaram um grande favor em nos ouvir insistentemente e até, importunamente, serão preservados seus nomes, e sua identidade. Nem sempre conseguíamos a informação de faixa etária, além disso, quase nunca conseguíamos especificamente a sinagoga a que pertenciam; expor essa informação soava como um abuso e, em raríssimos casos, se nos concediam tal informação, e em menos ainda o fizeram sem nenhuma expressão de insatisfação. A informação de gênero nos era evidente ao primeiro olhar.

Dentre todas as pessoas que conversamos, tivemos a oportunidade de conhecer um número muito ínfimo de pessoas que se mostraram rigorosamente seguras no que se referia ao universo *kasher*.

A internet constituiu um grande centro de informações para muitos religiosos que procuram se atualizar sobre os produtos *kasher*, ora em voga, repentinamente obsoletos para os padrões de qualidade de determinados

rabinos. Dentre os entrevistados a BDK¹³ constitui-se a principal fonte de informação sobre as atualizações freqüentes dos produtos *kasher* disponíveis no mercado.

Muitos jovens que vivem em famílias ortodoxas *kasher*, não se restringem a uma concepção *kasher* da vida.

“Não me informo muito... Em casa há produtos kasher, mas quem vê isso é minha mãe...”

Um achado interessante da pesquisa foi que, apesar de o judaísmo enfatizar a não importância dos benefícios à saúde como argumento para seguir uma dieta *kasher*, vemos alguns religiosos que ainda, mesmo que de uma forma mitologizada, atribuem valor salubre aos alimentos. Curioso o relato de uma entrevistada:

“Se a alimentação kasher que tenho disponível tiver gordura trans eu abro exceção e como algo não kasher, como vivo só preciso me preocupar com minha saúde, mas em situações assim quase sempre sigo uma dieta vegetariana, porque as ofertas e opções são poucas.”

¹³“BDK do Brasil: Assim como em todo mundo existem vários órgãos que autorizam o consumo de alimentos 'kosher' para suas comunidades, a BDK tem como meta analisar os milhares de produtos brasileiros, que já são 'kosher' por sua forma de fabricação mas ainda não são divulgados e autorizados para consumo. A BDK é composta por um rabinato (grupo de rabinos) que tem como função principal estudar e analisar cada produto, autorizá-lo ou reprová-lo, conforme as leis judaicas”.

Ver: WWW.bdk.com.br

Relatos infindos salientam a maior facilidade em se conseguir alimentos *kasher* atualmente em comparação com décadas passadas. Quase sempre as famílias ortodoxas, que se constituíam como religiosas nas gerações passadas, enfrentaram dificuldades para conseguir alimento que julgassem *kasher*. Métodos como salgar a própria carne, matar o próprio frango eram comuns nos anos 1980 no Brasil. É curioso observarmos como tais hábitos perderam um status *kasher*. Isto é, *kasher*, hoje, pode ser encontrado em supermercados, optar por ‘produzir seu próprio alimento’ é uma defraudação das extremas especificidades, vista como uma ausência de rigor *kasher* entre os religiosos ortodoxos.

Por sua vez, os judeus tradicionalistas, religiosos mas não seguidores da ortodoxia, ainda mantém hábitos como o salgar a própria carne, em função do custo reduzido e da não proximidade ideológica do mercado. Assim, aumenta-se o número de pessoas que se propõe a seguir uma dieta *kasher* no Brasil! As dificuldades em se encontrar produtos e a menor divulgação comunitária sobre a necessidade de tal rigor atraíam menos judeus a práticas tão complexas – muito mais atualmente em vista das gradações de marcas, produtos, tempo, enfim, construção alimentícia industrial e, particularmente, ritualística religiosa.

Como parte fundamental das refeições brasileiras, inclusive ganhando uma condição hierárquica superior aos demais alimentos, as carnes especificamente ganham um rigor maior por parte dos religiosos que se alimentam de modo *kasher*, ou que seguem as leis da *kashrut*. Mesmo que abram mão de determinadas nuances no que diz respeito à escolha e ingestão de determinados alimentos, não o fazem quando o assunto são as carnes.

Ganhando sobretudo o cuidado extremo de jamais relacioná-las com leite, como de costume nos mandamentos alimentícios judaicos¹⁴.

Além disso, o rigor em se manter uma dieta *kasher* também sofre, segundo os entrevistados, maior cuidado com as alimentações caseiras, sendo que fora do ambiente do lar, as demandas do trabalho, estudos e vivência social, ora segregam em definitivo religiosos que se mantêm inflexíveis em sua alimentação, isto é, a pressão social, a seletividade de relacionamentos com não judeus e as exigências de uma cultura que não se pretende nem valoriza hábitos religiosos diferenciais, trás em seu bojo dificuldades muitas, além das rotineiramente previsíveis, como a abstenção de alimentos e rígida disciplina comportamental.

Seja como for, encontramos várias oscilações quando o assunto da alimentação rumava para fronteiras distantes das sinagogas e de ambiente familiares, sobretudo o trabalho.

“Na medida do possível, levo minha comida fria (pão, frios e frutas) pra consumir no trabalho. Fora isso, não como.”

Em contraste ao depoimento acima vemos um religioso ortodoxo que se contorce com a questão alimentícia fora de casa:

“Como fazer se só há o restaurante da empresa? Abrir mão da alimentação do almoço? Levar de casa algo sem consistência alimentar?”

¹⁴ (Ver Deuteronômio 14:21) “...portanto sois povo santo ao Senhor, vosso Deus. Não cozerás o cabrito no leite da sua própria mãe”.

Fico sempre em crise quando como, por outro lado fico com fome quando não como. Vivo essa dificuldade diariamente. Sinceramente não sei bem como definir-me, por vezes fico semanas sem me alimentar no trabalho, em outros momentos me alimento, mas não sem peso na consciência.”

O hábito de se levar a comida de casa é comum para se precaver com possíveis eventualidades de não se encontrar alimentos *kasher* quando necessário, mas ainda sim, na capital de São Paulo, com a inferência dos selos e as listas de produtos¹⁵ válidos como *kasher*, é possível sobreviver com uma dieta que condiz com a doutrina religiosa; Assim, a possibilidade de se alimentar *kasher* é significativa para a classe que financeiramente consegue usufruir do mercado.

No que diz respeito ao item mencionado: O crescimento e a diversificação do mercado *kasher* em São Paulo, eis dois depoimentos:

*“**hoje** em dia a kashrut é bem difundida, é fácil localizar estabelecimentos que vendam produtos kasher ou identificar marcas globais que são kosher em ultimo caso come-se frutas ou leva produtos de casa mesmo ou comprados em alguma cidade de destino. como todos os itens de uma viagem ou ferias requer planejamento”.*

¹⁵ Tais listas são sugestões de produtos que determinados rabinos entendem como aptos para serem considerados *kasher*. É evidente que tais são mais que meras sugestões, mas sim o aval para o consumo de determinado produto em si, não só seu composto ou produção, mas sua marca vem em destaque, oficializando a compra desses produtos.

*“Não há **hoje** mais nenhuma dificuldade em seguir preceitos de kashrut em nossos dias, no que diz respeito á variedade de produtos industrializados é grande hoje aqui no Brasil”*

(Os grifos são meus)

Os indivíduos, ou famílias, que estritamente se alimentam *kasher*, sentem na pele as problemáticas de ainda se encontrarem em um país cujo mercado é resquício, monopolizado e dispendioso. Quando viajam para outros estados sentem a pouca oferta de alimentos *kasher* e o embate constante, encarado de forma altruística, no caso de não ter opções alimentícias, muitos deles se limitam, em viagens, a comerem grãos. Assim, vemos um *boom* em um mercado que se expande, mas ainda não satisfaz seus consumidores, principalmente em um momento em que a necessidade de se alimentar *kasher* através de produtos industrializados é fundamental para a existência espiritual, e obviamente, por extensão, física dos religiosos.

Mesmo assim, um número significativo dos ortodoxos acredita que os valores dos produtos *kasher* são dignos, e sua onerosidade se dá pelas necessidades de controle e supervisão, justificando os altos preços dos produtos. Assim:

“Para se fazer um produto kasher é necessário gastos extras, os valores não são necessariamente caros, depende da maneira em que os encaramos, pois a qualidade também é superior aos outros produtos¹⁶, só fica sem comer kasher quem quiser, sempre se dá um jeito. O problema é

¹⁶ Sérgio, Administrador de Empresa.

a pouca oferta. Falta de variedade, como já estive no exterior, sei que em outros países a variedade e oferta é bem maior .”

Outro relato:

“Não, não penso que os preços sejam elevados... Acho que tem sim um peso comercial, mas não que se sobreponha aos preços comum dos alimentos, pra mim é igual...”

Um fator muito comum são os indivíduos que seguem sozinhos, ou seja, sem a participação da família toda, a dieta *kasher*. Nesse caso as dificuldades são tamanhas, pois a segregação que o ambiente da rua tende a oferecer amplia-se em casa tanto em termos estruturais, com a separação de panelas, armários, talheres e a preparação dos alimentos, como em estilo e objetivos vivenciais.

“...os novos ortodoxos adotam diversas estratégias. No primeiro momento do processo de "re-etnização" religiosa, a escolha é por uma solução de compromisso, criando um sistema paralelo que se resume em manter uma dieta kasher exclusivamente em casa, privatizando, dessa forma, a nova identidade. Porém, à medida que o processo de conversão religiosa se aprofunda, é necessário dar o "pulo" - como denomina essa etapa o rabino Steinsaltz (1994), em clara referência à necessidade de optar, definitivamente, por um dos dois sistemas nos quais vivem os baalei teshuvá. É nessa fase que as leis dietéticas exercerão a função de reformular as fronteiras do grupo, estreitando o elenco de relações sociais permitidas, uma vez que os novos ortodoxos reduzem o seu círculo de amigos e as atividades de lazer, entre os quais a comida sempre tem e teve um papel fundamental. Assim, os encontros e as confraternizações se restringem a frequentar espaços ortodoxos, sejam públicos ou privados”. (Topel, 2003).

A ideologia estabelecida pelas diversas religiões para com a postura de seus fiéis é sempre um fator curioso que leva crentes a doarem todas suas economias, seu patrimônio em prol da instituição, em outros momentos o segmento de doutrinas os faz ‘brigar com o mundo’, isto é, viverem longe de todos os que não são iniciados, em outros... Entretanto, percebemos um grau de não perspicácia por grande parte dos judeus ortodoxos, no sentido de negarem olhar para o mercado *kasher* como um mercado, mas sempre como uma parcela inevitável de se viver religiosamente os preceitos.

“kashrut alem de ser alimento para o corpo é alimento para alma, comemos alimentos kasher por mandamento divino, não tem haver com condições financeiras. mas é bem provável que a pessoa adéqüe a sua alimentação ao seu bolso, mas isso ja é natural que ocorra. sendo kasher ou não quem ganha salário mínimo vai consumir de acordo com o seu bolso”¹⁷

Os valores¹⁸ sempre são um tema polêmico entre aqueles que se confrontam a este fato e discutem os produtos *kasher*. Alguns, como temos relatado, ou se alienam ou fazem vistas grossas, mas outros, apesar de continuarem a se submeter à dieta, se incomodam com os tramites onerosos do mercado. Um interlocutor o explicou nos seguintes termos:

¹⁷ Sandro, engenheiro.

¹⁸ Ver Capítulo V! Sobre a questão dos valores, a rigor, os produtos *kasher* são mais onerosos, em alguns casos seu encarecimento é exorbitante, gerando dificuldades para os que se decidem pela ortodoxia.

“Um aspecto que me incomoda no mercado kasher é que deveria haver um movimento de voluntários para visitar fabricas e certificar mais produtos que sejam kasher e mashguichim¹⁹ podem trabalhar, e se aumentar a oferta o preço baixa e todos podem comprar²⁰”.

Apesar desta observação, sua autora não julga que o mercado se sobrepõe de forma alguma à religião, mas atribui às rígidas especificações (que também atribui aos mandamentos e não a interesses mercadológicos) da *kasher* o custo elevado de tais mandamentos.

“Quando se é religioso e se quer mesmo comer kasher, dá-se um jeito²¹”

Em muitos casos, onde a oferta é insuficiente para se conseguir alimentar *kasher* de forma rigorosa, opta-se pela alimentação *parve*, isto é, sem a inclusão de carne ou leite, alimentos que nem sequer tiveram qualquer contato com seus derivados em nenhum processo de cozimento ou afins. *Parve* são os alimentos considerados neutros. Se, por ventura, um alimento *parve* for cozido em recipiente separado para laticínio ou carne, perde seu caráter *parve* e deve ser servido como o alimento para o qual se tenha especificamente separado o utensílio.

Ovos, peixes, frutas, hortaliças, grãos, cereais, sucos naturais, massas, café, chá, são exemplos de alimentos *parve*.

¹⁹ Aquele que é treinado para supervisionar a produção de alimentos *Kosher*. Supervisor Judeu. uma pessoa que vai verificar se realmente aquele estabelecimento é *Kasher*.

²⁰ Alice, publicitária.

²¹ Idem depoimento anterior.

Claro que dentre esses ainda existem outras especificações necessárias para tornar tais alimentos *kasher*, por exemplo, o peixe, que só ganha o status de apto para um religioso se possuir tanto escamas como nadadeiras. Já os ovos com cascas são *kasher* em essência, mas não podem possuir sinal de sangue e devem provir de uma ave *kasher*.

No que se refere às verduras naturais, o site *chabad*²² as libera como *kasher*, já as industrializadas sofrem uma ressalva:

*“Os vegetais processados, como os congelados ou enlatados, podem apresentar sérios problemas de cashrut. Podem conter ingredientes de carne ou leite ou terem sido processados em recipientes utilizados para carne e laticínios, ou fabricados na mesma divisão ou conectados a outros alimentos não-casher. Todos os alimentos naturais processados também requerem supervisão de cashrut de confiança, inclusive muitos produtos de soja, guloseimas e bebidas naturais.”*²³

É interessante como os alimentos que passam pela indústria formal ganham uma condição de maior rigor para tornar-se *kasher*. Isto abre espaço para sugerir que os produtos com aval ‘de confiança’ ao mesmo tempo em que eliminam a concorrência reforçam as indústrias filiadas ao rabinato.²⁴

A comida em si é uma expressão cultural, desde a seleção e disposição dos alimentos, até seus métodos de preparo e ingestão. Em casos infinitos a

²² <http://www.chabad.org.br>

²³ Data de acesso: 07/12/2009

²⁴ Explicarei com mais detalhes no capítulo V.

arte gastronômica consiste na construção de novas maneiras de preparo dos mesmos alimentos.

Por sua vez, a alimentação *kasher* que se formaram mais complexas com as migrações dos judeus e o aumento da complexidade da vida social, que originalmente nasce no Oriente Médio, abarca uma série de regras rituais, dentre tantos objetivos, visando à transmigração de hábitos alimentares do outro lado do mundo para o Brasil, por exemplo. A busca minuciosa e precisa por detalhes extremos dos componentes, misturas, significação, ingestão, preparo, enfim, os infintos tramites que circundam a culinária, a gastronomia, alimentação, a vida alimentar em si, no judaísmo baseiam-se em determinações divinas sobre a santidade do povo de Israel. Culturalmente organizam-se de forma a imbricar a religiosidade com os recursos passíveis de alcance.²⁵

Talvez poderíamos dizer que os elevados custos também partem dessa dificuldade em se produzir *kasher* em uma sociedade que não se propõe a tal. Mesmo assim devemos levar em consideração que, São Paulo, no que se refere ao Brasil, é um ponto privilegiado de oferecimento de produtos *kasher*. Nas demais cidades do país, há grande dificuldade para se encontrar *kasher*, excetuando-se mais algumas capitais, como Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte, embora, não tenham o mesmo leque de oferecimento *kasher* como em São Paulo. Não encontraremos *kasher* no interior, nem fora dessas cidades satélites, tornando a capital paulista, mesmo que deficitária do ponto de vista dos consumidores, ainda assim, a melhor opção de *kasher* no território brasileiro.

²⁵ Esse tópico será analisado no capítulo IV.

I.I Comida e Cultura

“A comida para os seres humanos é sempre cultura, nunca apenas natureza”

(Montanari, 2008)

O paladar sempre foi fator de grande importância no universo alimentício, suscitando preferências, inevitavelmente culturais, que favorecem nosso apreço pelo ato de nos alimentarmos. É claro que se no Brasil não há a oferta de determinada iguaria, é pouco provável que o alimento que mais me atraia o paladar seja tal.

Montanari (2008) fala sobre ‘*estruturas do gosto*’, de forma a considerar que em determinada cozinha que se propõe histórica, manter receitas antigas de forma imutável torna-se impossível, pois as sensibilidades locais, regionais e contemporâneas não se alcançam somente com a prática da culinária, assim, a dieta *kasher* que os ortodoxos lutam para construí-la segundo os mandamentos de uma época longínqua, segundo Montanari, jamais será alcançada de forma rigorosa, o mais provável é que aja um abasileiramento da dieta *kasher*, e que tal não se restrinja só aos limites geográficos mas aos temporais.

O sabor dos alimentos é secundário, obviamente, para os consumidores de produtos *kasher* submetidos às limitantes dietéticas religiosas, entre os alimentos *kasher* há variantes e opções que proporcionam gostos diferentes, mas, mesmo esses estão limitados às regras, o sabor, o prazer em alimentar-se não estabelece-se em primeiro lugar, mas sim ganha espaço depois com a criatividade dentro das especificações da dieta *kasher*. Não obstante, também

vemos uma construção, talvez abasileirada, de possibilidades *kasher* que se moldaram, ou foram construídas, para atenderem quer o paladar, quer uma regionalização, ora mercadológica, ora cultural da alimentação brasileira, como por exemplo, a pizza *kasher*.²⁶

Um fator indispensável ao se pensar a alimentação *kasher* é a coletividade. Mesmo que se coma determinada refeição solitariamente, há um elo determinado pela religião, porque o indivíduo sabe que outros também o fazem em seus respectivos convívios. O alimentar-se *kasher* sugere coletividade, comunhão, religião (evidentemente), e identidade.

²⁶ Existem pizzarias *kasher* em São Paulo.

I.II Um Pouco de Método

*“E mais surpreendente
ainda é sua cultura:
medra não do que come
porém do que jejua”.*

João Cabral de Melo Neto

A pesquisa será realizada, a partir do método etnográfico. Para Bronislau Malinowski (1978) a etnografia propicia ao pesquisador a reconstrução e transmissão de experiências de vidas diversas da dele. Malinowski desenvolve dois conceitos chave de sua teoria, e de todo o pesquisar antropológico a partir de então: O trabalho de campo e a observação participante.

Malinowski considera que a interação do antropólogo com os indivíduos é fundamental e indispensável para a apreensão da realidade a ser estudada. Além disso, afirma que a maneira como tais indivíduos elaboram as regras sociais tende à maximização de seus próprios interesses, assim, não só o que dizem que fazem, mas o que realmente executam deve ser alvo de análise e ênfase.

A teoria de Malinowski e seus apontamentos mostram o que é necessário a um etnógrafo desenvolver no campo, tendo em vista a observação direta da realidade dos nativos (observação participante). No caso dessa pesquisa um aspecto da realidade dos judeus ortodoxos que se fundamentam como um grupo endogâmico e com pouco, ou nenhum, contato com os demais membros da sociedade, a não ser, é claro, alguns contatos

inevitáveis, como questões de trabalho e em alguns casos estudos, ou comércio.

Sobre essas questões, como complementa Clifford Geertz (1989), os significados que os indivíduos atribuem a seus comportamentos devem ser cuidadosamente considerados. Geertz afirma, também, que o papel da etnografia é propiciar que o ato simbólico fale por si mesmo; sobre a cultura na vida humana, a etnografia constitui-se como um vocabulário que conduz a expressão desse ato.

Mais uma vez recorrendo a Geertz (1989: 32), em sua célebre afirmação de que, os antropólogos não estudam as aldeias e sim em aldeias, fizeram-se necessárias visitas para ouvir palestras, reuniões e eventos, como os que as instituições judaicas promovem por si mesmas, pois os indivíduos podem não interpretar um fato do mesmo modo que outros, sugerindo assim, em ambientes coletivos a possibilidade de contato com as mais diversas interpretações, ou seja, a pesquisa tentou em todo o seu desenrolar compreender o que os nativos pensam sobre si mesmos.

Geertz (1989) propõe ainda que, os indivíduos são produtores de *estruturas psicológicas*, cujo intuito é guiar seus comportamentos. Frente a essas estruturas trabalhamos com entrevistas que nos proporcionaram um contato direto, no sentido de ouvir sobre as questões que temos levantado de judeus ortodoxos em diversas posições sociais e econômicas.

Segundo Marcel Mauss (1974), só poderemos assegurar que o *sentido* de uma instituição foi atingido, quando pudermos reviver sua incidência sobre uma consciência individual. Buscaremos perceber essa incidência, além das observações feitas em grupo, utilizando-nos de entrevistas que nos ajudem a

desconstruir desconstruam a trajetória de vida de alguns indivíduos, com o objetivo de nos depararmos com o modo em que sua história ecoa sobre as mudanças do mercado *kasher*.

“O que precisamos encontrar é uma realidade concreta que somente a observação história e etnográfica nos pode revelar” (Durkheim 1989: 32).

Utilizamos também, a análise qualitativa, a partir da interpretação de entrevistas com consumidores, proprietários de estabelecimentos *kasher*, rabinos e indivíduos pertencentes às correntes diversas do judaísmo.

Na escolha dos entrevistados procuramos analisar a construção das relações entre parias, partindo de seu ponto de vista a fim de que os processos simbólicos fossem desvendados.

Para analisar as relações adotamos como base metodológica a pesquisa qualitativa que Maria Cecília de Souza Minayo, **‘Pesquisa Social e Criatividade’** (1994)²⁷. Segundo a autora, a pesquisa qualitativa trabalha com questões referente a valores, crenças, relações humanas, ou seja, universos que não estão explícitos.

“... ela trabalha com os universos de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos

²⁷ MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade, 1994

que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

(Minayo, 1994:21, 22).

Acreditamos que as relações no âmbito religioso, étnico e cultural, no que diz respeito ao judaísmo ortodoxo paulista se dão de forma subjetiva, não explícita, conseqüentemente a pesquisa qualitativa, através da observação participante, nos ajudou a aprofundar essas questões, pois trabalha com estes universos.

Assim, escolhemos a pesquisa qualitativa, pois essa se difere da quantitativa através dos métodos utilizados por cada uma delas. Enquanto a característica quantitativa é geralmente vista como uma proposta positivista do conhecimento, o modelo qualitativo, por sua vez, é caracterizado como uma perspectiva idealista-subjetivista.

Segundo Marli André (1991)²⁸; esta última

‘...concebe a realidade como um produto da mente humana, onde não há separação entre observador e objeto investigado, e onde fatos e valores, são considerados inextricavelmente interligados’. André (1991).

Durante a pesquisa procuramos conhecer em maior profundidade a reação psicológica do entrevistado ou seu envolvimento emocional, buscando qualificar os indivíduos através de abordagens que envolvem a análise de atitude, comportamento e motivação. Acreditamos que a pesquisa qualitativa

²⁸ ANDRE, Marli E. A. “Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Pesquisa: Oposição ou Convergência?”. Cadernos CERU, Série II, Número 3. Faculdade de Educação – USP, 1991.

nos permitiu apreender com maior profundidade os processos sociais investigados. Acreditamos, também, que a pesquisa qualitativa seja mais ‘rica’ que pode nos propiciar um campo maior de métodos.

Utilizamos como técnica a observação participante (participação plena) que Minayo (1994) define pela relação direta entre pesquisador e objeto de pesquisa.

“... caracterizada por um envolvimento por inteiro em todas as dimensões de vida do grupo a ser estudado”. (Minayo, 1994:60).

Além de utilizarmos a metodologia qualitativa de pesquisa, juntamente com a observação participante (participação plena), utilizamos métodos de entrevista não-diretiva (ou aprofundada), como técnica paralela de sistematização dos dados.

A entrevista não-diretiva ou entrevista aprofundada, é definida por Michel J. M. Thiollent, **‘Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operaria’** (1980)²⁹, define como uma entrevista iniciada através de um tema geral, permitindo que o entrevistado detenha toda a atitude de exploração. A entrevista não-diretiva favorece a captação de uma informação mais profunda que no caso de outros procedimentos, como por exemplo, o questionário quantitativo. Em nosso tema geral, as relações entre a ortodoxia judaica, o

²⁹ Thiollent, Michel J. M. Crítica Metodológica, Investigação social e enquete operaria. (1980).

mercado de produtos *kasher*, as relações econômicas, no qual o entrevistado respondeu sem se prender a questionários estabelecidos.

Com base nos autores que apresentamos e nas suas definições sobre pesquisa qualitativa e os métodos de entrevista não-diretiva, analisamos e discutimos nosso universo de pesquisa. As entrevistas “*não-diretivas*” nos proporcionaram situações que foram reveladoras, a tonalidade da voz, o silêncio, manifestações de indecisões, etc. Estas sensações dos entrevistados ficam visíveis nas entrevistas e foram consideradas no momento de suas análises.

Na metodologia qualitativa de pesquisa, o problema a ser investigado não é um juízo ou definição que o pesquisador possui sobre o determinado assunto a ser pesquisado adquirido de um distanciamento ou neutralidade (como já temos discutido), e sim de uma preparação, observação e participação no contexto a ser explorado. Com isso, habituei-me a realizar algumas conversas informais nas mais diversas oportunidades com alguns judeus, quer ortodoxos ou não, buscando desenvolver uma percepção do contexto a ser explorado.

O roteiro da entrevista foi construído com enfoque no objetivo e nas observações da pesquisa exploratória, visando amealhar informações que nos levassem a compreender o contexto a que nos propusermos pensar.

Thiollent analisa a escolha dos indivíduos como: “*Escolha de um pequeno número de pessoas diversificadas representativas do assunto estudado. Não se trata de amostragem, mas sim de seleção dos indivíduos em função dos critérios do investigador*”. (1987:86),

Por outro lado salienta Bourdieu:

“Embora as estatísticas que se baseiam nas declarações dos entrevistados e não em observação direta acabem superestimando a intensidade da prática (devido à propensão das pessoas entrevistadas a se aproximarem, pelo menos por meio do discurso, da prática reconhecida como legítima), elas permitem detectar a estrutura real da distribuição do capital cultural”.

Bourdieu (2007:299)

I.III O Ato de Alimentar-se

“Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntimas, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos...”

Campbell, 1994

Considerando Elias (1990), percebemos a influência das leis dietéticas em todos os aspectos da vida de um religioso³⁰. E tais leis ritualizam a existência e a essência do agir desses indivíduos. Mesmo que levamos em conta o poder da ideologia de entranhar tais conceitos, nos indivíduos que os circundam, devemos considerar como Hall (1999) que esse processo é maior do que uma carga ideológica, uma dialética retroalimentativa, em que as práticas sociais se imiscuem com a teorização das características, nesse caso religiosas, que motivam e impulsionam os indivíduos a se comprometerem com idéias comportamentais. Seria reducionista considerar que essa relação dos ortodoxos com a vida *kasher* se baseia unilateralmente em fatores ideológicos.

“nenhuma experiência é demasiado simples para entrar no ritual e receber um sentido elevado. Quanto mais pessoal e íntima é a fonte

³⁰ Em conversa com um rabino intelectualizado, que cursa pós graduação em uma universidade de renome, ele me disse que se tais princípios básicos da religião caíssem por terra, toda sua vida desmoronaria, pois, até então (palavras dele) ele não sabia o que era viver fora do contexto da ortodoxia.

de simbolismo ritual, tanto mais diz sua mensagem. Quanto mais o símbolo é extraído do fundo comum da experiência humana, tanto mais ampla e certa sua receptividade” (Elias, 1993:142).

Analisar as motivações dos judeus ortodoxos sobre o ato de se alimentar é fundamental no que diz respeito à sua construção ritualística, e por sua vez, identitária. A comida *kasher*, circunscrita em um universo que une infinitos fatores identitários, desde a tradição familiar, como a convicção ideológica, ressalta a construção e continuidade da comunidade judaica, sobretudo ortodoxa, e estabelece padrões, mesmo que culturais e temporais, da vivência ortodoxa, em nosso caso, na e da cidade de São Paulo.

Devemos levar em consideração a hipótese de que a possibilidade, entre os ortodoxos, de se alimentar *kasher*, destacando o alto valor dos alimentos, significaria uma condição, um tanto quanto meritocrática, da família. Ou seja, o ato de comer tais produtos relaciona-se, também e não somente, à possibilidade financeira de aquisição dos mesmos, significando, além do ritual religioso, identitário e comunitário, um potencial de consumo, por parte da família ou indivíduo.

Geertz afirmou que o problema do homem no estudo antropológico não é de estranhar o outro, mas de estranhar a si mesmo, e ele aconselhava os estudiosos a se conhecerem melhor antes de analisarem outras sociedades. Devo admitir que tal empreitada foi não só um desafio, além de intelectual e investigatório, uma jornada de auto-conhecimento, no sentido de promover, não só um estranhamento no outro, mas sentir-me estranho em meio a um

universo tão rico e instigador e, até então, pouco explorado por pesquisadores brasileiros, sobretudo por nao-judeus.

Os sujeitos sociais estabelecem distinções norteadoras de comportamento e escolhas. Ora essas interpõem-se, ora sobrepõe-se, ora contradizem-se. Exemplos como belo e feio, útil e inútil, funcional e obsoleto, sagrado e profano, estão sempre a dizer, em alguns momentos a gritar, sobre classificações que visam objetivar as condutas.

O consumo alimentar nao se isenta a tal construção, pelo contrário, a reafirma e exemplifica. A necessidade fisiológica de alimentar-se perde esse caráter existencial físico e ganha significações e ramificações que transcendem (em vários momentos nem sequer se referem diretamente) à determinação biológica. A maneira, a quantidade, a seletividade, as demandas sociais e religiosas são a estilização de comportamentos sociais que interagem com o ato biológico da alimentação. As formas rumam para as funções, apresentam-se como hábitos corriqueiros e inocentes, mas se organizam-se com um viés propulsor de intenções sociais que vão além do que é aparente.

Em relação a isto, Bourdieu afirma:

“O gosto classifica aquele que procede à classssificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas. E, deste modo, a análise estatística mostra, por exemplo, que oposições de estrutura semelhante às que se observam em matéria de consumo alimentar: a antítese entre quantidade e qualidade, a grande comilança e os quitutes, a

substância e a forma ou as formas, encobre a oposição, associada a distanciamentos desiguais à necessidade, entre o gosto de necessidade – que, por sua vez, encaminha para alimentos, a um só tempo, mais nutritivos e mais econômicos – e o gosto de liberdade – ou de luxo – que, por oposição à comezaina popular, tende a deslocar a ênfase da matéria para a maneira (de apresentar, de servir, de comer, etc.) por um expediente de estilização que exige à forma e às formas que operem uma denegação da função.”

(Bourdieu 2007:13).

Finalmente em momentos muitos, durante as entrevistas, havia certa recusa em oferecer-me respostas sem rodeios ou, em outros aspectos, francas. A preocupação de que as informações oferecidas poderiam ser usadas de forma negativa pairava constantemente na postura dos entrevistados.

Por vezes o posicionamento esquivo ou evasivo dos entrevistados eram por mim repensados infinitas vezes. Buscando nas entrelinhas o que realmente significava nossa conversa. As leituras, os judeus ortodoxos que acabei conhecendo na universidade e o ruminar e intercalar das entrevistas foram concedendo-me um viés mais seguro dos possíveis desvios que ora geravam, ora sugeriam, ora explicitavam.

CAPÍTULO II - MAPEAMENTO DOS JUDEUS EM SÃO PAULO

“... Uma das funções do discurso etnológico é dizer coisas que são suportáveis quando se aplicam às populações distantes, com o devido respeito que lhes temos, mas que são muito menos suportáveis quando as relacionamos as nossas sociedades”.

Pierre Bourdieu.

II.I Alguns Dados Históricos da Comunidade Judaica de São Paulo

São Paulo, cidade brasileira com o maior número de judeus, sendo também uma megalópole que concentra empreendimentos de diversos setores, atraindo os imigrantes com seu potencial mercadológico, apresenta-se como uma vasta ‘aldeia’ como diria Geertz, para a empreitada de se encontrar respostas sobre o mercado *kasher*.

“O Município de São Paulo é, sob todos os pontos de vista, a capital cultural dos judeus brasileiros: maior centro urbano do país concentra a maior parte da comunidade do Estado: em 1980 mais de 92% de todos os judeus do Estado de São Paulo estavam na capital” (Decol, 1999:169).

Nos anos 1990³¹, havia 86.416 judeus no Brasil sendo que 70.960 estavam na região sudeste³², ou seja, a partir dos anos 80 e 90 82,2% dos judeus no Brasil concentravam-se na região sudeste.

Por sua vez, São Paulo concentrava 41.308 judeus em 1980 e 38.843 em 1991, quase 50% da população judaica no Brasil. Nas décadas de 1950 e 1980, enquanto São Paulo quase dobrou sua população judaica o Rio de Janeiro a aumentou em modestas duas mil pessoas, passando de 25 para quase 28 mil. Uma³³ concentração distrital (nos bairros) também ocorre, sendo que, no Bom Retiro, Jardim Paulista, Santa Cecília e Cerqueira César, habitavam, já na década de 1980, 50% da população judaica da capital paulista. Dados que demonstram uma aglutinação cada vez maior da comunidade, revelando, ao mesmo tempo, um potencial histórico empreendedor comum e, além disso, uma característica identitária unificadora.

Segundo os dados do IBGE³⁴ a população urbana de judeus em São Paulo em 1980 era de 89.969 e em 1990 de 85.821. Por sua vez, a rural, compunha-se de 1.826 na década de 1980 e passa a ser de 596 no ano de 1991. Para Decol³⁵ *“os imigrantes judeus começaram a chegar a números significativos ao Brasil a partir da década de 20”*. A comunidade judaica foi se estabelecendo com maior matalidade na década de 1970. A partir do censo de

³¹ IBGE, senso de 1990.

³² No século XX, os grandes fluxos migratórios judaicos já se destinavam à região sudeste. Onde se concentrava uma transição econômica gerando urbanização e uma sociedade industrial.

³³ IBGE, senso de 1980.

³⁴ (Decol, 1999: 156).

³⁵ René Decol desenvolve em sua tese de doutoramento uma análise das imigrações urbanas dos judeus para o Brasil. Enfocando a história, as dificuldades e origens das imigrações e do estabelecimento dos judeus no país. Perpassando por assuntos indissociáveis como religião, demografia, minorias, fecundidade, identidade, política. Seu trabalho foi de grande valia para nossa pesquisa. Concedeu-nos elementos para situarmos a conjuntura histórica de nossos nativos e entendermos com mais clareza seu contexto atual.

1980 é que vemos o percentual de judeus, nascidos no Brasil crescerem. (Decol; 1999: 2,37).

Ao olharmos para as imigrações mais populosas constataremos o caráter urbano dos judeus ao se instalarem no país. Em um segundo momento (como já citado) veremos que tal caráter urbano se torna aglutinador nas principais capitais do país, fator que propiciará aos imigrantes e aos seus descendentes maior mercado para atuação profissional, além de significativo número de pólos de identidade e, com o passar do tempo, crescente oferecimento de bens, serviços e produtos.

Assim, em sua análise dos censos de imigração judaica, Decol (1999) conclui que é determinante o que ele chama de “*vocação urbana*” dos judeus, destacando também fatos históricos, sendo que, a partir do século VIII, as cidades constituíam-se como único lugar em que os judeus conseguiam desenvolver-se socialmente sem preconceitos/discriminações, no que diz respeito à sua identidade, sobretudo religiosa.

Além disso, quando da chegada dos imigrantes no Estado de São Paulo, as possibilidades de instalação na capital eram mais promissoras em função da malha ferroviária proveniente do café, impulsionando os recém chegados a instalar-se na capital paulista, ou rumarem a ela em pouco tempo.

Citarei Rattner (1977:34) literalmente, pois, além de abordar aspectos que temos trabalhado, explica claramente um estabelecimento dos imigrantes judeus na cidade de São Paulo:

“os judeus brasileiros, conforme vimos vivem concentrados nos grandes centros urbanos, especialmente nas duas áreas metropolitanas,

Rio de Janeiro e São Paulo. Nestas cidades, eles tendem a uma concentração em determinadas áreas, nas quais criam para si condições de vida, embora menos particularistas e específicas do que no gueto, diferentes do ambiente geral da sociedade adotiva. A presença, em determinados bairros da capital, de várias sinagogas, escolas judaicas, açougues de carne kasher e sedes de clubes e associações voluntárias judaicas, conferiu a esses centros um poder atrativo muito grande sobre o imigrante recém-aportado”.

Desde a Antiguidade há um envolvimento dos judeus no comércio. Na verdade, essa característica urbana dos judeus é fundamental para a compreensão de sua identidade sócio-cultural. Os dados estatísticos (Rattner: 1977:39) mostram a grande ocupação dos judeus desde a Idade Média da Europa Oriental em cargos administrativos, científicos e artísticos, em detrimento dos demais setores. Em ocupações comerciais, a média de judeus comparada com o restante da população é praticamente o dobro. Vale ressaltar que são muitos desses judeus urbanizados que chegam ao Brasil.

“O crescimento da comunidade judaica brasileira foi intenso em dois momentos distintos: um que começa no meio da década de vinte e vai até 1937; e outro que começa no pós-guerra e vai até 1960. Assim, o primeiro dado censitário, o de 1940, já é resultado dos fluxos das décadas de 20 e 30. A partir de 40, os dados retrataram com clareza os novos movimentos: os fluxos do pós-guerra, na segunda metade da década de 40, decorrentes da ampla relocação de judeus sobreviventes do holocausto, e a migração

proveniente do Egito, do Líbano, e do Norte da África a partir dos nos 50.”
(Decol, 1999:161)

No que diz respeito ao tema que procurei abordar, até a década de 1980, não havia um comércio significativo de produtos *kasher* na cidade de São Paulo (menos ainda em outras localidades). Paralela e curiosamente, a comunidade não sofre um crescimento a partir dessa data, pelo contrario, dos anos 1980 aos 1990 há um decréscimo da população judaica no Brasil, tanto a urbana como a resquícia população rural, o que nos leva a uma pergunta fundamental: se não foi o aumento da população que gerou um crescimento vertiginoso do mercado *kasher*, qual seria sua causa?

Talvez possamos esboçar as seguintes hipóteses:

- 1) Aumento do número de judeus ortodoxos pelo processo de conversão à ortodoxia
- 2) Legitimidade da ortodoxia em todos os níveis judaicos
- 3) Deslegitimidade do judaísmo secular e liberal

Segundo o levantamento feito para essa pesquisa existem na cidade de São Paulo os seguintes estabelecimentos *kasher*:

II.II Breve Descrição da Oferta de Produtos *Kasher* na Cidade de São Paulo até a Década de 1990

BKA, Kehila e Kashrus, Beit Chabad, Kosher Mart Produtos Alimentícios Ltda e BDK, pertencentes às organizações ortodoxas, são supervisoras que emitem guias de produtos *kasher* e locais para consumi-los. Instruem os religiosos sobre as especificações dos produtos que são aprovados como aptos para o consumo dos judeus observantes, pois recebem o status *kasher*. Mas, a religião, em uma esfera global, encontra-se em um momento de mudanças contínuas, a modernidade implementa cada vez mais novos meios de subsistência, em alguns momentos são contrários ao exigido de um ortodoxo judeu.

A proximidade quase inevitável com *outsiders*, os meios de comunicação (tais como a internet) e, de forma mais incisiva a alimentação, ou a forma como nos alimentamos atualmente, pressionam os ortodoxos a organizarem-se para manter o que estabelecem como pureza. Ao mesmo tempo, essas organizações supervisoras, em função do jogo do mercado, vivenciam uma mudança constante dos produtos que ora são aprovados como *kasher* ora são reprovados explicitamente. A ‘validade *kasher*’, ou seja, a alta velocidade em que um produto é aprovado ou deixa de ser, como apto para ser ingerido por um religioso ortodoxo requer uma atualização constante.

O site da BKA emite uma sessão de ‘alertas’, cujo conteúdo propõe informar aos consumidores as marcas que devem ser consumidas e as que, por algum motivo, deixam de ser *kasher*.

Ilustrarei com três exemplos a complexidade e mudanças do que é considerado *kasher* para as organizações supervisoras:

*“Os Cremes Dentais **Sorriso Super Refrescante e Sorriso Dentes Brancos com Flúor e Cálcio**, até agora liberados em nossas listagens, tiveram recentes mudanças na sua composição”.*

*“Qualquer ALIMENTO QUE NECESSITA DE SUPERVISÃO, pode-se comprar em supermercados (ou outros pontos de venda onde não haja supervisão confiável) exclusivamente em pacotes inviolavelmente lacrados, e com selo ou carimbo de supervisão confiável, impresso ou afixado ao pacote. Portanto, carne comprada no supermercado Santa Luzia, com etiqueta própria da mesma, e com os dizeres \\\\\"carne Kosher Mehadrin\\\\\\\" e sem qualquer selo ou carimbo de supervisão **não é kosher e é proibido para o consumo**”.*³⁶

Nota de abertura do site da BDK:

“O BDK ao aprofundar-se nos estudos de kashrut no Brasil, visitando grandes fabricantes de produtos alimentícios e consultando especialistas internacionais da kashrut, passou a adequar um novo modo de operar no mercado, facilitando a divulgação dos resultados à comunidade. Os produtos divulgados pela BDK (Lista verde) trará os produtos Mehadrin.

³⁶ <http://www.bka.com.br/alertas.php> (os destaques em negrito e maiúsculas são provenientes do site).

*IMPORTANTE: como toda kashrut de lista orientamos ao consumidor que acompanhe frequentemente nosso site com seus alertas, pois eventualmente algum produto pode ser excluído, assim como muitos são incluídos. Recomendamos consultar o site para manter o guia de bolso impresso atualizado, já que sua edição é semestral”.*³⁷

Basicamente os estabelecimentos *kasher* situam-se nos bairros Higienópolis, Jardins e Bom Retiro. Há algumas lojas que se situam no Jardim América, uma no Consolação e uma no Morumbi. Esta situação contrasta abertamente com a anterior a 1990, época na qual a oferta de produtos *kasher* em São Paulo era muito pequena e pouco diversificada.

Todos os estabelecimentos especificamente *kasher* recebem um aval de supervisão de algum rabino da comunidade, que visa garantir as especificações religiosas da dieta *kasher*.

Seria lógico, ou pelo menos razoável, pensarmos que um fator interno tenha gerado tal alavanca mercadológica? Ou seria uma influência da solidificação do mercado capitalista de bens e produtos brasileiros que alcança despropositadamente – sem bater na porta nem pedir licença – a religião judaica, e nesse caso, talvez, sobretudo, o mercado que se dirige com maior vigor aos ortodoxos?

Essa interrogação se baseia no já mencionado fenômeno da redução da população judia de São Paulo.

³⁷ <http://www.bdk.com.br/> (visitado em 11-2008)

“A partir de 1980, tendo os fluxos migratórios de judeus se tornado insignificantes, o resultado global dos saldos vegetativo, migratório e atitudinal levou o total de judeus no Brasil a ver, pela primeira vez, seu número diminuído: de 90 mil em 1980 para pouco mais de 86 mil em 1991, um queda expressiva de 4,6% em apenas onze anos”. (Decol, 1999:163)

Bourdieu (1989) aponta para um possível movimento de universalização como um dos mecanismos mais poderosos que exerceriam influência sobre a ordem social, com o exercício de uma dominação simbólica. Assim, me parece as caracterizações entre os judeus ortodoxos e o mercado de produtos *kasher* tendem a se equivaler, já que, cada vez mais o mercado tem influenciado na conduta religiosa e a religião moldando-se pelo movimento do mercado. Haja vista que as organizações de venda e supervisão de produtos *kasher* são as mesmas, nos grandes centros do país.³⁸

Em meados da década de 1970 uma mudança na identidade coletiva ocorre na comunidade judaica em São Paulo. As instituições religiosas dão lugar a organizações recreativas, como clubes e ambientes mais liberais, substituindo as sinagogas de cunho liberal criadas pelos imigrantes que chegaram ao Brasil.

Segundo Topel (2005: 65):

“Além do mais, o status de “bom judeu” sofreu mudanças consideráveis nessa fase, e ser membro ou participante ativo de uma sinagoga já não constitui um indicador de prestígio, sendo substituído

³⁸ São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre.

pela atuação em instituições judaicas basicamente laicas, como clubes, organizações de assistência social, movimentos juvenis e instituições educativas”.

Há uma mudança estrutural no que se refere a identificação do judeu brasileiro, proveniente da Europa. Ele já não mais se via como alguém que se definia exclusivamente pela religião, menos ainda pela ortodoxia. Os recursos seculares, mesmo que esses estivessem ligados à religião (como os colégios), resultavam em uma modernização na forma de encarar-se como judeu e, por sua vez, uma absorção da ideologia secular.

Todavia, uma gama de atividades e instituições judaicas começa a ganhar vida no início da década de 1980. Topel também destaca que *‘só a partir do ano de 1974 se instituiu o primeiro Chabad na cidade de São Paulo’*; segundo a autora, o estabelecimento Chabad foi impulsionador de novas instituições e da construção de uma identidade judaica ortodoxa, porém abraileirada. Vale destacar que não só no Brasil o período de 1980 doravante torna-se promissor para o desenvolvimento do judaísmo ortodoxo: *“... no final da década de 1980 e inícios da década de 1990, milhares de judeus a abraçar o judaísmo ortodoxo”.*

Provavelmente, o fortalecimento da ortodoxia em São Paulo e no mundo inteiro seria o primeiro indício para dar resposta à pergunta sobre qual seria a causa do vertiginoso crescimento do mercado de produtos *kasher*, em um lapso tão curto. Tal fator ressalta a construção de uma rede vivencial judaica, ou seja, o mercado *kasher* (chamemos assim por ora) que circunscrevia o

judaísmo deixa de ser insignificante para tornar-se significativa e progressivamente crescente.

Com o aumento de atividades religiosas e sociais que visam resgatar valores ortodoxos e apregoar um retorno (*teshuvá*) ao judaísmo *haláchico* na comunidade judaica paulista, uma estrutura 'aquém muros' faz-se primordial para a consolidação dessa proposta. Nos EUA, por exemplo, na década de 1970, a dieta *kasher* foi considerada por alguns movimentos de jovens como um elemento de contracultura, algo com um espírito hippie, revolucionário...

II.III Ortopraxia Judaica

O judaísmo constitui-se como uma religião ortoprática, sendo as normas de conduta o pináculo da ortodoxia e a identificação com a religião. Sobre tal ortopraxia, as leis alimentares (rígidas leis) constituem-se como um dos pilares da caracterização da vivência judaica ortodoxa³⁹.

Em relação à parcela de ortodoxos da comunidade judaica de São Paulo Guertzenstein afirma:

“No entanto, temos que lembrar que os judeus ortodoxos são, uma pequena minoria entre os judeus que pouco ou nada conhecem das leis da doutrina rabínica e adotam um modelo de comportamento que tem como referência muitos dos mais variados hábitos dos diversos ambientes da sociedade em que se encontram” (2008:10).

A ortodoxia paulistana passa a existir de forma significativa na década de 1990, reconfigurando a identidade étnica da comunidade. As sinagogas tradicionais se estabelecem em São Paulo dos anos 1930 aos 1960.

Por sua vez, os clubes e as escolas seculares dos anos 1960 aos 1990, instituições recreativas (clubes, escolas) ocupam o lugar das sinagogas. Já as instituições ortodoxas surgem a partir dos anos 1990 e continuam crescendo progressivamente até os dias atuais.

³⁹ Sobre isso, os 613 mandamentos desenvolvidos por Maimônides a respeito das leis Mosaicas, constituem-se como base fundamental para o cotidiano judaico religioso. Moisés Maimônides, teólogo, filósofo e médico do século XII, que serviu na corte de Saladino.

Durante o processo de *teshuvá* (em que os judeus laicos optam por uma vida religiosa ortodoxa) as leis alimentares ocupam um papel tão significativo na identificação religiosa que passar a obedecê-las já se faz como sinal de que o indivíduo iniciou-se na vida, ou rituais, ortodoxos.

Topel (2005) encontra em seus entrevistados os dizeres como: “*Comer kasher me fez entender que estou no caminho certo*”, significando que a rotina e rituais de alimentação proporcionariam uma rota para os *baleei teshuvá* (judeus laicos que decidem tornarem-se ortodoxos) uma identificação com a religião, ou com a nova forma de religião vivenciada – a ortodoxia.

Entretanto, vale a pena reproduzir na íntegra, um depoimento sobre a *Kashrut* de uma religiosa ortodoxa citado pela autora, que relata a situação do mercado *kasher* paulistano nas décadas de 1930 a 1980.

“Na casa de meu pai, por exemplo, nós não comemos carne durante três anos seguidos, só frango, só galinha. É que não tinha shochet⁴⁰, não tinha asgachá⁴¹... o resto da comida? Era muito pouco o que podíamos comer, nada era desenvolvido como hoje. Você me pergunta como fazíamos então, os ortodoxos para comer, e eu lhe respondo: não comiam!” (Topel, 2005:78)

Há pouquíssimo material existente sobre a vida religiosa paulistana até a década de 1980. Em nosso caso o problema faz-se presente, porque todas as possibilidades de constatação sobre os produtos *kasher* se resumem em relatos como o visto acima, de ortodoxos evidenciando a sua ausência. Ao

⁴⁰ Do hebraico: Abatedouro ritual

⁴¹ Do hebraico: supervisão. Supervisor incumbido de verificar a idoneidade dos alimentos destinados ao consumo dos judeus observantes.

analisar o ‘quão ortodoxo’ eram os judeus na década de 1920 e 1930 na cidade de São Paulo, ainda Topel se depara com a informação de um rabino que se queixa do fato de que o ambiente influenciava de forma a fazer com que as pessoas se tornassem menos tradicionalistas, além do fato de haver *‘precariedade e inconstância no que diz respeito à oferta de produtos kasher’*. (Topel, 2005:77).

Deveras, esse quadro de escassez repercutia fortemente nas possibilidades do viver religioso, quadro esse superado a partir da década de 1990, pelo menos no que se refere ao oferecimento de bens religiosos.

Eis o relato de um religioso ortodoxo sobre esse tópico:

“Em São Paulo é mais fácil seguir uma dieta Kasher do que em qualquer outra cidade no Brasil, porém necessitaria de mais restaurantes, lojas kasher em vários pontos da cidade e preços mais acessíveis, que houvesse setores especializados em kasher em todos os bairros...”

A situação era tão escassa de produtos que até mesmo na década de 1950, muitas vezes, os religiosos tinham que matar pessoalmente o frango e fazer os pães sozinhos. O que, mais uma vez nos leva a pensar sobre quais fatores favoreceram essa virada monumental da inexistência para a grande oferta atual.

Hoje encontramos produtos *kasher* comercializados em redes de supermercados comuns como o Pão de Açúcar. Seria o fato do aumento da procura que trouxe junto consigo uma explosão dos produtos *kasher*? Quais as

implicações que esse aumento mercadológico acarretou para a idoneidade tão apregoada pelos ortodoxos?

Para ter um panorama claro de como opera a *kashrut* em São Paulo é importante salientar, atualmente, na cidade de São Paulo, a existência de organizações departamentais que se propõem fiscalizar as especificações necessárias para determinar a validade ou não da *kasherização* dos produtos. As comunidades *Chabad* e a *Comunidade Israelita Ortodoxa*⁴² são as de maior repercussão entre os consumidores. Mesmo os consumidores que não são ortodoxos preferem o aval de instituições ortodoxas como geradoras fiéis de produtos *kasher*.

Como sugere Guidens, as instituições se apertam e se repelem, mas encontram um ponto em comum, ora ou outra, nesse caso das instituições *kasher*: a legitimidade da ortodoxia.

“...as instituições sociais modernas são, sob alguns aspectos, únicas – diferentes em forma de todos os tipos de ordem tradicional. Capturar a natureza das descontinuidades em questão, devo dizer, é uma preliminar necessária para a análise do que a modernidade realmente é, bem como para o diagnóstico de suas conseqüências, para nós, no presente”.
(Guiddens, 1991:13).

Isso evidencia, ao menos, o poder das instituições, como um fenômeno social geral, alcançando no caso específico as organizações avaliadoras da *kasherização* dos alimentos.

⁴² Supervisionada pelo rabino Meir Avrahan Ilovits

Tabela 1 – Estabelecimentos *Kasher* em São Paulo**AÇOUGUE KASHER**

R. Fortunato, 241 – Jardim América
Tel.: (011)221-2240

ALBEE IMP.

R. Ribeiro da Silva 793
Campos Elísios 01217-001
Tel: (011) 825-0082
Fax: (011) 825-5271
Tipo: Importador/Distribuidor

ALL KOSHER

Alameda Barros, 391 loja 12 - Higienópolis
Tel.: 3825-1131, 3667-0059
Aberto: 8:30 - 18:30
Tipo: Mercado
Supervisão Casher: n/a

BDK

<http://www.bdk.com.br>
Tel.: (11) 3082-9295
Tipo: Supervisão casher e lista de produtos
Supervisão Casher: Rab. S. A. Havlin

BKA

<http://www.bka.com.br>
Tel.: (11) 3361-7857
Tipo: Supervisão casher e lista de produtos
Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

BENI'S PEIXARIA

Rua Mamoré, 214 - Bom Retiro
Tel.: 3333-6411
Aberto: 8:00 - 17:00
Tipo: Peixaria
Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

BRIUT CHOCOLATES

Rua José Paulino, 226 loja 48 - Bom Retiro

Tel.: 3221-1940

Aberto: 8:00 - 17:30

Tipo: Chocolates, biscoitos, etc.

Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

BUFFET CHARLOT

Av. João Dias, 266

Tel.: (011)523-7788

Supervisão: Rabinos David Weitman e E. Laniado

BUFFET FRANÇA

Av. Angélica, 750/752

Tel.: (011) 3662-6111/6222

Supervisão: Rabino H. L. Begun

BUFFET LEOPOLDO

Tel.: (011) 829-2345

Tel.: (011) 829-2850

Supervisão: Rabino Shamaí Ende

BUFFET MENORÁ

R. Maranhão, 404 Higienópolis

Tel.: (011)825-3422

Fax: (011)826-8883

BUFFET MOSAICO (A HEBRAICA)

R. Hungria, 1000

Tel.: (011) 818-8800

Supervisão: Rab.B. E. Valt

BUFFET TORRES

R. Horácio Lafer, 430

Tel.: (011) 210-0891

Supervisão: Rabino Shamaí Ende

BUFFET NAGUILA

Rua Gabriel dos Santos, 167 - Higienópolis

Tel.: 3822-4867

Aberto: 10:00 - 23:00

Tipo: Restaurante

Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

CANTINA DO BERÔ - KOSHER PIZZA

Rua Pe. João Manoel, 881 - Jardins

Tel.: 3064-9022

Aberto: 19:00 - 23:00

Tipo: Restaurante de Leite com delivery

Supervisão Casher: Rab. Shamaí Ende

CARMEL EMPÓRIO

Al. Barros, 459 - Higienópolis

Tipo: Empório

CASA Sta. LUIZA

Al. Lorena, 1471 - Jardins

Tel. 3083.5844

CASA MENORAH

R. Guarani, 114 – Bom Retiro

Tel: (011) 228-6105

CASA ZILANNA

Rua Itambé, 506 - Higienópolis

Tel.: 3256-5053, 3257-8671

Aberto: 8:30 - 19:00

Tipo: Mercado (também produtos não-casher)

Supervisão Casher: n/a

CASHER VETAIM

Rua Cândido Espinheira, 59 - Higienópolis

Tel.: 3663-4960

Aberto: 8:00 - 17:00

Tipo: Fast food (leite) & padaria

CHOCOLATES TNUVA

Rua Guarani, 221 – Bom Retiro

Supervisão: Rabino M. A. Iliovits

CLARICE CHOCOLATES

Rua Solon, 461 - Bom Retiro

Tel.: 3225-9593

Aberto: 8:00 - 17:00

Tipo: Bolos, chocolates, salgados e eventos

Supervisão Kasher: Rab. Henrique Begun

COLÉGIO IAVNE

Rua Pe. João Manoel, 727 - Jardins

Tel.: 3088-5111

Aberto: 7:00 - 17:00

Tipo: Almoço e padaria

Supervisão Casher: Rab. Eliyahu B. Valt

COM. DE DOCES AMAZONAS

R. Amazonas, 91 – Bom Retiro

(011) 229-1336

DOCEIRAS KASHER

(supervisão dos Rabinos D. Weitman e E. Laniado)

Arlete Cohen

Tel.(011)825-6713

Faridje Turkie

Tel.(011)211-4608

Lizette Khafif

Tel.(011)3667-2924

Nina Khafif

Tel.(011)3666-8135

Sheila Khafif

Tel.(011)3667-8240

Raquel Shame

Tel.(011)3066-9696

Rosa Khibzo

Tel.(011)825- 8207

DOCEKASHER.COM

Tel: (011) 8165-0199

Web site www.docekasher.com

Tipo: Doceria

EMPÓRIO KASHER

Rua Newton Prado, 186 - Bom Retiro

Tel.: 3337-1990, 3331-2058

Aberto: 8:00 - 17:00

Tipo: Padaria, frios, congelados, salgados

Supervisão Casher: Rab. Shamaí Ende

ESSEN HOUSE*

Baronesa de Itu , 481 - Higienópolis
Tel: (011)66-6268

FAST FOOD MATOK

Alameda Barros 859, Higienopolis
Tel: (11)3661-2111
Pizza, Sorvete, Refeições...

GOODY

Rua Correa de Melo, 123 - Bom Retiro
Tel.: 3331-1288
Aberto: 8:00 - 16:00
Tipo: Restaurante de Leite e padaria
Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

HOTEL INTERCONTINENTAL

Al Santos, 1123 J. América
Tel.: (011) 3179-2611
Supervisão do Rabino Shamaí Ende

JACKY CAFÉ

Rua Rosa e Silva, 146 - Higienópolis
Tel.: 3826-3537
Aberto: 7:00 - 18:00
Tipo: Restaurante de Leite e padaria
Supervisão Casher: Rab. Y. D. Horowitz

KINERET

Rua Rosa e Silva, 222-B - Higienópolis
Tel.: 3825-2579, 3826-7722
Aberto: 10:00 - 15:00, 19:00 - 23:00
Tipo: Restaurante
Supervisão Casher: Rabinato Beit Yaacov

KOSHER CENTER

Rua Prates, 599 - Bom Retiro
Tel.: 3311-7200
Aberto: 8:00 - 18:00
Tipo: Mercado, restaurante e padaria
Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

KOSHER DELIGHT

Rua Baronesa de Itu, 436 - Higienópolis
Tel.: 3661-3106, 3825-7658, 3825-6657
Aberto: 7:00 - 18:00
Tipo: Fast food e padaria
Supervisão Casher: Rab. Y. D. Horowitz

KOSHER EXPRESS

Tupi, 506 - Higienópolis
Tel.: (011) 3667-0863
Tipo: Boutique de Carne/Açougue
Supervisão: Rabinos D. Weitman, Michaan e E.Laniado

KOSHERMART

R. Tenente Pena, 187
tel./fax.: (011) 221-7299/ 220-6619
Tipo: Importador/Distribuidor

KOSHER MEAL -1000 DELÍCIAS

R. da Consolação, 3679 - Consolação
Tel.: (011) 852-6473/ 3061-9897
Tipo: Restaurante
Supervisão do Rabino H. L. Begun

KOSHER PIZZA

R. Pe João Manuel, 801 – Jardim América
Tel.: (011) 0800-114-666
Tipo: Restaurante
Supervisão: Rabino Shamaí Ende

KUCINA

Av. Albert Einstein, 627, Átrio - Morumbi
Tel.: 3747-0928
Aberto: 12:00 - 21:00
Tipo: Restaurante de Leite
Supervisão Casher: Rabinato Beit Yaacov

LIVENN

Alameda Barros, 874 - Higienópolis
Tel.: 3825-4986
Aberto: 8:00 - 18:00
Tipo: Açougue
Supervisão Casher: Rabinato Beit Yaacov

LIVENN

Rua Pe. João Manoel, 730 - Jardins
Tel.: 3081-3371, 3081-7013, 3081 7781
Aberto: 7:00 - 18:00
Tipo: Açougue
Supervisão Casher: Rabinato Beit Yaacov

LDZ IMP.

Tel: (011) 849-0067
Tipo: Importador/Distribuidor

LOJA SAINT GERMAIN

Rua Manuel Guedes, n. 110 - Itaim Bibi
Tel. (11) 3167-5400

MAISON MENORÁ

R. Maranhão, 404 - Higienópolis
Tel.: (011)825-3422
Fax: (011)826-8883
Supervisão: C. Zeitune.

MATOK

Alameda Barros, 921 - Higienópolis
Tel.: 3661-0212
Aberto: 9:30 - 21:00
Tipo: Restaurante de Leite com delivery e padaria
Supervisão Casher: Rab. Isaac Dichi

MAZAL TOV

Rua Peixoto Gomide, 1724 - Jardins
Tel.: 3061-0179, 3899-0204
Aberto: 9:00 - 18:45
Tipo: Mercado
Supervisão Casher: n/a

MEHADRIN

Alameda Barros, 705 - Higienópolis
Tel.: 3663-4108
Aberto: 8:15 - 17:30
Tipo: Açougue
Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

MEHADRIN

Rua Prates, 689 - Bom Retiro

Tel.: 3313-3555
Aberto: 8:00 - 18:00
Tipo: Açougue
Supervisão Casher: Rab. Meir A. Iliovitz

MEHADRIN

Rua Peixoto Gomide, 1756 - Jardins
Tel.: 3083-7871
Aberto: 9:00 - 19:00
Tipo: Restaurante e açougue
Supervisão Kashér: Rab. Meir A. Iliovitz

MEHADRIN

S. Vicente de Paulo, 210 - Higienópolis
Tel.: (011) 3667-9090
Tipo: Açougue
Supervisão do Rabino M. A. Iliovits

OPEN HOUSE - ARLETE COHEN

R. Tupi, 798 - Higienópolis
(011)825-6713 / (011)826-7329
Supervisão: Rab.D.Weitman

PÃO DE AÇÚCAR

Av. Angélica, 1696 - Higienópolis

PÃO DE AÇÚCAR

R. Maranhão, 846 – Higienópolis

PÃO DE AÇÚCAR

Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1351 – Jardim América

PÃO DE AÇÚCAR

Al. Ministro Rocha Azevedo, 1136 – Jardim América

PARDESS

Rua Pe. João Manoel, 732 - Jardins
Tel.: 3068-9093
Aberto: 9:00 - 18:30
Tipo: Mercado
Supervisão Casher: n/a

PARDESS LATICÍNIOS

R. H. Lobo, 1002 – Jardim América
Tel.: (011) 3068.9093
Supervisão: Rabino H. L. Begun

RESTAURANTE DO BEIT CHINUCH

R. Pe João Manuel, 727 – Jardim América

Tel.: (011) 280-5111

Tipo: Restaurante a quilo

Aberto também aos domingos

Supervisão: Rab.B. E. Valt

RESTAURANTE E BUFFET MOSAICO

R. Hungria, 1000 – Cidade Jardim/Morumbi

Tel.: (011) 818-8800

Supervisão: Rab.B. E. Valt

(A Hebraica)

SAVÓIA

R. Cons. Brotero, 907/81 - Higienópolis

Tel/Fax.: (011) 3662-1188

Supervisão: Rabinos D. Weitman e E. Laniado

SHOPPING CONCEIÇA

R. Baronesa de Itú, 774/780 – Higienópolis

Tel.: (011) 3666.1769

SUPERMERCADO STA. LUZIA

Al. Lorena, 1471 – Jardim América

Tel.: (011) 883-5844

SUPERMERCADOS ELDORADO

R. Pamplona, 1704 – Jardim América

Tel.: (011) 887-0077

TAIM FOOD

Tel.: (011) 853-3547/221-1308

Fax.: (011) 222-5674

Tipo: Importador/Distribuidor

TNUVA

Centro Comercial - Bom Retiro

Tel.: 48 – 221.1940

Supervisão do Rabino M. A. Illovits

VINHOS GUÉFEN - MARCOS ISRAEL KLEJMAN

Tel.: (011) 228-0569

Tipo: Importador/Distribuidor

Supervisão: Rabinos M. A Iliovits, H.L. Begun e I. Dichi

WAL MART

R. James Holland, 668 - Higienópolis

(011) 6915-3700

YOBO'S

Pizza Kosher Delivery

Tel.: (11) 3668-9479

ZILANNA

R. Itambé, 506 – Bom Retiro

Tel. (011) 3257.8671

Tabela 2 – Valores Comparativos Açougue *kasher*/ Açougue não-*kasher*.

Tipos de Alimentos	Alimentos Kasher	Alimentos Não-Kasher	Percentualmente
Açougue			
Acem	R\$ 65	R\$ 8,90	70%
Contra Filé	R\$ 36,90	R\$ 12,80	30%
Filé Mignon	R\$ 46	R\$ 17,80	27%
Músculo	R\$ 9,80	R\$ 8,60	11%
Picanha	R\$ 30	R\$ 22,50	13%
Coração de Paleta	R\$ 42	R\$ 19,30	21%
Costela (capa de filé)	R\$ 43	R\$ 19,90	22%

CAPÍTULO III - O PRINCÍPIO DA *KASHRUT* E A SACRALIZAÇÃO DO POVO JUDEU

“Quanto mais organizado e simples nos parece certo caminho, mais temos a impressão de estarmos errados.”

Clifford Geertz

III.I Fontes Judaicas, os Mandamentos e a Importância da *Kashrut* para a Ortodoxia Judaica.

Há séculos, religiosos e laicos, judeus e não judeus, estudiosos e curiosos, tentam decifrar os fatores aglutinadores da identidade e etnia judaicas, atuais e passadas, religiosa e laica. A diversidade de conceitos e explicações é imensa. Inúmeros fatores desencadeiam, por sua vez, dificuldades para se chegar a um consenso sobre tal tema. Não obstante, um fator determinante (decisivo) para a definição de um judeu (ortodoxo), é a dieta *kasher*⁴³.

Kasher,⁴⁴ em hebraico, significa apto, idôneo, se refere às leis de alimentação que observam os judeus religiosos ortodoxos, origina-se com as restrições sobre animais puros e impuros e algumas indicações sobre a maneira do preparo de tais alimentos. Segundo Kolatch (2005), o termo *kasher* modifica-se posteriormente até alcançar o status de “em condições para uso

⁴³ Que junto com as leis do *shabat* e as leis de pureza familiar, constituem os 3 pilares da ortodoxia judaica.

⁴⁴ O termo aparece na Bíblia Hebraica, nos livros de Ester 8:05 e Eclesiastes 11:06.

ritual". No livro de Levítico (em todo o capítulo 11) há uma série de restrições sobre os animais que o povo hebreu podia consumir, significando uma divisão entre puros e impuros, limpos ou imundos. Entretanto, o termo *kasher* não se refere especificamente a alimentos, mas a todo um estilo de vida, em que até mesmo medicamentos, objetos, locais e pessoas podem ser classificados como *kasher*, significando 'santificado', 'separado', fora do contexto comum.

kashrut (em hebraico: כַּשְׁרוּת), também conhecido como *kashruth* ou *kashrus* na tradição asquenazita, é o termo que se refere às leis alimentares do judaísmo. Os judeus que seguem o *kashrut* não podem consumir comida não-*kosher*, porém existem exceções quanto à utilização não-alimentícia de produtos não-*kosher*, como, por exemplo, numa injeção de insulina de origem porcina ministrada a um diabético.

A comida que não estiver de acordo com a lei judaica é chamada *treif* ou *treyf* (em iídiche: טרייף, do hebraico טְרֵפָה, transl. *trēfáh*). Num sentido mais técnico, *treif* significa "rasgado" e se refere à carne de qualquer animal contendo algum defeito que o tornasse impróprio para o abate. Um animal que tenha morrido por qualquer meio que não o sacrifício ritual é chamado de *neveila*, que significa literalmente "coisa suja".

Muitas das leis básicas da *kashrut* derivaram de dois livros da Torá, o Levítico e o Deuteronômio, com a adição dos detalhes estabelecidos pela lei oral (a Mishná e o Talmude) e codificadas no *Shulkhan Arukh* e pelas autoridades rabínicas posteriores. A Torá não afirma explicitamente o motivo das leis da *kashrut*, e diversas razões foram apresentadas para estas leis, desde filosóficas e ritualísticas, até práticas e higiênicas.

Por extensão, a palavra *kosher* passou a significar "legítimo", "aceitável", "genuíno" ou "autêntico". Por exemplo, o Talmude Babilônico se refere ao rei Dario I da Pérsia, que ajudou a construir o Segundo Templo, como um "rei kosher". A tradução se refere a 'kosher' no sentido de "virtuoso", "correto".⁴⁵

Entre os alimentos *taref* ou *treif* podemos citar: carne de porco, camarão, lagosta, todos os frutos do mar, peixes que não possuem escamas, carne com sangue, e qualquer alimento que misture carne e leite.

A palavra sagrado, em hebraico *kedusha*, deriva da palavra *kadosh*, cujo significado é "separado". Algo que é sagrado é algo diferente. Todo tipo de comida próprio para ser ingerido é chamado de *kosher* (palavra derivada de *kasher*, em hebraico, que significa "bom", "próprio", "justo" e "correto"). Porém, essa palavra inicialmente não era utilizada para referir à comida. Inicialmente *kasher* tinha o significado de "bom", posteriormente a literatura rabínica usou-a para os objetos utilizados nos rituais (*talit*, *tefillin*, etc.) e significava "próprio para o uso em rituais". Hoje a palavra também é usada para designar as pessoas que são "próprias" e capazes de julgar o que é "próprio" e "bom".

É importante repetir o fato de que *kasher* não se restringe a alimentos, assim como outras regras alimentares, em outras culturas, extrapolam a dimensão da culinária.

Bourdieu explica a existência de relações entre culinária e cultura quando afirma:

⁴⁵ O islamismo também tem um sistema relacionado, embora diferente, chamado de *halal*, e os dois possuem um sistema comparável de sacrifício ritual (*shechita* no judaísmo e *dhabihah* no islã).

“É evidente que não se pode autonomizar os consumos alimentares – sobretudo apreendidos unicamente através dos produtos consumidos – em relação ao conjunto do estilo de vida”
(Bourdieu 2006:176).

Em nossa pesquisa, limitar-nos-emos a pensar as relações implícitas aos alimentos *kasher*. Tal recorte se deu em função de nosso foco se originar na relação do mercado capitalista econômico ocidental da atualidade, frente a axiomas da religião judaica e sua inter-relação, seu diálogo, com o sistema.

Como se retroalimentam o mercado e o judaísmo? De que forma esse diálogo traz influências, e quais são elas (se é que existem) nessa esfera da religião que se apresenta através dos produtos *kasher* (e porque não dizermos, do viver *kasher*)? Nosso recorte, pensado antropologicamente, nos levará a travar relação com a ritualização do ato de alimentar-se. Nesse caso em um contexto de alimentação que, em muitos momentos, define a identidade do grupo e estabelece limites entre judeus e não judeus.

Kasher transcende a barreira do mercado e dos alimentos em específicos. A especificidade, o método de preparo, o processamento dos alimentos, o dia em que se come (o sábado requer uma ingestão de alimentos que não foram cozidos no mesmo dia, pois significaria trabalho e não descanso, como estabelece a religião). Nem sequer os animais que ficaram enfermos são dignos de ser *kasher*, são considerados impuros.

Os hábitos alimentares têm influenciado culturas, apontado causas históricas para comportamentos e caracterizações sociais.

É interessante a colocação de Borg (55: 2006):

“Presentear e compartilhar refeições foram provavelmente as primeiras formas de interação humana, possivelmente até mais fundamentais do que o sexo como atividade de união”

No que se referem ao Brasil, em linhas gerais, as principais características do padrão de consumo e dos hábitos alimentares da sociedade colonial brasileira referem-se a foram produtos do sincretismo alimentar das cozinhas (culinárias) do índio brasileiro, do negro africano e do branco português. Para Freyre (2007:31), os hábitos de alimentação, assim como os homens, se mestiçaram, constituíram o que ele considera a verdadeira cozinha brasileira – ou deveríamos dizer hábitos alimentares abasileirados?

A alimentação sempre foi fator curioso e determinante social, ora definindo padrões, ora se enquadrando e definindo condições estruturais da sociedade.⁴⁶ Assim, por exemplo, no século XVIII, antes da revolução industrial, o horário comum do jantar de um europeu médio era próximo às 16 horas. Com a revolução industrial, em que os homens passaram a chegar em casa mais tarde, um chá da tarde foi instituído e o jantar postergado para próximo das 19 horas. O que diremos sobre o ‘santo daime’, chá que ainda gera polêmica no Brasil, mas que se constitui como ponto chave de todo o

⁴⁶ Jean-Pierre Poulain. *Sociologias da Alimentação : os Comedores e o Espaço Social Alimentar*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2004.

ritual da religião da floresta, em que toda sua doutrina é baseada na ingestão de uma bebida alucinógena sacramental?

Por sua vez, as leis dietéticas judaicas se organizam ao redor dos conceitos de pureza e impureza. Tais conceitos estão diretamente relacionados com a relação identitária do indivíduo com o grupo. Mary Douglas em *Pureza e Perigo* (1966) demonstra como tais conceitos se propõem não morais, e se constituem normas de classificação, não se relacionando a motivos higiênicos, de limpeza ou algo semelhante, que poderia motivar os judeus a agirem alimenticiamente de tal forma, segundo tal dieta.

III.II A Kashrut No Dia-A-Dia: Da Teoria À Prática

A prática de se estabelecer um ambiente *kasher*, sobretudo a cozinha, quase sempre fica sobre o encargo de um especialista. As diversas correntes ortodoxas afirmam que a salubridade não é o motivo para a observância das leis da *kashrut*, sendo que seu intuito se constitui-se como mandato divino de santificação. Os possíveis benefícios para a saúde serão bem vindos, mas com certeza não determinantes⁴⁷: “... a finalidade das leis alimentares era trazer santidade e união para o povo judeu e não boa saúde” (Kolatch, 2005:96). Atualmente, em São Paulo, com tantos alimentos industrializados existe uma comissão rabínica responsável em verificar se estes alimentos são ou não *kasher*: a BDK (Beit din Kasherut).

“Pois eu sou o Senhor vosso Deus; portanto, vós vos santificareis e sereis santos, porque eu sou santo...” (Levítico 11:44)⁴⁸

Algumas instituições⁴⁹ emitem listas de produtos e marcas *kasher*, um tanto quanto didáticas, com o intuito de guiar o consumidor, que quase sempre se resume em ortodoxos.

Por exemplo, o refrigerante Coca-Cola é *kasher*, mas a Fanta e o Guaraná Kuat que pertencem à mesma companhia de refrigerantes não o são; por sua vez, o Guaraná Antarctica é *kasher*, consumido até entre as correntes

⁴⁷ O termo *chukim*, significa a obrigatoriedade de se cumprir uma lei mesmo que não seja compreendida racionalmente.

⁴⁸ Alguns versículos que tratam de alimentação na Torá: LV 7:22-27; LV 19:26; LV 11:01-40; LV 17:10-16; LV 22:01-33.

⁴⁹ Já citadas.

mais radicais, que junto à sofisticação do mercado alimentício, de forma geral e dos diferentes veredictos das organizações tornam a análise do mercado *kasher* muito complexa.

Tem havido uma variedade de produtos e crescimento dos mesmos, a coca cola, como já citamos, para os ortodoxos é liberada, o Rabbi Tobias Geffen, um rabino ortodoxo norte-americano é o responsável pela *kasherização* da coca cola⁵⁰. Segundo a *American Jewish Historical Society*, a investigação da fórmula da coca-cola por tal rabino corrobora a constituição *kasher* de sua fórmula, permitindo/liberando a ingestão de tal alimento. No Brasil, correntes ultra-ortodoxas só consomem essa bebida após a inserção do selo *kasher* em seu rótulo. O processo de ganho desse selo se dá quando a engarrafadora da Coca Cola Company paga a sua supervisão por um dia, ou seja, aquele lote de produção foi feito com a presença de um rabino e/ou auxiliar⁵¹. Nada mais muda em seu produto e o rótulo leva o símbolo (U) ou a palavra KASHER. Nada mais, apenas o custo adicional de 10 a 15 por cento que é cobrado pelo rabino mais as despesas extras, comida, hotel, avião, etc.⁵²

O sentar-se à mesa com um outsider⁵³ é uma atitude encarada de forma receosa pelos ortodoxos. A construção da identidade religiosa e grupal fundamenta de forma definidora não só a dieta diária, mas todo o ritual que envolve a alimentação. Ser *kasher* é não só a escolha dos alimentos, mas todo o processo desde o abatimento do animal (quando nos referimos à carne), até o pôr a mesa, as preces antes da para a ingestão dos alimentos.

⁵⁰ Fonte: *American Jewish Historical Society*

<http://www.ajhs.org/publications/chapters/chapter.cfm?documentID=270>

⁵¹ *Mashguiach* = Supervisor.

⁵² Essa informação obtive de um rabino, que trabalha com o mercado *kasher*, também é Chef de cozinha *kasher*.

⁵³ Outsider pode ser um judeu reformista ou secular.

A proibição de sentar-se à mesa com um não judeu, a seletividade na escolha e preparo da comida, as regras de consumo e preces específicas e tudo o mais que envolve o universo *kasher* cumpre uma função social que separa judeus de não judeus, eliminando a possibilidade de contatos que redundem em proximidade com *outsiders*, casamentos mistos ou quebra da barreira étnica.

III.III Função Social da Kashrut!

Assim, estar distante de não judeus no momento da alimentação, propicia a continuidade de uma preparação que envolve todo tipo de material que é ingerido pelo indivíduo, até mesmo uma separação grupal que abarca a esfera do sagrado.

A construção identitária que perpassa o ritual de alimentar-se gera laços entre os *insiders* e ao mesmo tempo repudia de forma legítima os *outsiders*, pois exclui explicita, mas legitimamente, pela religião, o contato com qualquer um não judeu ortodoxo durante o momento da alimentação, tão emblemático para se conhecer novas pessoas.

Essa barreira étnica que se estabelece no âmbito alimentar gera uma seletividade inevitável que propicia a endogamia e afasta os casamentos mistos, tão mal vistos pelos ortodoxos (uma proposital separação dos demais povos), definido claramente quem é judeu e quem não é.

Poderíamos concluir que a dieta *kasher* mais o mandato endogâmico do judaísmo cumprem a função de erigir uma barreira entre *insiders* e *outsiders*.

É interessante que entre os animais⁵⁴, a carne de porco tornou-se a mais famosa restrição alimentar. Tal fama, segundo o rabino Bonder (1999), surge como um fator de seleção identitária. Como na Europa, a carne suína ocupava um papel fundamental na alimentação e não era consumida pelos judeus, isso os diferenciava do resto da população, causando obviamente uma barreira étnico-social.

⁵⁴ Tal assunto já foi abordado, de forma ampla, em: 'As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia' Topel (2003).

Os exegetas da *torá* estabelecem critérios para a classificação de um alimento como *kasher* ou não. Como por exemplo, os animais que são permitidos comer (ganham o status de *kasher*) devem possuir o casco fendido e ruminar; o porco tem o casco fendido, mas não rumina; então, não é apto para a conduta alimentícia religiosa. Já as vacas ou o carneiro, além de possuir o casco fendido, têm como regra digestiva a ruminação. Outras interdições: ingestão de sangue animal (Gênesis 9:4, onde o sangue é considerado a vida), de alimentos cozidos aos sábados, a forma de se abater o animal, sendo expressamente necessário que o abatimento se faça por um judeu.

Outra questão da lei alimentícia é a de não se misturar carne e leite. Baseado no livro de Deuteronômio (capítulo 14:21) encontramos o mandamento "*não cozinharás o cabrito no leite de sua mãe*". Por isso os judeus fazem refeições de carne ou leite sem misturá-los⁵⁵. Tradicionalmente se estabelece um tempo de aproximadamente seis horas para se poder ingerir leite após carne, ou vice-versa.

O testemunho de um rabino, um tanto indignado com as diversas interpretações lenientes que ele julga errôneas sobre as leis da *kasher*, demonstra uma faceta da postura ortodoxa em São Paulo:

"Não existe isso de aderir radicalmente: ou se mistura e é treif ou não se mistura e é kosher. Mas não adianta não misturar e comer carne treif e laticínios treif. Quanto às pias, seria o ideal ter duas, mas como as cozinhas não são como no tempo das nossas bobes, faz-se

⁵⁵ A maioria das tradições judaicas costuma dar um intervalo de 06 horas de um tipo de refeição para outro.

a divisão na pia e na geladeira separam-se as prateleiras e envolve-se os alimentos em papel alumínio ou tupperware, devidamente orientado pelo seu rav... nunca ouvi falar de kosher radical; existem pessoas kosher de carne e leite, mas aí não é ser kosher.”

Atualmente, as restrições sobre essa divisão ganham nuances, digamos, gigantescas. Citarei em extenso alguns exemplos de leis somente no que se refere à imprescindível divisão, para os ortodoxos entre dos laticínios e carne:

⁵⁶ **Armários:** Os utensílios de carne e leite devem ser guardados em armários ou compartimentos separados para não haver confusão.

Pratos e talheres: Deve-se ter pratos, talheres, etc., com cores ou formas diferentes para leite e carne.

Panelas: Panelas e outros utensílios de cozinha devem ser separados para leite e carne. Caso tenha cozido no utensílio errado, além do alimento não poder ser ingerido, as panelas também ficam impróprias para uso, devendo ser casherizadas. Um rabino competente deve ser consultado.

Pia: Deve-se ter pia com duas cubas separadas, uma para leite e outra para carne. O balcão da pia deve ser dividido entre leite e carne, com um anteparo um pouco alto. Se não for possível ter duas cubas, deve-se evitar colocar utensílios de leite e carne diretamente dentro da cuba. Deve-se ter uma bacia de leite e outra de carne para lavar estes utensílios dentro da pia. Não se pode jogar alimento quente, nem de leite nem de carne, dentro desta pia, bem como não se deve lavar a louça com água quente, pois esta cuba não é considerada casher.

Fogão: Se possível deve-se ter dois fogões, um para leite e outro para carne. Se não for possível, pode-se usar o mesmo fogão, contanto que tenha boca e grelha separadas. Mesmo assim, não se deve cozinhar ao mesmo tempo leite e carne, pois pode espirrar de uma panela para outra, causando problema ao alimento e ao utensílio. É aconselhável colocar um anteparo entre as panelas de leite e carne. Deve-se tomar cuidado maior ao fritar alimentos, pois a fritura espalha gordura muito mais alto e longe.

Forno: Deve-se ter dois fornos, sendo proibido assar carne num forno onde já foram assados alimentos de leite e vice-versa. Se não for possível, deve-se usar o forno apenas para um destes dois tipos de alimentos. Isto vale para qualquer forno, inclusive de **microondas**.

Geladeira: Pode-se colocar na mesma geladeira alimentos de leite e carne, em recipientes fechados para não esparramarem ou pingarem. Se possível, deve-se colocar os alimentos de leite um pouco afastados dos de carne. O mesmo se aplica ao freezer.

Máquina de lavar pratos: Deve-se ter uma para leite e outra para carne. É proibido lavar louça de carne em máquina de leite e vice-versa. Se só tiver uma

⁵⁶ Fonte: <http://www.chabad.org.br/mitsvot/cashrut/napratica/pratCasaCasher.html>
Consultado em: 04-12-2008

em casa, deve fixar seu uso exclusivo para leite ou carne, devendo o outro tipo ser lavado à mão.

Eletrodomésticos: *Deve-se ter liquidificadores, batedeiras, processadores separados para leite e carne. O motor pode ser o mesmo, bastando comprar o copo e as pás separadas. Neste caso, deve-se limpar bem o motor após o uso, para não respingar de um tipo de alimento para o outro.*

Toalhas: *Deve-se ter toalhas de mesa separadas para leite e carne. O mesmo é válido para panos de prato, bucha, sabão em pedra (com supervisão casher), palha de aço, secadores de pratos, etc.*

*“As complexas leis da kashrut assustavam as famílias laicas, que na época das férias, recebiam seus filhos de volta” Topel (2005:89); vale lembrar que essa volta das férias era referente ao processo de *teshuvá* em que os jovens judeus, quase sempre provenientes de famílias laicas voltavam de seus estudos e iniciação na vida ortodoxa. Os maiores conflitos entre uma família, em que um membro decide abraçar a ortodoxia, estão ligados às leis dietéticas.*

Entretanto, *KASHRUT* não é exclusivamente uma parafernália ritual ou uma estratégia de organização dos alimentos. Como vimos, o princípio da Kashrut se origina na bíblia hebraica e tem recebido diversas interpretações dentro do círculo ortodoxos, também interpretações místicas. Assim, por exemplo, as questões em que os religiosos ortodoxos enfatizam sobre *kasher*, segundo Kolatch (2003), remetem-se, a princípio, à criação do mundo por um Deus que ansiava possuir uma habitação nas regiões inferiores.

Essa atitude de Deus simboliza, dentre outras coisas, a importância das posses materiais ademais das espirituais. Assim, usufruir de forma intensa dos bens materiais é uma maneira de honrar o divino, suas intenções para com os homens e este mundo. Um adendo a esse usufruto se dá em relação a alguns

elementos, deste mundo, que não devem ser consumidos, ou seja, os *tref*⁵⁷ (não *kasher*). Assim, a opinião de um dos ortodoxos entrevistados ilustra tal fato:

*“Restrições demais, ou melhor, a mais do que especificado na torá são negativas, pois já basta todas as regras explicitamente impostas, elencar outras, ou considerar que abster-se de prazeres mundanos sempre é benéfico é um erro no que diz respeito às expectativas divinas”*⁵⁸.

É recorrente entre os ortodoxos a concepção de que a moralidade de um povo relaciona-se diretamente com sua alimentação, isto é, a ausência de alimentação *kasher* gera, inevitavelmente, uma moralidade frágil e conflituosa.

Esta é uma das razões pelas quais os tribunais rabínicos, responsáveis em verificar se estes alimentos são ou não *kasher* (como é o caso da BDK (Beit din Kasherut), emitem listas de produtos e marcas que são consideradas *kasher*. No Site da BDK⁵⁹, há uma sugestão para se consultar periodicamente a página, pois vários produtos deixam de ser *kasher* e outros são aderidos às listas.

A influência do rabinato sobre o mercado *kasher* de produtos alimentícios pode ser notada em seu poder sobre as mais diversas áreas de comportamento dos judeus ortodoxos. Em seu texto ‘*Casrhut e Shabat na*

⁵⁷ O termo *assur* assim como *trefá* se refere a alimentos amarrados ou proibidos.

⁵⁸ Proprietário de um estabelecimento *kasher*.

⁵⁹ <http://www.bdk.com.br>

cozinha judaica', o rabino Shamai Ende (rabino ortodoxo da comunidade paulistana), desenvolve apologeticamente uma defesa da restrição de alimentação e incentiva os religiosos a se utilizarem e usufruírem da alimentação *kasher* como uma forma de glorificar a D'us '*usando a energia da alimentação para o Serviço Divino*' (2006:6). Quanto mais complexa a vida social, mais difícil seguir a *kashrut*, assim mais e mais leis são estabelecidas com o intuito de purificar os religiosos do contexto contemporâneo.

Entretanto, o relato de um religioso ortodoxo coloca em evidência a existência de outros critérios que não são exclusivamente religiosos na liberação/seleção pelas autoridades correspondentes de produtos *kasher*.

“Acredito que o mercado kasher faz o possível para atender à comunidade. Os rabinos são competentes e altamente responsáveis com a alimentação kasher. Mas não podemos negar que sempre ocorre uma espécie de monopólio. Ainda mais quando a oferta é pequena.”

Topel (2005:153) já salientava o fato de que a falta de autonomia dos indivíduos é um dos fatores resultantes da incorporação à ortodoxia, tanto que relata o fato de seus entrevistados declararem necessitar consultar um rabino sobre conceder ou não a entrevista. Ao longo do trabalho de campo, tivemos a oportunidade de ouvir a mesma alegação de vários entrevistados, inclusive alguns se recusavam a responder algumas questões específicas sem antes conversarem com seu rabino. Foi comum essas mesmas pessoas, em um próximo encontro, se negarem a responder, pois o rabino não os havia

autorizado, considerando tais questões como infrutíferas, sem maiores deliberações.

Isto revela o poder que tais rabinos ou líderes religiosos possuem sobre seus liderados. Tal poder não se restringe às sinagogas, mesmo porque o judaísmo é uma religião ortoprática, que se desenvolve basicamente no lar.

Sendo assim, esses mesmos rabinos possuem poder suficiente para indicar, dizer e até mesmo impor as marcas e os produtos específicos que seus seguidores fiéis, membros de sua sinagoga, ou comunidade, irão consumir. A ingestão de alimentos não aptos geraria, segundo alguns rabinos, uma contaminação para a vida em geral. Nesse caso, não só o alimento, mas o indivíduo se torna impuro, não *kasher*. Não por acaso, Vaie (2007:72) afirma:

*“Quando alguém come algo proibido, isso se torna parte de seu corpo e, conseqüentemente, influencia diretamente sua alma.”*⁶⁰

Raramente um não ortodoxo segue a dieta *kasher* à risca, os judeus laicos restringem a cumprir só algumas coisas, a não misturar carne com leite ou não consumir porco. Seja como for, uma número significativo de judeus não ortodoxos seguem algumas leis da *kashrut*.

Isto é: Apesar de não seguirem uma dieta alimentar estrita frente às leis da *kashrut*, consomem produtos *kasher*, são parte do mercado.

Na ocasião das festas, como a Pessach⁶¹ (páscoa judaica), ou até mesmo no *Shabat*⁶² é mais comum vermos não ortodoxos que se propõem a

⁶⁰ VAIE, Moshe. **A verificação dos alimentos segundo a Tora**. Haia Steinbruch. São Paulo, 2007

seguir os rituais alimentícios, demonstrando, consciente ou inconscientemente, um elo com a identidade religiosa e grupal.

Todavia, lembramos que a importância da comida não é exclusiva do judaísmo ortodoxo. A alimentação Egípcia ocupava papel tão significativo na sociedade que, inclusive, os mortos recebiam oferendas de comidas para que pudessem nutrir-se do que era considerado o melhor da vida na terra. O ato de Comer, embebedar-se e participar de festas. (TALLET, Pierre, 2006: 24).

O simbolismo da comida torna-a diferente nas instâncias daquilo que é produzido e preparado do que se consome, isto é, a concepção, quase que fetichista da significação de determinados alimentos, transcende os mesmos, concedendo-lhes, ora uma condição repulsiva, ora sacra, ora festiva... *“a intuição de que se é de alguma maneira substanciada – “encarnado” – a partir da comida que se ingere pode, portanto, carregar consigo uma espécie de carga moral”*. (Mintz, 2001:32).

Com o advento da globalização, o acesso a alimentos de outros povos tornou-se, em diversos casos, uma celebração da diversidade, em outros da curiosidade, e em outros a absorção de alimentos não típicos sugere ‘modernidade’, o que gera um sentimento positivo no ato da experimentação/degustação.

O fenômeno McDonald’s é paradigmático nesse sentido: o símbolo do capitalismo, da padronização do consumismo desenfreado e, sobretudo

⁶¹ A festa cristã da páscoa tem origem na festa judaica, mas com um significado diferente. Enquanto para o judaísmo Pessach representa a libertação do povo de Israel do Egito; no cristianismo a páscoa representa a morte e ressurreição de Cristo, como o cordeiro que sacrificou-se pelos pecados alheios.

⁶² É o nome dado ao dia de descanso semanal no judaísmo, sendo observado a partir do pôr do sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado. De acordo com a tradição judaica, o dia do shabat foi ordenado por Deus como um dia de descanso, após a criação.

estrangeiro, reflete-se na alimentação. *“Mas o fato de que tantas pessoas em sociedades outrora descritas como extremamente conservadoras estejam prontas a experimentar comidas radicalmente diferentes é uma evidencia de que os comportamentos relativos à comida podem, às vezes simultaneamente, ser os mais flexíveis e os mais arraigados de todos os hábitos”.* (Mintz, 2001:34).

A maioria das tradições e os símbolos religiosos lutam por se manter em uma sociedade de constante mutação. Ferrenhamente os religiosos tentam estabelecer meios para não perder sua identidade⁶³ tradicional que supostamente sugere pureza, vínculo com a origem religiosa, ou seja, ortodoxa, em uma tradução livre, ao pé da letra!

De fato, essa não é uma exclusividade do judaísmo, o desencantamento do mundo já é aclamado por Weber de forma a percebermos o quanto cresce uma secularização das religiões no ocidente e uma racionalização, junto com a descrença, de forma a suscitar um decréscimo do número de indivíduos que se voltam para as religiões de forma geral. Inclusive, no próprio judaísmo o movimento de *teshuvá* já nos indica um contra movimento de abandono, ou seja, um clamor para o despertar dos judeus que se secularizaram e deixaram a religião como uma opção empoeirada.

“Até um século atrás, as crenças religiosas eram os únicos meios disponíveis para vedar as frestas no dique artesanal do senso comum. Hoje até o camponês ou o pastor mais humilde sabe que não é mais assim” (Geertz, 2004:110)

⁶³ Conceito esse discutido no capítulo II

De fato o simbolismo religioso alcança por completo a vida dos indivíduos que decidem abraçar a religião como uma forma de vida. No caso dos judeus ortodoxos, essa decisão faz-se evidente no cotidiano com as diversas ações requeridas pela prática religiosa.

Geertz desenvolve a idéia de *sistemas de significação*, argumentando que há algumas (ou várias, mas há uma limitação) concepções disponíveis de significado das que tomamos posse e, através dessas, regemos nossa vida. Quando nos abraçamos a uma religião, seus simbolismos e significados tomam parte significativa, quem sabe fundamental, de nossos sistemas de significação. Sem espaço para dúvidas, os religiosos, sobretudo os ortodoxos, dão muita vazão comportamental através das referências concedidas pela religião.

Assim, se, por um lado, há uma significação, para mantermos o termo que a religião concede e os religiosos abraçam, por outro, lado a secularização intervém de forma a flexibilizar e ampliar a visão de mundo dos indivíduos em geral.

Guertzenstein (2008) enfoca a luta veemente da ortodoxia judaica em São Paulo para conter a utilização dos computadores, principalmente a internet, entre as crianças e adolescentes. Mesmo assim, a autora constata a influência crescente da cultura virtual e da utilização do ciberespaço na vida dos ortodoxos.

A religião choca-se e se repele em circunstâncias muitas, em momentos muitas vezes simultâneos. É um fenômeno, segundo Geertz (2004), que

abarca esferas particulares e universais, envolvendo a vida particular e concepções de ordem mais geral, lutando por estabelecer renovação, mas, ao mesmo tempo, mantendo e ratificando a tradição.

Segundo Geertz (1989) descrever uma cultura, ou a religião da mesma, constitui-se como um passo grande demais para o andar antropológico, *“esboços talvez sejam o máximo que se pode esperar”⁶⁴*. Além disso, o trabalho de campo é a expressão do que tal experiência fez ao pesquisador. É fácil transformar-se quando se propõe a pesquisar uma realidade vivencial, religiosa, comportamental, enfim, existencial díspare da nossa. Difícil é compreender tal disparidade sem suas mais tênues nuances, contribuir para que a vida humana, em geral, e a cultura específica a qual nos propomos a pesquisar em particular seja percebida e esboçada de forma que tal trabalho resulte em algum benefício, quer para os pesquisados, os pesquisadores ou a humanidade de uma forma ou de outra.

⁶⁴ GEERTZ, Observando o Islã. Jorge Zahar Editor. 1068:12.

III.IV Pessach⁶⁵: A Importância da Liberdade e a Importância da Kashrut

De acordo com a tradição judaica, a primeira celebração de *pessach* ocorreu há 3500 anos, quando, segundo a *torá*, Deus enviou dez pragas sobre o povo do Egito.

O *pessach* é festejado entre os 14º e 22º dias de *Adar II* ou *Nissan* (março ou abril). *Pessach* (em hebraico: passar por cima, poupar) é uma festa judaica de origem na *torá*, que tem duração de oito dias - fora de Israel -. O *Pessach* marca o nascimento dos judeus como povo há mais de três mil anos; comemora a libertação dos filhos de Israel da escravidão (sob a liderança de Moisés e a busca pela terra prometida) além da negação do antigo sistema e modo de vida egípcio. Assim, festeja-se a liberdade espiritual juntamente com a liberdade física. As leis da *torá* sobre *pessach* são mandamentos que objetivam simbolizar a vivência de tal liberdade.

O *seder*⁶⁶ (a ceia) é dividido em 15 partes, iniciando-se com orações e um gole de vinho. No *pessach*, são as crianças que conduzem a festa. Cabe a elas abrir a porta para a visita de Elias que, segundo a tradição, visita todos os lares, nesta noite, para trazer suas bênçãos. As crianças demonstram, abrindo as portas, a segurança de estarem sob a proteção de Deus. São elas também que participam da busca do *afikoman*, um pedaço de *matsá*⁶⁷ que os mais velhos escondem pela casa. A criança mais nova da família inicia o ritual com quatro perguntas em forma de canto sobre o sentido das cerimônias e a saída dos judeus do Egito. Passa-se então às leituras da *hagadá* (livro que conta a

⁶⁵ A páscoa judaica, também denominada 'festa da liberdade', assim chamada porque saíram da escravidão para a redenção e da opressão à liberdade. *Pessach* é denominado o Tempo da Nossa Liberdade, *Zman Cherutenu*.

⁶⁶ *Seder* em hebraico: Ordem. Remete à ordem da ceia, de *pessach*.

⁶⁷ Pão àzimo.

história da libertação do povo hebreu, escravizado no Egito). Por essa leitura procura-se ensinar às futuras gerações por que aquela noite não é como as outras.

A festa também carrega um significado agrícola (que exprimia um contato direto com a terra), já que marca o início do período de colheita, em Israel. O antigo povo de pastores e agricultores comemorava, nessa época, a chegada do momento mais festivo da natureza, que era o início da colheita de cevada e a entrega do *ômer* (parte da cevada era ofertada a D'us no segundo dia de *pessach*).

A história de *pessach* inicia nos dias do patriarca Avraham (Abraão). Quando Deus lhe promete um herdeiro, também o informou do longo período de escravidão que seus descendentes sofreriam por 400 anos, até que fossem libertados. O primeiro dos descendentes de Avraham a chegar ao Egito foi seu bisneto Yossef (José). O faraó que conhecia Yossef e seus familiares morre, e os hebreus passam de convidados de honra a escravos no Egito. Segundo a *tora*, Moisés conduz o povo em busca da liberdade para fora da terra do Egito. Antes do êxodo, Deus envia dez pragas sobre os egípcios.⁶⁸

Antes da décima praga, o profeta Moisés foi instruído a pedir para que cada família hebréia sacrificasse um cordeiro e molhasse os umbrais (*mezuzót*) das portas com o sangue do cordeiro, para que não fossem acometidos pela morte de seus primogênitos, pois um anjo de Deus passaria por toda a terra do Egito exterminando todos os primogênitos das casas que não estivessem protegidas por tal ritual. Chegada à noite, os hebreus comeram a carne do cordeiro, acompanhada de pães ázimos e ervas amargas como o rábano,

⁶⁸ Fonte: Gênesis e Êxodo.

por exemplo. O pão ázimo (sem fermento) denominado *matsá*, simboliza o êxodo dos hebreus que, na pressa em deixar o Egito, não podiam esperar que o pão fermentasse. A *matsá* é comida até hoje durante os dias do *pessach*.

Também faz parte da tradição comer ovos, símbolo da vida eterna, raiz forte e folhas amargas, que lembram as amarguras da escravidão; um purê de maçãs ou tâmaras, que representa a argamassa utilizada pelos escravos nas construções das pirâmides do Egito. À meia-noite, um anjo enviado por Deus feriu de morte todos os primogênitos egípcios, desde os primogênitos dos animais até mesmo os primogênitos da casa do Faraó. Então o Faraó, temendo ainda mais a ira divina, aceitou liberar o povo de Israel para adoração no deserto, o que levou ao Êxodo. Como recordação desta liberação, e do castigo de Deus sobre Faraó foi instituído para todas as gerações o sacrifício de *pessach*.

Mulheres precisam preparar a ceia do *pessach* na sexta, antes do *shabat*, caso a data do início ou final do *pessach* coincida com o descanso sabático. É uma euforia tal preparo, por se tratar de alimentos, não podem ser prolongadamente produzidos por antecipação, nem sequer ultrapassar o período de iniciação do *shabat*.

Algumas famílias compram jogos de louça e de panelas específicos para o *pessach*. Em função da falta de dinheiro, uma grande parte das famílias contrata um rabino para *kasherizar* as panelas. Ou as leva até ele, ou ele vai até a casa para purificá-las.⁶⁹

Fato interessante de se lembrar, como o faz Bourdieu (2007), que o alimentar-se (no caso dos judeus, o alimentar-se *kasher*) ganha um status

⁶⁹ As especificações sobre a kasherização para *pessach* estão no Anexo 7

social. Os consumidores que se alimentam *kasher* encontram-se, em algo como uma condição de privilégio, tendo poder aquisitivo de consumo; assim, fica explícito um potencial de ostentação por meio do simbolismo religioso que se dá através da alimentação, especificamente, o consumo dos produtos *kasher*.

Em *pessach*, dias antes, normalmente uns três a dois dias antes, limpa-se a casa do *chametz*⁷⁰. Estes alimentos separam-se e, normalmente, são guardados em um local isolado, bem como limpos todos os lugares que possam ter algum grão ou pó de alimento antigo, como farinha de trigo, arroz, feijão, etc.

A base da alimentação judaica em *pessach* é a *matzá*⁷¹; esta é colocada na dispensa para seu consumo durante os oito dias da festividade. Existem diversas receitas e, de forma geral, as pessoas apreciam bem estes alimentos. Existem também grandes diferenças entre os judeus oriundos da Europa Central e Oriental e os judeus oriundos da Europa Mediterrânea e os oriundos de países árabes.

Estes (os sefaraditas) comem arroz e outros cereais, mas, existe um árduo trabalho, pois, no caso do arroz os grãos são limpos um a um. Já os asquenazitas picam o *matzá* e comem em forma de macarrãozinho e também trituram e peneiram fazendo uma farinha que é chamada de *matzemeil*; com esta, preparam diversas receitas.

Por sua complexidade “ritual-alimentar” o *pesach* abre uma outra porta para o mercado *kasher*. Assim, um dos entrevistados opina sobre os produtos

⁷⁰ Alimentos que são fermentáveis.

⁷¹ Pão Ázimo.

produzidos especificamente para o *pessach*, considerando-os artifícios do mercado.

“É claro que fazem produtos "kasher de pessach" industrializados, como vinho e até coca cola⁷², mas te afirmo: puro mercado. Não há a tal necessidade para isto, com os produtos corriqueiros da alimentação kasher já conseguimos cumprir as exigências da lei...”⁷³

⁷² Além das exigências de os produtos serem *kasher*, em *pesach* há uma necessidade a mais: que sejam “*kasher para pesach*”, isto é, que não contenham nenhuma partícula de fermento.

⁷³ Relato concedido por um ortodoxo que trabalha com *kasher* e se auto-define como esclarecido frente ao mercado econômico dos alimentos *kasher*.

III.V Selo Kashher: é ou não é kasher?

O consumo ganha características cada vez mais substantivas quando se refere a definições de padrões de comportamento ou afinidades relacionais. Em uma sociedade em que a mercadoria é fetichizada por um status propagandístico sugerindo poder econômico, os mais diversos produtos possuem um potencial ilusório a ser explorado pelo mercado, e aclamado pelos consumidores.

Se considerarmos como propõe Prandi (1991) que: *“A igreja de crente, a loja de umbanda e a academia de musculação são os três símbolos metropolitanos da civilização brasileira”*, veremos a importância fundamental da religião em definir hábitos, costumes, consumo e estilo de vida. Na verdade, podemos verificar mais que isso, o fato de que a influência do sistema não enxerga limites ou instâncias, quer de lazer (como a academia de ginástica), quer moral (como as igrejas e lojas de umbanda).

Estilo esse que inevitavelmente transcende a racionalização completa do comportamento social, inclusive quando se refere a gastos com alimentação, determinados pelo grupo étnico de pertença e avalizados pela religião.

Um religioso ortodoxo, consumidor *kasher*, traz uma reflexão importante para a nossa discussão, reflexão ouvida de outros:

“O mesmo produto sem selo sai mais de 50% mais barato e por conta de certos rabinos que não tem noção da torá, faz o produtos ter custos mais caros”

Paralelamente a isso, ao nos remetermos aos conjuntos sociais de classe e de status, em que a alimentação se estrutura como um grande evento aglutinador do grupo, quer familiar, quer religioso, quer vizinho, sugerindo não só cumplicidade como identidade.

Essa identidade grupal fornece a determinados rabinos o status de autoridades confiáveis, de forma que eles possam oferecer uma supervisão sobre certos produtos considerados *kasher*, garantindo suas especificidades ante a lei judaica e concedendo a hipótese de tranquilidade aos potenciais consumidores. Inevitavelmente, quanto maior a quantidade de divulgação do grau de confiabilidade da supervisão de determinado rabino, maior sua aceitação pelos consumidores religiosos.

“Só consumo kasher com selo, sem selo só os produtos que não necessitam de selo, já os produtos que necessitam selo não consumo se não tiver o selo”.⁷⁴

Paralelamente, alguns produtos são ‘liberados’, isto é, não necessitam do selo *kasher* para se constituírem como idôneos ao consumo pelos judeus ortodoxos. A seleção sobre os que recebem ou não o selo quase sempre é arbitrária e é decidida pelo rabino da comunidade. Algumas sinagogas aprovam determinados produtos, outras outros. É comum esses produtos passarem e deixarem de integrar o hall de aceitos com uma rotatividade bem veloz.⁷⁵ As diversas comunidades ortodoxas estabelecem regras de seletividade de

⁷⁴ Sandra, religiosa ortodoxa, dona de casa.

⁷⁵ No capítulo *Questões Econômicas* trataremos mais desse assunto.

produtos que são aprovados, com ou sem selo, para o consumo pelos religiosos.

Em alguns casos, não mais extremamente raros, algumas instituições ortodoxas como *BDK, Kehila e Kashrus, Beit Chabad, BKA, Kosher Mart Produtos Alimentícios Ltda* se propõem a representar, no trabalho de supervisão uma série de produtos *kasher*, com a colaboração ou propriedade de determinado rabino, concedendo um selo diferenciador do produto em questão. Ainda a respeito da *kasherização* de produtos, é interessante notar o relato de Marcos, proprietário de um restaurante *kasher*:

“Qualquer um pode conceder o aval de kasher, eu, você, qualquer um... Mas, quem vai comprá-los ou consumi-los é a questão, fica aí a confiança na tal pessoa "A", tal pessoa "B" e por aí vai...

É tudo uma questão de rabinos. Uma questão mais política do que religiosa. No Rio (de Janeiro), tem a comida do colégio Barilán, que é religioso que muitos não comem, mas outra parte comem, tem o buffet oferecido na sinagoga Lubavitch, no Leblon, que ocorre a mesma coisa, na forma inversa.

Cada um come junto com sua patotinha, por assim dizer, de judaísmo; como se diz em ídiche “gurnish” que significa “nada”, é tudo política.

Vou citar um caso que é público e notório com minha tia, que é uma intelectual bem conhecida em sociologia, uma intelectual que foi até amiga íntima e professora da Ruth Cardoso e do Fernando Henrique Cardoso.

Desde que eu nasci todas as festas judaicas, nós jantamos com ela, nossas famílias estão sempre juntas. Porém, atualmente, seus netos, uma neta casou com um bom rapaz que freqüenta a sinagoga do Barilan e a outra neta casou com um também bom rapaz que freqüenta a sinagoga do Lubavitcher. Resultado: Cada um traz a sua própria comida, seus talheres. Eu e minha mãe tradicionalmente preparamos sempre a comida. Fazemos sempre uma "Festa de Babete" por assim falar, mas existe este inconveniente, as famílias se sentem constrangidas, muito mesmo. Isto, afirmo com fatos reais para mostrar o tamanho do problema..."

O fato relatado é que os rabinos que possuem legitimidade concedem ou não o aval *kasher* segundo critérios estabelecidos por eles mesmos e/ou a comunidade. Sem esse reconhecimento comunitário, mesmo que se coloquem em prática as regras e costumes da *halachá* será inútil declarar apto determinado produto. O selo *kasher* não é uma atividade concedida a toda e qualquer pessoa que de repente decida selar produtos, mas só a alguns que legitimamente obtém o respaldo comunitário, criando monopólios.

O selo *kasher*⁷⁶ é concedido a determinada empresa quando essa assina um contrato com um rabino que representa uma comunidade institucionalizada. No Brasil, o *BDK* e o *Vaad Rabanei Anash Brasil*, ambos com sede na capital de São Paulo, são instituições religiosas que se pretendem fiscalizadoras da produção de alimentos, definidos como aptos para o consumo dos judeus ortodoxos. Assim, o consumidor não precisa se preocupar com os

⁷⁶ Ver anexo 2.

processos e especificações da lei judaica e suas normas dietéticas. Tais instituições concedem o selo que é sempre estampado nas embalagens dos produtos colocados à venda. O testemunho de uma consumidora expressa um pouco essa relação de confiabilidade.⁷⁷

“Somente consumimos produtos totalmente Kasher Le Mehadrin, com supervisão rabínica confiável, de Rabinato Ortodoxo, seja de São Paulo ou Argentina. Particularmente produtos de supervisão do BKA, do Rab. Illovitch de SP, do Vaad Rabanei, do Chabad, Kosher Live, do Rabinato Sefaradi de São Paulo Rab Laniado, produtos do Rabinato do Rio, do Rab Blumenfeld.

Somente produtos sem selo RECOMENDADOS⁷⁸ pelas devidas autoridades de Kashrut.”

Os selos *kasher* ‘U’ e ‘K’⁷⁹, só valem para produtos importados. Há selos eminentemente nacionais,⁸⁰ além de vários produtos *kasher* sem selo, que são expostos nas listas, como a da ‘BDK’ ou ‘Kehila e Kashrus’.

⁷⁷ Fato curioso é que entre os cristãos também encontramos um selo de qualidade “Tomé do Brasil LTDA” que busca garantir que todos os produtos com tal marca são produzidos por cristãos. Claro que a diferença entre o selo *kasher* é gigantesca, mas o que nos desperta a curiosidade é o princípio identitário que se encontra em ambos os produtos.

⁷⁸ A palavra está em maiúsculo, pois a entrevistada foi incisiva quando a pronunciou, enfatizando a importância de tal ‘recomendação’ em sua escolha.

⁷⁹ Essas são normalmente as formas comerciais em que aparecem:

⁸⁰ **KOSHER / PARVE** - Neutro: não contém leite, carne e ou derivados

KOSHER / PARVE - BISHUL YISROEL - Neutro: Processando com a participação do mashgiach

Há alguns estabelecimentos comerciais, tipo mercados, que são inteiramente *kasher*, ou seja, garantem ao consumidor que qualquer produto comercializado nele é *kasher* (como, por exemplo, a ‘Kosher Mart’, ‘All Kosher’, ‘Mazal Tov’, ‘Kosher Food Benny’s...’), facilitando os trâmites do consumidor sobre suas compras e, por sua vez, sua religiosidade, concedendo, inclusive, ao estabelecimento a responsabilidade em oferecer um produto que corresponda às estritas regras de *kashrut* de seus consumidores.

O seguinte depoimento ilustra de modo agudo e até irônico a importância do selo para os judeus ortodoxos:

“O fato é simples, pagou cartório, leva carimbo e pronto! Uma piada que fiz com amigos tempos atrás que o pessoal se desmontou de tanto rir:

Se, por exemplo, pagarem um rabino para kasherizar, lógico, regamente pago a maconha, teríamos até maconha kasher. Uma piada isto, mas serve para elucidar que deva ter sim a observância do kasher, mas, muitas demonstrações de incoerência e fanatismo estão a existir”⁸¹.

KOSHER / PARVE - PASYISROEL - Neutro - Panificado com a participação do mashguiach.

KOSHER CHOLOV YISROEL - Lácteo - Preparado com o acompanhamento de um 1 mashguiach a partir da ordenha.

⁸¹ Marcos, proprietário de restaurante kasher.

Alguns rabinos com os quais tive a oportunidade de conversar recomendam que os neófitos, os que recentemente fizeram *teshuvá*, adquiram seus produtos em estabelecimentos 100% *kasher*, para não se confundirem, facilitando assim o cumprimento rigoroso da dieta religiosa.

“O que eu quis dizer é no sentido de ser mais fácil (claro que pra quem tem acesso) comprar em mercados apenas Kasher, pois assim não se corre riscos de errar e vai aprendendo quais são os produtos kasher. Depois, com esse conhecimento, pode-se começar a comprar em qualquer lugar os produtos que não necessitam de selo. Hoje em dia, quando viajo a trabalho, levo uma mala de comida, pães, frios, torta, bolachas, salgadinhos, etc.. Mas com a lista do BDK já dá pra parar em qualquer mercado, comprar pão Wickbold sem casca, atum coqueiro, maionese saúde, batata ruffles e aí está, uma ótima refeição kasher.”

Durante as entrevistas, apareceu um dado interessante, era comum conversar com pessoas que não tinham certeza sobre que produtos comestíveis realmente eram *kasher*, ou seja, qual a abrangência de possibilidades para se ingerir determinados alimentos. Muitos judeus, mesmo ortodoxos, não sabem, com rigor, como seria de se imaginar frente a uma religião tão prática, quais produtos são passíveis de ingestão, principalmente quando se relacionam com produtos sem o selo. Nesse caso, o selo é um aval definitivo, fora isso, as dúvidas são muitas.

“Eu achava que alimentos com ingredientes transgênicos não fossem kasher, mas pelo que estive olhando da lista de produtos kasher no Brasil, do site do Beit Lubavitch, e comparando com a lista de produtos que contém transgênicos do Greenpeace, parece que esse não é um dos critérios.”

Há toda uma discussão sobre essa dúvida da transgenia; mesmo assim, por ser uma problemática nova, não há um veredito *haláchico* sobre os transgênicos, apesar de a maioria dos rabinos se mostrarem favoráveis. Na verdade, essa questão é muito voltada para subgrupos. O rabino vai defender algumas especificidades e outras não; vai elencar determinados alimentos e ‘liberar’ outros sem restrição. Não há uma homogenia em toda a comunidade judaica ortodoxa no Brasil. Provavelmente em nenhum país, mas isso já transcende a questão dos alimentos e se insere na questão identidade que trataremos no capítulo 2.

Algumas discussões que tive a oportunidade de acompanhar em alguns encontros (quase sempre informais) quando o assunto sobre a alimentação kasher vinha à tona, foi o fato de que entre os ortodoxos, com exceção de alguns rabinos e entendidos, as dúvidas sobre o que é *kasher* e o que é *treif* são constantes. Em uma oportunidade pude vivenciar a questão sobre o mel, se o mesmo é ou não *kasher*. Vários religiosos ortodoxos não conseguiam com eficácia sanar essa problemática. A explicação básica se resumiu ao fato de que o mel é algo que se desprende da abelha e não parte dela. O que não gerou grandes consensos.

Os consumidores concedem a responsabilidade da sua religiosidade, pelo menos no que diz respeito aos alimentos *kasher*, ao mercado e a aprovação e/ou supervisão de alguns rabinos. Isto é, paga-se para que outros decidam o que é apto, idôneo, santo, *kasher*. Para compreender esse processo a análise de Giddens constitui um subsídio importante.

Assim, para Giddens (1991), vivemos um momento de ‘*desencaixe*’, em que o tempo e o espaço se descompassam, separam-se, processo que ele chama de ‘*esvaziamento*’, incluso em um momento histórico em que as noções de localidade ganham uma abrangência quase ilimitada. Esse contexto em que o autor denomina de ‘*modernidade reflexiva*’ sugere uma alteração entre o perto e o longe, o próximo e o distante, sendo que a presença e a ausência tornam-se relativas. Nos interstícios desse suposto distanciamento, encontra-se uma caracterização social moderna, que supervaloriza as instituições e os processos científicos que Giddens denomina ‘*sistema perito*’. Esse sistema pressupõe, portanto, “confiança”, ou seja, “exige” que seus usuários tenham por certo o potencial assertivo dos indivíduos que exercem determinadas funções, médicos, engenheiros, pilotos de avião, motoristas... tal confiança estende-se também à sistemas como a internet, as redes eletrônicas, o sistema de aviação, trafico, religioso.

Seria inocente julgarmos que todos os passageiros de um determinado avião conheçam de forma rigorosa e precisa os mecanismos que envolvem seu funcionamento: Assim, pensando como Giddens, atribuem confiabilidade a todo o sistema e indivíduos que trabalham com aviação, mesmo não conhecendo nada a respeito. Essa credibilidade que o ‘*sistema peritos*’ ganha estende-se, por sua vez, às instituições *kasher* que gerenciam os produtos alimentícios e

recebem a confiança de seus consumidores. Esses acreditam piamente que as regras e normas estabelecidas na lei são cumpridas com rigor pelos organizadores comerciais.

Assim como os passageiros não conseguem conhecer os mecanismos que regem o sistema de aviação, genética, cibernética... Poderiam os ortodoxos conhecer um sistema de regras tão milimétrico a respeito de sua própria alimentação?

Essa confiabilidade é tão significativa que é comum ouvir discursos considerando que o alto preço dos produtos *kasher* é relativo aos grandes cuidados para se executar as regras das que garantem que um produto é *kasher*.

“Porque para se fazer um produto kasher é necessário gastos extras, alguns falam da “máfia do kashrut, onde um kilo de carne custa R\$ 70,00. Eu imagino que seja por toda a ritualística do kashrut.”⁸²

“Se tu for comparar um produto kasher com um não-kasher similar, vai notar isso (que o kasher é mais caro)... existem muitas normas a se cumprir, isso os encarece, não tem jeito.”⁸³

Os peritos, como propõe Giddens, fazem parte constante da vida na sociedade atual. Em todo o tempo estamos sujeitos a peritos que desenvolvem e mantêm sistemas que nos são rotineiros, mas que, ao fim, desconhecemos parcial ou completamente. A construção de casas, carros (o sistema de trânsito), as aeronaves, e até mesmo a alimentação, são áreas organizadas e mantidas

⁸² Sandra, publicitária

⁸³ Rafael, advogado, filho de rabino.

por peritos que possuem informações e conhecimentos que, no geral, desconhecemos. Em alguns casos, confiamos cegamente. Tais sistemas subsistem em função dessa mesma confiança de leigos que simplesmente entregam suas vidas, famílias e subsistência na crença de que profissionais, das mais diversas áreas, resolverão com excelência os trâmites necessários para a manutenção dos outros infinitos sistemas que nos circundam.

A experiência empírica que se nos apresenta em muitos casos como uma rotina estável (casas e prédios que subsistem, aviões que decolam e pousam em segurança, veículos que circundam com regularidade) e as instituições reguladoras de supervisão, tal como o INMETRO, PROCON, OAB, MEC, Conselhos Regionais (medicina, odontologia, engenharia, arquitetura...), são dois níveis que fundamentam e ratificam essa confiança.

“A confiança em sistemas assume a forma de compromisso sem rosto, nos quais é mantida a fé no funcionamento do conhecimento em relação ao qual a pessoa leiga é amplamente ignorante” (Giddens 1991:91).

Fica evidente que os consumidores, ora por questão de status, ora por tradição, hábito, ausência de possibilidades, compram e não são necessariamente conscientes dos trâmites que envolvem o mercado que os judeus ortodoxos alimentam. Assim, por exemplo, uma entrevistada ortodoxa relatou sobre algumas dúvidas e experiências que havia vivido ao se deparar com a complexidade *kasher*.

“É o seguinte... Pelo que eu sei, alimento kasher frio servido em pratos nao-kasher (sejam eles de vidro, porcelana, plástico, aço, ou qualquer material) comidos com utensílios nao-kasher (sejam eles de aço, prata, ferro ou qualquer outro material), não perde suas propriedades kasher... Tanto é que podemos utilizar a mesma faca para cortar um pedaço de queijo kasher frio, lavar a faca com a água fria, e logo em seguida cortar um pedaço de salame frio, que a faca não vai precisar ser kasherizada e ambos os alimentos não perdem as suas características kasher. Mas, este tipo de ação não é nada recomendável. Mas em situação de emergência vale.

Mas um religioso veio na minha casa (que somente contém alimentos kasher, mas ainda não foi kasherizada) para conversar. Ele trouxe uma garrafa de vinho kasher e o seu abridor. Eu perguntei por que ele havia trazido o abridor já que o meu, uma vez lavado com água fria, poderia ser utilizado para abrir a garrafa de vinho kasher e esta não perderia suas propriedades já que estamos falando de tudo frio. A resposta que eu obtive foi que os metais são mais sensíveis e possuem regras diferentes. No dia seguinte, abri todos os meus livros e não consegui achar nada especial em relação a metais. O que achei foi aquilo que eu já sabia”⁸⁴.

Relato de *um chozer bi’ teshuvá*, um estudante que almeja ser rabino, ou ao menos estuda para, sobre as dificuldades do viver *kasher*, as diversas possibilidades:

“Por incrível que pareça (o judaísmo não é fácil mesmo), O problema com a kashrut é que existem diversos níveis de rigor além de divergências de

⁸⁴ Sandra, dona de casa.

opiniões de algumas premissas, o que faz com que, no final, tenhamos diferenças de ação entre sefaraditas, chassidim, askenazitas, etc. Vou dar um exemplo (só na prática pra aprender essas coisas): eu queria comprar um salmão e estava sem minha faca na peixaria. Em teoria, como a faca e os peixes são frios, eles poderiam lavar a faca deles e pronto. Mas tem um conceito que o corte transfere sabor, mesmo a frio (eu nem sei se é fato, mas a premissa é essa). Assim, o rabino que eu consultei disse que mesmo que ao pé da letra eu poderia ter usado a faca da peixaria, era melhor não fazer isso. Outro exemplo: para os Askenazitas, o vidro absorve sabor e não é possível de ser kasherizado, no pessach, por exemplo. Para os sefaraditas, o vidro não absorve sabor, portanto nem precisa de kasherização. O que dizer sobre isso? Ambos estão corretos, seguindo o costume de suas linhas. Pelo que me lembro os Askenazitas acreditam que a porcelana absorve o sabor e, portanto não pode ser kasherizada. Os Seferaditas acreditam que porcelana não absorve sabor. Quanto a vidro, ambos acreditam que não absorve sabor, frio ou quente. Enfim, o assunto é extenso.”

Há um recurso entre os pensadores judaicos denominado “Exegese da Torá”, isto é, as leis que se encontram na *torá* foram explicadas por sábios compondo assim o *Talmud*, livro que registra mandamentos e ensinamentos da *torá* oral.

Segundo a tradição, Moisés registra as leis na *torá*, mas não sintetiza de forma escrita suas explicações; ele, de fato, as ensina aos sábios que, por sua vez, as transmitem oralmente de geração em geração. Aproximadamente após cinco gerações o talmude ganha um corpo escrito contendo os relatos da *torá*

oral. Devemos considerar que o ‘cerco da *torá*’ é o que concede autoridade ao rabino e legitimidade ao selo.

Sobre o ‘cerco da *torá*’, a tradição rabínica enfatiza que se deveria estabelecer um cerco ao redor da *torá* (escrita e oral) para um melhor cumprimento das leis e mandamentos registrados. Tal cerco é o fator que concede legitimidade aos rabinos de interpretarem (ou segundo a tradição, explicarem) as leis e mandamentos que compõem o judaísmo, mas contextualizando-os na época atual. O cerco da *torá* proporciona aos judeus ortodoxos a possibilidade de adaptarem-se à modernidade, ou aos avanços tecnológicos que surgem a cada momento. Na atualidade mais do que em épocas anteriores.

No que se refere à *kashrut*, vemos que, tempos atrás, sempre houve a figura do abatedor ritual que matava seu próprio gado e salgava sua própria carne, cumprindo todos os rituais necessários para que a mesma fosse considerada *kasher* e apta para o consumo de um judeu. Hoje, vemos que as instituições industriais ganham um status que antes pertencia a cada judeu em particular. Com o desenvolvimento do mercado *kasher* e o crescimento vertiginoso de produtos, a justificativa religiosa para tal proliferação concentra-se no cerco da *torá*, de forma que os rabinos entendem que novas características devem, na verdade, necessitar ser acrescidas aos rituais e alimentos em si para que a manutenção do cumprimento das leis seja exercido.

“... Porém, consoante a todo desejo da tua alma, poderás matar e comer carne nas tuas cidades, segundo a benção do Senhor, teu Deus; o imundo e o limpo dela

comerão, assim como se come da carne do corço e do veado. Tão somente o sangue não comerás; sobre a terra o derramarás como água...” (Deuteronômio 12:15-16)

Aqui, e em diversos outros textos⁸⁵, fica evidente que Deus fala à congregação de Israel, não aos sacerdotes ou levitas (peritos daquela época).

A legitimidade que o cerco da *torá* promove aos peritos da religião ortodoxa judaica, concede ao rabinato legitimidade e possibilidade de compreender e agir no que se refere aos produtos *kasher* de forma inovadora, propondo modificações que se enquadrem em artifícios tecnológicos e, por sua vez, se adaptem ao mercado.

Os níveis da *kashrut* alcançam as mais diversas especificações em relação à comunidade em que o religioso está inserido. Há ortodoxos, por exemplo, que consomem leite de vaca sem que um judeu ortodoxo tenha fiscalizado a ordenha, homogenização e pasteurização⁸⁶, em contra partida há os que somente consomem com verificação. A Lei judaica requer que, na produção de leite e seus derivados, um *mashguiach* (supervisor judeu) esteja presente desde o começo da ordenha até o fim do processamento. O leite que é submetido a esta supervisão é conhecido como *Chalav Yisrael* (do hebraico, Leite de Israel). A tradição judaica acentua a importância de usar exclusivamente produtos de *Chalav Yisrael*.

O falecido rabino Moshe Feinstein dos USA permitiu o consumo do *chalav stam* (não supervisionado) nos Estados Unidos da América. Nesse caso específico vale a pena ressaltar que uma das diferenças básicas entre o

⁸⁵ Dt 12:21; Dt 14:03-20; Lv 11:01-47; LV 17:10-16; Lv 22:01-16.

⁸⁶ Tal procedimento denomina-se: *chalav stam*

mercado *kasher* norte-americano e o brasileiro é a aceitação e consumo de tais produtos por um número significativo de não religiosos, inclusive não judeus. Tal postura, mesmo que sugira uma modernização, ou quem sabe flexibilização da doutrina culinária frente à secularização, ao mesmo tempo propulsiona o mercado *kasher* elevando, dentre outros fatores, os EUA como segundo país com maior consumo de *kasher*, ficando atrás somente de Israel.⁸⁷

⁸⁷ American Jewish Historical Society

III.VI TEN YAD

Uma opção para quem não possui condições financeiras de se alimentar seguindo as leis da *kashrut* é a instituição filantrópica *Ten Yad*⁸⁸ (estender a mão). Seus dirigentes calculam que alimentam em média 2000 pessoas diariamente. São almoços gratuitos para indivíduos sem condições de comprar alimentos. São refeições *kasher*, mas são só almoços, o que, mesmo sendo uma atitude socialmente benfeitora, não resolver o problema por completo de qualquer ortodoxo que só depende dessa refeição para alimentar-se de modo *kasher*.

“Acredito que sim, os preços realmente são muito elevados! Mas isso é tudo força de vontade, lógico que carnes e queijos, são um absurdo de caro, mas temos entidades que podem ajudar, mesmo que não são divulgadas, temos que procurá-las.”⁸⁹

Durante minhas buscas no campo entre conversas e observações, tal instituição alcança um número reduzido de membros da comunidade e, quase sempre se volta a ajudar presidiários, desempregados, necessitados financeiramente.

Como sugere Bourdieu (2006), a relação com a alimentação é a melhor forma de se observar o que ele denomina de materialismo prático, a relação dos indivíduos com seu *ethos* de status social.

⁸⁸ Fonte: <http://www.tenyad.org.br/>

⁸⁹ Jorge, engenheiro.

O objetivo da *Ten Yad* é muito mais assistencialista do que religioso, tendo nas refeições *kasher* um veículo de respaldo para uma comunidade específica, mas não suficiente se nos voltarmos para as questões que temos pensado até agora a respeito levar de uma vida *kasher*. De fato, os indivíduos que procuram tal instituição não vão necessariamente em busca de comida *kasher*, mas sim, em busca de comida; encontram guarida se possuem uma relação com o judaísmo, mas o objetivo final não são as regras determinadas pela lei judaica, e sim, a sobrevivência física através do alimento.

Disso tudo surge uma interrogação fundamental para esta pesquisa: É possível fazer parte da comunidade judaica ortodoxa sem dinheiro? E como a religião encara os despossuídos? Em nossas entrevistas as pessoas preferiam pensar que essa é uma pseudo-questão, ou seja, se um indivíduo consegue se alimentar no mercado secular, também o faz sem grandes problemas no que se quer ser *kasher*. Em alguns casos os entrevistados se recusavam a tratar tal questão.

Uma religiosa ortodoxa, quando indagada sobre a possibilidade de um religioso, sem condições de se alimentar *kasher*, cometer transgressão ou não, respondeu de forma um tanto quanto ambígua:

“Sim, é claro que comete transgressão! Mas, talvez haja uma alternativa, se ele fizer teshuvá⁹⁰, talvez ele seja perdoado...”

Ao mesmo tempo, sei que há um peso comercial grande em relação aos produtos, pois existem pessoas que vivem desse mercado⁹¹.

⁹⁰ Arrependimento. Existem rituais de arrependimento quando um judeu observante transgrediu um preceito, seja consciente ou inconscientemente

Isso nos faz elaborar q hipótese de que uma parcela significativa dos consumidores *kasher*, em São Paulo possuem não só uma relação estreita com a religião ortodoxa, mas também uma condição financeira que possibilita a vivência de tal condição. Sem dinheiro suficiente o ser ortodoxo em São Paulo torna-se restrito, dificultoso; em alguns casos seguir todas as especificidades rituais, de tempo, consumo e vivência parece impossível.

Em relação a esse tópico, a seguinte análise de Bourdieu é taxativa e esclarecedora:

“Portanto, fica claro que o gosto em matéria alimentar não pode ser completamente autonomizado das outras dimensões da relação com o mundo, com os outros e com o próprio corpo, em que se realiza a filosofia característica de cada classe. Para comprová-lo, deveria ser promovida a comparação sistemática entre a maneira popular e a maneira burguesa de tratar da alimentação, de servi-la, apresentá-la e oferecê-la, que é infinitamente mais reveladora do que a própria natureza dos produtos em questão.” (Bourdieu, 1985:2006).

Podemos inferir, das considerações de Bourdieu, que, assim como o gosto, os hábitos alimentares em si, carregam uma significância de classe e status representativas do modo como os indivíduos se relacionam socialmente com seus pares. Sendo que, a construção social sobre os produtos alimentícios, torna-se mais importante do que os produtos em si.

⁹¹ Samanta, administradora.

CAPITULO IV - IDENTIDADE ÉTNICA

“Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens havia perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores haviam tido – sem saber porque.”

Fernando Pessoa

IV.I Algumas Observações Sobre a Identidade Judaica Moderna

Como ressalta Bourdieu (2007:229), um antropólogo, por mais imerso em uma outra cultura, ou realidade social, jamais a perceberá ou a sentirá, como um nativo. As construções que se dão ao longo da vida de tal nativo, podem ser compreendidas como compreendemos um assunto histórico que jamais vivenciamos.

Deveríamos, então, ser todos nativos da esfera cultural que desejarmos pesquisar? De modo algum, como sugere Geertz (2002), pouco provável que essa posição seja fundamental para a ciência, sobretudo para a antropologia, que não se propõe biográfica, ou autobiográfica.

Em momento algum se espera sentir como o sujeito pesquisado, pretende-se, ao menos, compreender a lógica de tal sentimento, e as implicações do mesmo para a sociedade em questão. Assim, ao nos imiscuirmos no universo judaico, sobretudo no contexto em que as relações em prol do mercado, consumo e vivência *kasher* se estabelecem entre os

ortodoxos na capital paulista, procuramos empreender uma análise que se faça digna, de tão rico universo.

Como pensar a identidade judaica, sendo ela tão difícil de se perceber? Como perceber algo em que não estou imerso, e como imergir se não há espaço para novos mergulhadores?

O oceano é tão vasto que nos EUA a mídia apresenta após a eleição de Barack Obama a primeira rabinha negra, que dirige uma sinagoga ortodoxa de maioria branca: *"Eu sou judia e afro-americana. Essas identidades não são exclusivas na minha vida. Eu acolho essas duas culturas"*.⁹²

Os diversos contextos sociais em que os indivíduos estão inseridos, com grande frequência, em condições contraditórias (por se tratar de diferentes contextos), afloram como síntese identitária, constituída por símbolos sociais e culturais. A identificação com a alimentação é própria do ser humano, tal relação, rotineira e comum, por ser um símbolo que ao mesmo tempo em que se encontra no coletivo também ecoa na esfera individual, é grandemente receptiva a ritualizar-se como uma experiência geral no social, e na religião em particular.

Dentre os judeus religiosos ortodoxos de São Paulo, a criteriosidade em seguir uma dieta *kasher* constitui um fator fundamental para compreender sua identidade, e fronteiro no que diz respeito à 'fronteira étnica' (como ressaltaria Barth), entre ortodoxos e não-ortodoxos, entre judeus e não judeus.

⁹² <http://www.dodouro.com/noticia.asp?idEdicao=268&id=16406&idSeccao=2997&Action=noticia>

“O que é considerado verdade não mudou para essas pessoas, ou pelo menos não mudou muito. O que mudou foi o modo de acreditar”. (Geertz, 2004:30)

O modo do crer na religião tem sofrido mudanças. O processo de racionalização, ao menos entre os ortodoxos, os leva a detalhar cada ato minuciosamente, de forma a praticizar todos os mínimos acontecimentos do viver diário. A fé se estabelece através da ação e a ação representa o ápice da vida religiosa judaica ortodoxa.

Tais ações, cumpridas à risca, reafirmam em si mesmas o compromisso com a ortodoxia em particular e com a religião judaica no geral. De fato, são as ações, não as motivações intenções ou sugestões que contam no cotidiano ortodoxo judaico. Esse posicionamento, entre a busca pelo sagrado, a purificação e a oposição ao profano, o ritualismo próprio da conduta doutrinária da religião, constitui também como uma postura de manutenção da verdade estabelecida nos primórdios do judaísmo, trazendo em si, de forma prática, mensurável e evidente, a aceção do conceito de ortodoxia e lutando (contra a maré) para manter aglutinados tantos os princípios, quanto à tradição e à santidade judaica.

Como lidar com a Modernidade? Não é uma questão que julgamos conseguir responder. Provavelmente não é uma questão que tenha uma resposta que satisfaça, não no âmbito religioso.

A postura de rigidez e negação de tudo o que é supostamente externo e novo é utópica e ilusória. Apesar de que alguns parâmetros, com novas estratégias de ação, envolverão os indivíduos de forma a vivenciarem a

tradição, mesmo que seja uma tradição com uma nova roupagem; ainda assim, o advento da modernidade, ou quem sabe a inevitabilidade do abandono da tradição, coloca em xeque esse sentimento de pureza e originalidade tão ansiado pela ortodoxia. Observamos que no caso dos judeus, o apego à tradição e aos rituais foi uma marca indelével ao longo da história. Assim:

“Os judeus do período clássico aumentaram suas restrições à atividade do sábado ate o ponto de não desejarem nem mesmo defender-se nesse dia. Esse fato contribuiu de maneira considerável para que fossem subjugados, a partir do que os romanos se apressaram em aproveitar-se dessa circunstância”. (Linton 2000:95).

Por sua vez, a liberalização, ou melhor, a flexibilização para a adaptação apesar de supostamente gerar menos constrangimento social, vivencial e comportamental por parte dos indivíduos adeptos, distancia-se de forma a destoar dos princípios que a religião dita tradicional, conservadora e que visa a preservar. Claro que em nenhum caso a originalidade é preservada, e também em nenhum deles é isenta de modernização, mas no segundo deles a concepção religiosa está sujeita a tantas transformações e acréscimos que a possibilidade de uma descaracterização gradual e definitiva faz-se maiormente presente.

Assim, o judaísmo ortodoxo que se estabelece como a exemplificação dessa corrente rígida busca de todas as formas proteger-se de adventos de quaisquer tipos que visem modificar a compreensão ou as ações de conduta de seus membros, ao mesmo tempo em que precisa desenvolver infinitas formas

de lidar com a vida atual de seus adeptos. Conseqüentemente, as nuances crescem de forma exacerbada solicitando um grau de exigência complexo e detalhado, proporcionando, segundo os parâmetros de tal corrente judaica, um grau de pureza elevada frente a uma sociedade não *kasher*, de maneira a santificar a vivência cotidiana.

Na sociedade do capital, há uma aglutinação que objetiva o totalitarismo, tendo como conseqüência o avanço das forças e relações produtivas, gerando inevitavelmente um paradoxo tecnológico e social, que resulta em desigualdades sociais e por fim, miséria. A ocorrência da subjetividade se dá como um arroubo em meio à lógica instrumental, os valores perdem em racionalidade e ganham em estética. O individualismo e a preservação pessoal posicionam-se no topo dos ideais modernos (Weber:1982).

Nos grandes aglomerados urbanos, a gritante desigualdade, o desemprego, entre outros, são fatores que concorrem simultaneamente para a dissolução de laços comunitários e para o desenvolvimento de outros processos, em determinados casos a violência, em outros, a descrença da comunidade religiosa.

Bernardo Sorj (1993), judeu laico, analisa o judaísmo moderno, e o encontra como uma racionalidade auto-justificatória, procurando a legitimidade da existência judaica na sua aceitação, pelo que ele chama de '*mundo exterior*'.

Se as mudanças que a modernidade vêm causando na sociedade como um todo, as repercussões históricas do Iluminismo e o capitalismo contemporâneo, têm segundo Sorj, gerado no judaísmo uma modificação de fora para dentro, constringendo os judeus a comportarem-se 'igualmente como

todos os outros', não seria exagero afirmar, como faz Grin (1993), que a cultura judaica é, em boa medida, como qualquer outra cultura, aberta a reelaboração e adaptação de invenções culturais realizadas por outros povos.⁹³

Sobre essa questão, Sorj (1993) faz uma análise das mudanças e repercussões que a Revolução Francesa gerou no judaísmo da época. O Iluminismo trouxe consigo grandes avanços que, juntamente com a Revolução Industrial, abriram espaço para a profunda mudança política determinada pela Revolução Francesa. Essas mudanças foram de tal ordem significativas que alguns grupos de judeus associaram a Revolução Francesa à chegada do messias. A dinâmica da sociedade moderna, como enfatizou Sorj (1993), na sua versão capitalista, demonstrou que os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade podiam ser rapidamente negados por forças políticas capazes de mobilizar "sentimentos xenófobos e o terrorismo de Estado, com amplo apoio social". Para os judeus, a fragilidade dos valores humanistas e a incerteza da vida moderna refletida na confrontação do anti-semitismo, real ou potencial, geraram entre a maioria de judeus da Europa ocidental e central, inicialmente uma vontade ainda maior de imitação, de ser 'igual' para ser aceito.

"Na Revolução Francesa, a emancipação política dos judeus passava pela emancipação do judaísmo. Os "vícios" judaicos – hábitos alimentares repulsivos, eram geralmente explicados como se fora efeito do isolamento a que foram condenados. A integração na sociedade permitiria uma rápida 'regeneração' do povo judeu". (Sorj, 1993).

⁹³ SORJ, Bernardo & GRIN, Mônica (Orgs.). **"Judaísmo e Modernidade: Metamorfoses da tradição messiânica"**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

Com isso, queremos pensar, não necessariamente que vivamos em uma época de revolução tal como a ocorrida na França (apesar de também não descartarmos a possibilidade de isso ser coerente), mas que, essas transformações globais, as quais alcançam as nações e imiscuem-se pelos diversos grupos, etnias e setores da sociedade, geram novas perspectivas e mudanças até mesmo no judaísmo ortodoxo.

Sobre a existência dessa modificação das esferas sociais que tem ocorrido em ordem nacional e transnacional, Topel (2005) demonstra, em seu trabalho, que a partir da década de 1950 observa-se a primeira mudança, a configuração na identidade dos judeus da cidade de São Paulo⁹⁴ como resultado de dois processos:

- O intenso processo de modernização que se enraizou na sociedade brasileira;
- Os fatos históricos do século XX, que se deram com o judaísmo em esfera mundial, como o Holocausto e a criação do Estado de Israel.

⁹⁴ Tal modernização, se estabelece, dentre outras coisas, pelo processo de expansão do sistema capitalista brasileiro.

IV.II Ortodoxia Judaica Brasileira: Conflitos ou Certezas Identitárias?

A estruturação do conceito e do universo da *ortodoxia* judaica nasce como uma tentativa de resistência frente ao movimento da modernidade que se enraíza na sociedade brasileira e se alastra no sentido de englobar as diversas 'redes sociais', compositoras da sociedade como um todo. Inevitavelmente, o judaísmo não se acha isento desse englobamento e, alguns judeus buscam posicionar-se de maneira a manterem-se 'puros' contra o 'novo' e o 'externo'.

Assim, mesmo que alguns judeus lutem por manterem-se em uma estrutura semelhante ao judaísmo tradicional, a modernidade os arrastam para a convivência extra-grupal.

“O judaísmo moderno, em contraposição ao rabínico/tradicional, quer ser sistemático e coerente, centrado no outro, isto é, procurando forçar a convergência e mesmo a identidade entre os valores judaicos e os valores modernos”. (Sorj, 1993).

A modernidade judaica nos é apresentada pelos autores citados como uma ruptura interna que afeta o sistema de autoridade tradicional, seu modo de organização, seus sistemas de valores e representações, seus símbolos, suas práticas e suas crenças. Entretanto, no Brasil em geral, e em São Paulo em particular, não houve um confronto entre ortodoxos e laicos para que esses últimos tivessem acesso à sociedade maior. No Brasil os ortodoxos sempre foram minoria (Rattner 1977; Topel 2005).

Ao ingressarem na sociedade brasileira, o estigma da perseguição e exclusão, junto ao objetivo de não serem taxados e tratados como diferentes, faz com que os judeus adotem padrões e comportamentos semelhantes da sociedade que os abriga. Evidentemente a dieta *kasher* perde vigor nesse momento, pois limitaria significativamente as relações e possíveis interações com a sociedade maior. Esse fator gera a perda da identidade com o grupo de origem. Nos primeiros anos 'a regra' era imiscuir-se, confundir-se com os nativos. Curioso que a partir da década de 1990, a geração de judeus que já nasce brasileira, modifica tal posicionamento para compor-se como ortodoxos, sagrados (separados).

Bauman (2005:12) sugere que identidade é uma convenção social que se propõe a reorganizar biografias mal resolvidas, ou em seus próprios termos, '*pouco originais*'. Todavia, não me parece ser esse o caso dos judeus ortodoxos, que possuem, digamos, um senso identitário, consolidado. A identidade para um judeu religioso é confirmação, quase inevitável, de sua biografia pessoal, haja vista, os esforços individuais em se cumprir complexas regras de conduta, como a dieta *kasher* e tantas outras mais.

Assim, os que se propõe a seguir uma dieta *kasher*, estarão deliberadamente colocando-se em um paradoxo social, pois não consumir alimentos não *kasher* ocasionará também uma restrita convivência com não judeus ortodoxos. Fato esse que, se por um lado fortalece a identidade de grupo, por outro enfraquece uma possível identidade local, ou porque não dizer brasileira. O dilema em se manter religioso ao identificar-se com a sociedade fora do grupo é constante. Aliás, em maior ou menor grau observa-se essa tensão ao longo da história.

Ainda sobre tal fenômeno não devemos deixar de considerar – como sugere Bila Sorj (1997) que no Brasil, o espaço público e privado não é totalmente segregado, aliás, não se encontra uma divisão clara nessas duas esferas de convivência. Essa condição da construção de certa identidade nacional, acarreta inevitavelmente um peso maior sobre os judeus ortodoxos que seguem a dieta *kasher* com seus restritos hábitos. Assim, por exemplo, não se toma café, não se almoça, nem se aceita um copo d'água de um não ortodoxo, e já temos demonstrado como o papel da alimentação é fundamental na sociedade, e aglutinador de um modo geral. Sobretudo, como acabamos de nos referir, em um país em que a casa é sinônimo de relacionamento com os pares. Poder-se-ia inferir que aqueles que não freqüentam nossas casas deixam de ser pares, ou não se tornam pares, podendo sofrer, mesmo – e talvez principalmente – silenciosamente um preconceito e quem sabe discriminações?

Por outro lado, Bauman nos lembra que:

“Ao mesmo tempo, porém, a comunidade representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo o planeta” (Bauman, 2004:12).

IV.III Um Antropólogo Gentio e a Identidade Judaica

Segundo Anita Brumer: *“Os judeus podem ser considerados como uma etnia, a partir da definição que caracteriza como qualquer grupo que acredite ter uma origem comum, real ou imaginária”* (Brumer, 1994:30). Isso nos mostra o quão dificultoso é conseguir uma definição, mesmo se jamais almejarmos tal. Ainda sim, para se compreender a ação de uma comunidade sobre determinado mercado ou doutrina, precisamos, ao menos, conseguir entender quem são seus membros, e sobre quais fatores eles se encontram.

Os ortodoxos casam-se endogamicamente, são enterrados em cemitérios judaicos, e são educados como ortodoxos pelos seus pais desde a infância. Seria a identidade judaica uma auto-identificação, uma construção pessoal? Não só, pois os ortodoxos são considerados judeus também pelos não judeus e, até mesmo, pelos outros judeus (laicos, reformistas...).

“Vista como fenômeno social, cultural e psicológico (isto é, humano), a religiosidade não é meramente saber a verdade, ou o que é tido como a verdade, mas incorporá-la, vive-la e dar-se a ela incondicionalmente”. (Geertz, 2004)

Identidade é um conceito em movimento, de forma que, enquanto o grupo ou indivíduo se constrói também é construído, reconstruído e desconstruído pelo outro.

Por outro lado, uma análise externa, ou seja, de um pesquisador não interessado em viver doutrinariamente a religião, utiliza-se da metodologia da

ciência para compreender tal fenômeno de inquestionável importância para a vivência, e talvez sobrevivência humana, ou seja, a religião.

O presente trabalho se propõe a compreender o universo do religioso e analisá-lo como um pesquisador científico. A imbricação dessas duas esferas torna-se não só importante, mas fundamental tanto para a compreensão de meu objeto de estudo como para a construção do agir antropológico em si, de forma a apreender o universo do nativo e tentar descrevê-lo em palavras que sejam audíveis aos padrões científicos que nos são impostos.

Nessa trajetória, a vida teve o poder de me trazer revelações fantásticas, sobre, através e pelos nativos... Mas, além de tais, o conceito de identidade gerou em mim um acúmulo de vazio, isto é, a percepção de que as barreiras étnicas das que nos fala Barth (1999) são, na verdade, pedaços de cercas mal construídos, limites não claramente estabelecidos, que em alguns poucos momentos de descontração e proximidade em algumas entrevistas, sacrificava minha experiência em prol da razão, ao contrário do que sugere Weber (1982).

Assim, o conceito de identidade, a experiência da identidade desaparecia por algumas horas, e voltava de forma arrasadoramente grande em outros momentos de contado com outro entrevistado, ou um artigo, um livro ou algo do gênero. Finalmente, minhas possíveis conclusões tendiam mais a um sentimento de gratidão (algo como sugestivamente divino) pela possibilidade de experimentar um estranhamento e, em momentos muitos, um reconhecimento do viver antropológico.

Tentei por vezes aguçar minha percepção e atinar-me com a 'distância', 'a diferença' buscando parcamente resgatar o que Geertz experimentou na Indonésia e Marrocos. Sem dúvida, salta aos meus olhos o que o próprio

Geertz destaca em seus textos, a dificuldade de expressar em palavras minhas experiências de campo. Apesar de haver um capítulo em que me imponho a tentativa de descrever minha experiência em campo e suas mais diversas significações, me parece que só o fato de haver uma necessidade de cuidadosa e significativamente descrever o campo partindo do princípio de que o leitor possa concluir e interpretar de forma equivocada a vivência do grupo analisado, já sugere, mesmo que suavemente, uma diferença identitária um tanto evidente.

A identidade religiosa é mutável e reversível, além disso, diversos fenômenos, tais como, o social, étnico, cultural, também são utilizados, por uma quantidade cada vez maior de indivíduos e grupos, para a caracterização individual e coletiva do ser judeu (Rattner, 1977).

Em meio a tantas possibilidades, o ponto de vista parece ser uma definição cabível, ou seja, a auto-identificação. Claro que tais aspectos não propiciam uma identidade aceita pelos judeus que se denominam ortodoxos, segundo esses, os mandamentos, que dizem respeito às leis de pureza familiar, o descanso sabático e as leis dietéticas *kasher*, devem ser cumpridos à risca para caracterizar um indivíduo como membro do grupo.

IV.IV Kashrut como Fator Aglutinador da Identidade Ortodoxa Paulistana

O judaísmo se constitui como uma religião ortoprática, e a motivação para o cumprimento das leis não se fundamenta em disposições pessoais, ou em possíveis benefícios. A obediência se baseia unicamente em cumprir com préstimo a vontade divina, em executar os mandamentos de forma precisa e ética. Seguir os 613 mandamentos da *torá* é o fator, segundo a ortodoxia, determinante para se diferenciar um judeu religioso de um laico. Haja vista declarações de entrevistados enfatizando que o propósito de se crer em uma divindade é cumprir suas especificações práticas e não motivacionais e emocionais.

“Não posso afirmar, mas estamos numa sociedade que cada vez mais visa o bem estar e a saúde, embora como eu falei anteriormente a alimentação kosher ela é muito mais espiritual do que material, quando um judeu a come, ele come pelo fato de que aquele alimento foi feito segunda as leis de kashrut ordenadas pelo todo poderoso. mas de qualquer forma no aspecto físico ela tem uma imagem de alimento melhor cuidado e tratado alem das questões de higiene (embora os judeus não as comam por esse motivo), então a comida kosher tem tido penetração nessas pessoas que tem visado escolher melhor o q se come.”⁹⁵

O caminho para se conhecer todas as leis é árduo, pois a *halachá*, constitui-se em 613 mandamentos (organizados e desenvolvidos por Maimonides), mas atualmente, em função da complexidade da vida moderna e do desenvolvimento tecnológico, o número de adendos aumentou significativamente desde como coar o leite, preparar determinados alimentos,

⁹⁵ Isabela, esposa de rabino.

usar ou não computadores, o acesso à internet... Torna complexo e vasto o processo ritualístico sobre cada ação cotidiana e rotineira, pois um simples deslize pode ser considerado como *não-kasher*, e eleva seu infrator à condição de impuro. Claro que, no judaísmo, até mesmo no período da *torá*, há uma série de rituais para cada situação de impureza. A pureza e a impureza são estados transitórios⁹⁶.

“Mas, em todas as sociedades, o sistema alimentar se organiza como um código lingüístico portador de valores ‘acessórios’, e em certo sentido poderíamos dizer... que a carga simbólica da comida é ainda mais forte quando ela é percebida como instrumento de sobrevivência diária” (Montanari pg. 158).

Para os ortodoxos, a *kashrut* significa um fator diferenciador, algo que os fará olhar em volta e se entenderem como separados e compreenderem a diferença, entre internos e externos ao grupo (Douglas, 1966). Além de evitar a mistura e inviabilizar casamentos mistos, o que derrubaria as fronteiras delimitadoras da identidade judaica, erigidas pelos ortodoxos atualmente.

Por sua vez, Rattner (1977) trata a questão da tradição histórica, que surge em função da construção identitária do povo judeu, como uma possível explicação sobre a inserção ou não dos judeus na comunidade ou país em que imigram. Essa tradição é caracterizada pelo autor como um empecilho à dissolução do grupo. Além disso, também destaca com dados estatísticos e pesquisas demográficas a importância da cidade de São Paulo para a

⁹⁶ Por exemplo, Levítico 15:01 em que o homem que tiver fluxo seminal torna-se imundo, ao termino do fluxo, continua imundo por mais sete dias de purificação, após lavar suas vestes e banhar-se, torna-se limpo.

instalação e desenvolvimento da comunidade judaica no Brasil. Problemas de casamento (dificuldade em se encontrar pares endogâmicos), dissolução da comunidade, oportunidades e especialidades de trabalho, aumento da população judaica, que prefere distribuir-se pelo país de forma a buscar locais com maior flexibilidade de negócios e porque não pensar, com menos preconceito – arriscaríamos dizer nenhum? – sobre seu desenvolvimento identitário. O possível estranhamento em uma cidade pequena sugere ser maior do que em uma metrópole como a capital de São Paulo, na qual em meio à correria do sistema e o elevado número de pessoas, os diversos grupos identitários, étnicos, tribos urbanas, de diferentes comportamentos, opiniões, estéticas e escolhas, tornam-se fluidos, misturam-se como ‘mais um grupo’ e não como ‘o’ estrangeiro, o estranho, o diferente.

A temática da identidade caracteriza-se não como um fio condutor, mas como um caminho que nos proporciona entender as semelhanças em seu interior. Sobre isso, Guillermo Ruben⁹⁷ escreveu um artigo onde analisa a teoria da identidade tanto em sua *ordem clássica* como em seu ‘*renovo contemporâneo*’. Algo que fica evidente no texto de Ruben é o fato de que as diferenças que foram pensadas sobre tais momentos (Clássico e Moderno), constituem-se somente como algo superficial, desprendido de uma real disparidade ou antagonismo teórico. Além disso, essa ‘*existência de uma condição prévia para a formação e manutenção de uma sociedade*’ é desmistificada por Ruben que trás luz sobre essa questão do ‘irredutível’ (como chamaria os pensadores da visão contemporânea). A partir disso, podemos verificar que, apesar de não existir um *espírito*, como pensava Hegel,

⁹⁷ RUBEN, Guillermo Raúl. ‘Teoria da identidade: Uma Crítica’ in Anuário Antropológico, Edit. UNB, 1986.

unificador, existem elementos relacionais, que proporcionam a unificação, e essa não necessariamente homogênea, de um determinado grupo/sociedade.

A 'identidade' étnico religiosa judaica, que constitui nosso objeto empírico de análise, perpassa por duas questões, que se não são homogeneizantes, servem, pelo menos, de fator motivador para a existência de tal grupo.

Por último, é possível afirmar que a identidade judaica se manteve ao longo dos séculos por se recriar ao redor dos seguintes cinco princípios: O Princípio Religioso, O Princípio Étnico: principalmente o mandato endogâmico, O Princípio de Organização Social/comunitária, ao redor das Kehilot (do hebraico: comunidade), O Princípio Lingüístico: a Língua Hebraica, A Profecia Messiânica ligada ao território mítico/histórico de Israel⁹⁸.

⁹⁸ Conforme afirma Ben-Zion Dinur⁹⁸ a constituição étnica judaica perpassa pela terminologia denominacional e pelo crescimento nacional. *Filhos de Israel*, são o povo de Deus. *Casa de Israel*, a nação como um todo. *Tribos de Israel*, as partes independentes do território geográfico. *Antepassados de Israel*, são os chefes, líderes.

IV.V Identidades Coletivas

Cardoso de Oliveira (1976) salienta que a noção de identidade contém duas dimensões: a pessoal e a coletiva, e que essas duas esferas de existência são interconectadas. O autor também destaca o fato de que a identidade é algo em processo, que os indivíduos, grupos e situações concretas em que os mesmos estão inseridos formam as especificações identitárias desses. Essa identificação étnica se dá quando, ao relacionar-se com o outro, e para se identificar em termos ‘raciais’, ‘nacionais’ ou ‘religiosos’, como diz o autor, o indivíduo faz uso de tais termos.

Para Weber, o judaísmo não ‘impulsionou’ o capitalismo como o protestantismo, pois os judeus se identificavam com um capitalismo aventureiro, político e especulativo, assim, como dizia Weber, seu *ethos* era o do “capitalismo paria”, que expressa, inevitavelmente, uma faceta de seu caráter identitário.

Geertz (1989) ao remete-se à questão de símbolos religiosos, interpreta o *ethos* do grupo (na crença religiosa), como ‘intelectualmente razoável’. Nesse caso, esse intelectualismo razoável diz respeito à forma de a religião afetar a visão de mundo e essa de afetar as condutas religiosas. Tais símbolos gritam tão alto que dirigem como condições *sine qua non* de vida:

“De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida impostas, implícitas no mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum da a forma inalterável da realidade. De outro lado, apóiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo

invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade” (Geertz, 1989).

Partindo de tal reflexão, e considerando que, o capitalismo e suas influências constituem e são constituídos na e pela visão de mundo da sociedade, a religião incorporaria, em determinadas condições e momentos, seus reflexos e, em função disso, uma estrutura particular.

Remetendo-nos novamente a Cardoso de Oliveira (1976), que considera que as relações entre grupos de diferentes procedências ‘nacionais, ‘raciais’ e ‘culturais’, (que ele denomina de ‘contato interétnico’), tem sido, diz ele, um dos fenômenos mais comuns no mundo moderno. O judaísmo, inevitavelmente, também passa pelo mesmo processo social, com transformações internas no judaísmo ortodoxo no contexto do capitalismo atual.

Apesar de que o grande paradoxo no que se refere aos produtos *kasher* sejam as finanças, nesse caso a cultura local que propiciaria certos benefícios, digamos assim, é suprimida em prol da complexidade *kasher*, fator esse percebido pelo indivíduo, mas mesmo assim, inferior na escala de valores de sua vida, em que a religião ocupa um peso maior.

Relato de um judeu ortodoxo, sobre as dificuldades culturais de se viver *kasher*.

“Em Juiz de Fora existe uma espécie de lama comum e quase que exclusiva da região da zona da mata mineira, conhecida como tarufa. Pois

bem, com a tarufa, sem a necessidade de levá-la ao forno, se confecciona panelas e diversos outros tipos de vasilhames (hoje a maioria é objeto de decoração) altamente resistentes e retentores de calor. Pois bem, no meu fogão a lenha sempre utilizo panelas de tarufa (são grátis, lama é o que não falta), os vasilhames da lama tarufa podem ser kasherizados? não podem não. É o mesmo que vasos de barro ou cerâmica, é um material muito poroso e impossibilita a kasherização, ou seja, me encontro tendo que gastar além das minhas contas.”

(Flávio, 35. autônomo)

“O comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social... reagimos aos hábitos alimentares de outras pessoas, quem quer que sejam elas, da mesma forma que elas reagem aos nossos”. (Mintz, 2001:31). Essa reação podemos atribuir a um choque de culturas, como propõe Laraia (2005), ou a uma barreira étnica como sugere Barth (1998). Seja como for, a alimentação permeia nossas concepções identitárias, sobretudo se entendermos identidade como ‘um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada’ (Hall, 2006:15).

Ao abandonar o convívio e a vivência religiosa, os judeus não deixam de desenvolver tradições e comportamentos que afirmem e reafirme sua identidade grupal. Rattner (1977) evidencia que com o abandono da religião os judeus encontram substitutos culturais que os motivem a contituírem-se identitariamente, e porque não dizer seletivamente, como judeus. *“Religião é um fenômeno do âmbito cultural. Quando alguém deixa de se identificar com*

uma religião deixa, de fato, de pertencer a ela". (Decol, 1999:6). Seja como for, um fator que deve ficar evidente é que judaísmo não se restringe à religião, mesmo assim cumprindo papel fundamental em nosso objeto de análise e no judaísmo em geral.

Não se pode negar que o mundo está em transformação. Globalização, modernidade, pós-modernidade, transnacionalidade, sociedade de informação, sociedade pós-industrial, são conceitos ou idéias que expressam, contudo, mudanças de ordem mais geral, que se constituem como o processo, dentre inúmeros outros, de secularização e desencantamento do mundo (Weber). A aculturação e tecnologização pós-revolução industrial, trouxeram características, até então nunca vistas propondo uma nova organização (ou desorganização) da condição identitária dos indivíduos e grupos. Segundo Rattner (1977) tais aspectos são novos aos judeus, principalmente na sociedade brasileira onde a interação social diverge de forma gritante da Europa, onde uma grande parte dos mesmos permanecia isolada e discriminada. Sem contar, que tal atitude secularizadora flexibiliza as barreiras identitárias antes tão densas e rigorosas.

"Quando se fala em religião no Brasil na segunda metade do Séc. XX, as mudanças de identidade não podem ser desconsideradas... Uma dimensão importante do fluxo atitudinal é a secularização: um processo histórico de longo alcance, profundamente enraizado na história do Ocidente, e que O tende a tornar os indivíduos menos propensos a adotar uma perspectiva religiosa do mundo." (Rattner, 1977:152).

No que diz respeito à dieta *kasher*, há uma problemática *kasher*, ate mesmo internamente da identidade comunitária. Os ortodoxos precisam de um passado *kasher* para serem vistos como tais. Por ser proveniente de uma família laica, o *baal teshuvá*⁹⁹ não possui um passado *kasher*. Assim, só encontram lugar estabelecido na comunidade quando casa-se e constitui sua própria família, a partir de então a mesma se torna *kasher*. Não obstante a intolerância demonstrada aos que até então não eram ortodoxos (mesmo que seja uma intolerância condicional e momentânea: até o casamento), o fato de ser considerado *kasher* faz-se como fundamental para a constituição e ratificação da identidade do religioso dentro da comunidade ortodoxa.

Todos esses fatores parecem nos levar ao que propõe Hall e Rubens, de que um fator aglutinador de identidade, na modernidade atual, torna-se cada vez menos real. A dificuldade em se conciliar a doutrina ortodoxa com a vida diária em uma sociedade como a brasileira é fator conflitante, seja como for, esse contraste com a sociedade propulsiona a condição identitária dos judeus ortodoxos, ao menos no que se refere à quem não é judeu.

“A identidade social define-se e afirma-se na diferença”

(Bourdieu, 2006:164)

A *kashrut* é um fator de determinação identitária. Inevitavelmente! Mas, ora tal fator diferencia os judeus de não judeus... Ora separa judeus de judeus e, pais de filhos. Nesse caso talvez tenhamos a condição sugerida por Cardoso de Oliveira de uma identidade contrastiva, ou quem sabe, ate mesmo o fator

⁹⁹ O fenômeno de *Teshuvá* nos é interessante na medida em que demonstra como o universo *kasher* não é somente um divisor entre judeus e não judeus, mas também entre judeus ortodoxos e laicos, além de judeus com passado (família ortodoxa) e os neófitos. Mesmo assim, *kasher* não é sinônimo de ortodoxia, mas um fator aglutinador e diferenciador da comunidade judaica.

mais evidente da construção da identidade judaica esteja perdendo seu caráter de estruturador de uma barreira étnica e seja, através da modernidade, algo frouxo, pouco definidor, nos fazendo voltar ao nosso dilema inicial, em que se é judeu quem se auto-define, quem se considera ou é considerado como tal pelo grupo?

A alimentação *kasher* é contrastiva com o outro, tal outro ora é um não-judeu, ora é um judeu não ortodoxo. Em casos como o ultimo, nos apresenta como um não judeu para os ortodoxos, ou seja, filhos de pais convertidos, ou filhos de pais não ortodoxos são considerados *goim*. Assim sendo, a identidade judaica, fundamentada na alimentação *kasher* (devemos evidenciar que, mesmo a alimentação *kasher* assumindo um papel importante no viver ortodoxo, ser ortodoxo não se resume em levar uma dieta *kasher*) cumprida à risca, é em uma quantidade grande dos casos, contrastiva, como sugere Cardoso de Oliveira, ‘uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do nós diante do outros, jamais se afirmando isoladamente’. (1976: 36). A dieta *kasher* constitui-se literalmente como uma barreira étnica.

Deveríamos, talvez, pensar em relações intra-grupais, considerando que os ortodoxos também são um subgrupo dentre os judeus brasileiros?

“Esses dados revelam que o cumprimento das leis dietéticas, principalmente por pessoas que as adotaram em idade adulta, constitui um foco de tensões. Assim, quem escolheu o caminho da ortodoxia, mas vive, isto é, trabalha, estuda, viaja e come, no marco da sociedade mais ampla, se vê confrontado com o dilema de: ou manifestar abertamente a sua identidade judaica, o que equivale a rejeitar a comida oferecida pelos

seus pares não judeus, ou transgredir um princípio básico do judaísmo. A primeira opção não é menos dura do que a segunda, se partirmos do pressuposto de que se trata de pessoas que também se definem como brasileiras, e para as quais é difícil e embaraçoso quebrar as regras de etiqueta vigentes no Brasil, além de colocar numa situação desagradável amigos e companheiros de trabalho.” (Topel, 2005)

CAPÍTULO V - QUESTÕES ECONOMICAS: O MERCADO KASHER

*“Não direi que é casto ou inocente porque nada do que é comercial pode receber tal qualificativo”.
(Bourdieu, 2007: 14).*

As construções do capital, independentemente de que ordem sejam, intervêm em nossas relações vivenciais, às vezes de maneira obscura e imprevista, em outras como impositoras de um código de ação que se denomina como liberal, mas se comporta como ditador.

Mary Douglas¹⁰⁰ conclui que o dinheiro nos arrasta para um comportamento *‘imprevisível, complicado e independente do dinheiro’* e sobre isso enfatiza a vantagem dos povos ditos primitivos sobre tal evento moderno de insegurança e eventualidade.

No clássico trabalho *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), o sociólogo Emile Durkheim reconhece que a religião, acima de tudo, diz respeito ao modo como organizamos a nossa compreensão da realidade e, nesse caso, ela é precursora da ciência e não sua antítese (Durkheim, 1995:25).

As religiões se adaptam ao sistema da modernidade e seus fins. Mesmo entre as religiões afro-brasileiras as oferendas para os orixás eram "despachadas" em água corrente, normalmente rios ou cachoeiras, porém como passou a ser crime (no que se refere às leis de vigilância sanitária), após

¹⁰⁰ DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. (1996:115).

três dias, esta oferta será "despachada", em saco de lixo, que irá junto com o seu lixo comum.

Esta é a nova forma de fazê-lo, colaborando assim com a natureza, que é o próprio orixá. E, evidentemente, submetendo-se às leis ambientais.¹⁰¹

No contexto do capitalismo moderno, a comida sempre foi um meio de lucro. A inevitabilidade da ingestão de alimentos tornou tal ramo como uma galinha de ovos de ouro para os empresários que o exploram com assertividade.

Se for evidente tal sucesso entre a população em geral, que se alimenta de forma desenfreada e despropositada, o que diremos sobre os judeus ortodoxos que têm sua identidade pessoal, grupal e sua condição de religioso atrelada direta e majoritariamente sobre a comida ingerida no dia a dia?

“A Comida foi então um capítulo vital na história do capitalismo, muito antes dos dias de hoje: como alimentar pessoas e como fazer dinheiro alimentando-as” (Mintz, 2001:33).

O capitalismo se estabelece no Brasil, de forma a instigar desejos e desenvolver mercados de formas inovadoras, mas através do desenvolvimento dos mesmos desejos. Motivando e seduzindo consumidores a pensar de uma forma equivalente e, ilusoriamente sugerindo um suposto potencial de plena satisfação através de produtos ditos modernos (Mintz, 2001:33).

¹⁰¹ http://translenza.com.br/orixa/lnk_topicos.php?id=47

É claro que não devemos (nem podemos) desconsiderar o quanto as relações econômicas interferem na absorção e construção cultural dos imigrantes. É inevitável que o potencial econômico dos mesmos, defina padrões, estabeleça contatos e, pelo menos a princípio, delimite status e locais de acesso, que desde então já estabelecerão, mesmo que embrionariamente, a posição do imigrante e sua condição de aculturação. (Rattner, 39).

Sempre me soou intrigante a relação que as religiões atuais travam com o sistema socioeconômico. O estudo das religiões sempre esteve enraizado na antropologia, como os números na matemática. Os judeus, por serem uma minoria imigrante no Brasil, com uma religião que não se pretende universalista, apesar de ter um Deus universal, com valores ortopráticos, torna-se, ao menos a nossos olhos, um diamante bruto a ser explorado antropologicamente.

O comércio, talvez por motivos históricos como sugere Decol (1999), ou por motivos sociais, em função do nomadismo e da necessidade de serem o mais flexíveis possível e autônomos, não só pelo constante deslocamento entre países em função da perseguição, mas também pela perseguição local que os tornaria por demais submissos, ou quem sabe pelo legado teológico que inevitavelmente se interpõe na construção dos adeptos (nesse caso não só dos judeus, mas é uma construção social muito freqüente, a influencia da religião sobre o comportamento, como já se refere Sombart, Weber). Seja como for, a relação milenar dos judeus com o comércio é fato sempre presente e o sucesso empreendedor dos mesmos gerou e tem gerado grande discriminação e preconceito.

“Os judeus na sociedade são aproximadamente como os clientes Mandaris. A convicção em suas sinistras, mas indefiníveis vantagens no comercio justifica a discriminação contra eles – ao passo que sua real ofensa é ter estado sempre fora da estrutura formal da cristandade”. (Douglas 1996;129).

O que nos propomos a pensar no momento é que esse mesmo empreendedorismo histórico, social e de relativo sucesso, além de ter sido, como sugere Douglas o fator discriminatório dos judeus, talvez hoje seja um fator que valorize demais os valores capitalistas modernos e subjugue os valores ortodoxos.

Nesse momento da sociedade, fator que necessitamos levar em consideração, o dinheiro gera um poder e ausência de perseguição, pois inclui seus possuidores em uma condição que se encontrem, de certa forma, acima do bem e do mal. Talvez isso seja um ponto importante para entender o porque dessa subjugação das praticas ortodoxas, frente às praticas financeiras que trazem ‘libertação’.

Se é que tal subjugação, como sugerimos, realmente existe apesar do fator fortemente comercial do mercado *kasher*. Claro que, como propõe Stuart Hall (2006), essas questões não são determinadas de forma definitiva por fatores impostos. Há uma ‘luta’ entre a religião e o mercado, luta essa não declarada, nem sequer unilateral ou exclusiva. No campo social, a todo tempo, há um contexto de liminaridade, onde as diversas influencias se repelem, contradizem e imiscuem.

“Mais do que antes o dinheiro torna-se a base das disparidades sociais. E o que as pessoas concretamente realizam e produzem torna-se mais importante que suas maneiras.” (Elias; 1990:207).

Bourdieu (2007:90) propõe olhar os comportamentos sociais, muitos tidos como rotineiros (como a alimentação), como fatores distintivos da classe em que se encontram tais indivíduos.

Não obstante, a alimentação *kasher* signifique uma postura doutrinária em relação à religião, ela não se isenta de estabelecer-se como uma condição socioeconômica que torna seletivos os que tal vivenciam. Isto é, alimentar-se *kasher*, também é um fator diferenciador de classes, haja vista os altos valores dos produtos e o difícil acesso aos mesmos.

Kasher não é uma questão de paladar, não é uma questão de gosto. Não é uma questão de gastronomia, mas sim uma construção cultural-religiosa de determinadas doutrinas de santificação dos judeus, sobretudo os ortodoxos.

Jacques Le Goff (1981) define a comida como:

“a primeira oportunidade para as camadas dominantes da sociedade manifestarem sua superioridade... Um comportamento de classe”,

Por vezes a alimentação *kasher* mesmo que despretensiosamente sugere uma condição social de consumo, isto é, elitiza e seleciona, em função dos valores dos produtos, um determinado público que já se fazem judeus e quase sempre ortodoxos.

Mas, assim, há uma seletividade implícita (declaremos por hora) que transcende os âmbitos da religião, e ganha corpo na esfera econômica, onde o orçamento para se alimentar exclusivamente *kasher* é extremamente elevado para os padrões brasileiros.

É evidente que o alto preço dos produtos *kasher* favorecem seu consumo entre as classes de maior poder aquisitivo. Esses valores são limitadores para os consumidores das classes media e baixa.

Entre os nativos as opiniões se dividem, se por um lado alguns religiosos ortodoxos acham difícil adquirir e alimentar-se *kasher*, por outro encontram uma justificativa para o alto custo. Além do mais, mesmo os que consideram os preços elevados raramente os consideram abusivos. Entendem e vivenciam a dificuldade, no caso dos menos abastados, de se alimentar *kasher* na capital paulista, mas sobretudo consideram justificáveis tais preços em função da demanda rigorosa para que um determinado alimento ganhe o status *kasher*.

“... a necessidade do alto rigor para se conseguir um produto kasher encarece seu preço final. Claro que o consumidor não tem culpa, mas ficamos limitados pelas poucas opções de mercado. Mas, sempre há opções menos dispendiosas, ao fim, quem quer mesmo sempre consegue viver e alimentar-se kasher.”¹⁰²

Carneiro (2003) expõe o fato de que há uma estratificação da cozinha, ou seja, as formas de servir, os alimentos a serem servidos, as combinações em geral demonstram a classe social do consumidor. No que se refere aos

¹⁰² Profissional liberal, ortodoxo.

consumidores *kasher*, percebemos que há uma hierarquização, os produtos são caros, de difícil acesso e com uma sugestão de qualidade elevada, que nem sempre é verídica.

Na sociedade contemporânea e neoliberal a importância social do dinheiro ganha dimensões nunca vistas na história humana. Mesmo que não consigamos mensurar suas qualificações quantitativas, temos ao menos alguns indícios de que a maneira com que atualmente nos relacionamos com o dinheiro é única.

Se considerarmos que a época das ideologias já nos abandonou (momentos esses em que não só as finanças, como o ideal de família, casamento, religião, comportamento socialmente aceitável e até mesmo a vida era posta em risco por um ideal que transcendia a tudo e a todos), e que os conceitos e supostos padrões de existência, moral e ética entram em choque, tornam-se paradoxais e caem em descrédito, veremos que o que esperávamos encontrar quando nos referíamos à honestidade, integridade, e porque não santidade, ganham dimensões deveras abstratas, se é que conseguimos de forma, ao menos parcial, definir tais idéias.

Sendo assim, não nos é incomum a constatação de que a realidade social se condiciona, ao menos em parte, pelas possibilidades, quer de status, quer de consumo, onde o papel do dinheiro assume posição de destaque, imiscuindo-se nas mais diversas esferas da vida humana, como os relacionamentos, a saúde, os ideais, e por sua vez, a religião.

Somos assolados com informações e eventos que desconectam os possíveis rearranjos tradicionalmente morais, como a surrupiação de bens

materiais em todos os setores e das maneiras mais chocantes e escandalosas – ao menos para nosso construído paradigma ocidental-cristão.

É inevitável a força do sistema quando vemos que o sábado, tão sagrado aos rituais e doutrina judaica, perde seu sentido, aliás, ganha um novo sentido, quando proprietários de lojas e empresários continuam a trabalhar aos sábados com normalidade. Em alguns casos um sócio não judeu resolve a burocrática questão, sendo ‘culpado’, ou o responsável por tal funcionamento sabático.

Uma questão que entrelaça identidade e constituição mercadológica em São Paulo na década de 50. Topel demonstra através de um relato de um judeu ortodoxo sobre os anos de 1950 no Brasil, especificamente a capital de São Paulo, em que haviam muitos judeus que não eram religiosos e que abriam seus comércios aos sábados. Não havia uma porcentagem significativa de ortodoxos em São Paulo na década de 1950.

. “... *pai esses são judeus? E porque trabalham no shabath?*” (Topel, 2005:85) ¹⁰³

Ainda nos remetendo a Topel, vemos que tal descrição sintetiza algo que temos observado ao decorrer de toda a pesquisa, a sobreposição mercadológica dos produtos *kasher* frente à religiosidade, e sobretudo a ortodoxa.

¹⁰³ Tentar lembrar junto à Marta o fato de que atualmente os empresários judeus registram a empresa em nome de um sócio laico ou não judeu e assim o sócio a abre no sábado, sem ele ferir a lei, e sem perder a grana referente ao trabalho.

“E aqui é importante salientar que, destruído o Templo e perdida a Terra Prometida, o judaísmo transformou-se de uma religião sacrificial em uma eminentemente ritualizada, que colocou uma ênfase ainda maior na necessidade de que todos os membros do grupo seguissem à risca as leis dietéticas. Mas, no momento em que o judaísmo fica dividido e, principalmente, quando entram em cena os baalei teshuvá ou novos ortodoxos, a função das leis dietéticas se vê em grande parte tergiversada quando uma mãe judia chora porque seu filho não pode consumir as suas delícias, ou quando judeus se vêem impedidos de freqüentar casas de outros judeus, causando... constrangimentos para todas as partes. Perante esta novidade, o que realmente surpreende é o papel central do mercado na solução desse conflito. Assim, os cada vez mais difundidos restaurantes kasher - tanto em São Paulo como em outros lugares da diáspora - outorgam numerosas vantagens aos novos ortodoxos. Como bem observa Danzger ([s.d.], p. 467), nesses espaços o indivíduo não precisa comer sozinho comida fria ou em pratos descartáveis e, mais importante do que isso, se afirmar como judeu, uma vez que esses restaurantes lhe outorgam a possibilidade de partilhar uma refeição com - e como - todos os outros comensais, sejam eles judeus ortodoxos ou não-ortodoxos ou, inclusive, não judeus. Conseqüentemente, comer num restaurante kasher representa um alívio para as tensões que as rígidas leis dietéticas impõem aos baalei teshuvá. (Topel, 2003:12) ¹⁰⁴”

Os produtos *kasher* são bens de salvação e bens materiais ao mesmo tempo, pois estreitam a relação – ou quem sabe a fundamentam – do ortodoxo

¹⁰⁴ TOPEL, Marta: “*Leis Dietéticas Judaicas. Um prato cheio para a antropologia*”. Texto publicado na revista Horizontes Antropológicos.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100009

com a divindade e com o grupo, ao mesmo tempo em que impulsionam um comércio econômico que, de certa forma, também impulsiona e fortalece o grupo identitário.

Bourdieu conclui que os bens de salvação, como os simbólicos e a estrutura que alimenta a religião explicita a condição de classe dos seus membros participantes. Assim, os bens materialmente religiosos não só expressam o simbolismo da ideologia da religião e por sua vez grupal, mas também sua condição de classe.

Surge um capitalismo, segundo Beck, diferente onde o comércio supostamente controlado e a globalização apontam para uma segunda modernidade que sugere uma ininterrupta globalização, aliás, uma globalização progressivamente crescente que em tese obrigaria a todos os envolvidos no processo de produção e distribuição dos mais diversos produtos a responsabilizarem-se pelos meios e fins dos trâmites que envolvem a sociedade, natureza e mercado.

Beck sugere um altruísmo que temos dificuldade de engolir, ao mesmo tempo aponta para uma maneira de se olhar o comércio que ganha contornos globais e que se não descreve de forma precisa a realidade que envolve as negociações em esferas internacionais, ao menos condiciona os olhares a desenvolverem um grau de confiabilidade para com as instituições, organizações e os diversos sistemas peritos da sociedade contemporânea.

*“Quem pratica o comércio em todo o mundo deve
estar disposto a assumir, em todo o mundo, as*

responsabilidades pelas condições políticas e sociais desse comercio. Essa resposta política à globalização reúne aquilo que parecia ser impossível de reunir: controle local e autocontrole empresarial". (Beck, 1999:243).

Assim, se há uma áurea, na verdade a construção de uma concepção positiva sobre a competência, seriedade, honestidade em que o sistema comercial/econômico mundial (que de fato é local, mas ocupa cada vez mais espaços infrateirços), passa a ser interpretado como rígido em seus mecanismos de fiscalização e estruturação, digno de confiança, temos um olhar que mesmo preestabelecido ganha força e passa a sugerir que podemos confiar no sistema que nos cerca, mesmo sem conhecê-lo, investigá-lo ou compreendê-lo, pois esse, por algum motivo, que por vezes soa como mágico, possibilita a manutenção da vida sem a necessidade de uma preocupação minuciosa, ou ao menos mais cuidadosa, dos sistemas, no caso comerciais, que nos cercam.

No caso do judaísmo brasileiro, em todo o desenrolar da pesquisa, ficou evidente a subordinação dos religiosos frente ao mercado de produtos *kasher*. Tais produtos possuem um preço elevado sobre os convencionais, são mais resquícios (as reclamações sobre a escassez pululam na maioria esmagadora das entrevistas, conversas informais, artigos e revistas) e, se por um lado os religiosos ortodoxos já percebem esse entrave no quesito valor e oferta, por outro não questionam a validade dos processos de produção e *kasherização* dos produtos.

A globalização (fenômeno que alcança por vezes uma imensidão da vida cotidiana, por outras apresenta-se como uma sugestiva brisa aparecendo de forma suave só para reafirmar o local) é definida, por Beck (2003:10) como uma edulcoração de um imperialismo com uma nova roupagem. No auge de sua construção como teia, um tanto inevitável aparentemente, tal evento agiganta-se e aconchega em seus tentáculos agora e porvires de forma a moldar, ou ao menos tentar moldar, estruturas de significado, rumando em seu fim ultimo para o consumo e, sobretudo, o consumo do mesmo.

Pensar a ortodoxia judaica, em um contexto fortemente ocidental e globalizado, como a cidade de São Paulo, é refletir em questões como as apontadas por Beck, de forma que saltam aos olhos o estereótipo de judeus abastados, e ao mesmo tempo a constatação da ineficácia dessa concepção comumente aceita.

Por sua vez, Hanna Arendt escreve sobre um momento em que a riqueza sem poder gera perseguição. Mas talvez, hoje em dia, a riqueza em si tenha se tornado o mais novo poder estabelecido, concedendo a seus detentores todo o aval necessário para se viver

Assim como Weber expõe o fato de os judeus organizarem-se em prol de um capitalismo paria, e Sombardt considerar que os judeus (e não os protestantes como pensava Weber) foram os propulsores do capitalismo. Rattner e Decol concluem que os judeus participam de forma não proporcional, pois seu pequeno grupo na população mundial tem um alcance significativo, grandioso.

Ainda Rattner (1977:56,57), destaca a existência de um viés empreendedor entre os judeus imigrantes, sobretudo em um momento em que

o sistema se desenvolvia no setor urbano-industrial (aproximadamente em 1920), necessitando de mão de obra qualificada, empresários, comerciantes, gerenciadores, etc., para a economia em expansão. Sendo que, ao estabelecerem-se no Brasil, os judeus imigrantes, se tornaram prósperos quase sempre relacionados a comércio, indústrias e profissões liberais.

Qual seria a causa desse vertiginoso crescimento do mercado de produtos *kasher*, em tempo reduzido?

A lógica neoliberal, vigente na sociedade brasileira atual, estabelece uma estrutura racionalista e pragmática que se fundamenta no sistema socioeconômico. Tais condições definem muitas das relações e construções sociais pela via do mercado econômico, estabelecendo identidades e relações fluidas como propõe Bauman.

Há uma moralidade, mesmo que subliminar (apesar de não nos parecer dessa forma), em toda construção religiosa e identitária judaica ortodoxa. Uma série de condutas morais desde a alimentação, como temos visto, até a vestimenta, pureza familiar (que diz respeito à conduta sexual do casal) inclusive nesse ponto os homens ortodoxos nem sequer tocam uma mulher desconhecida – pois a mesma pode estar menstruada, inviabilizando sua pureza.

“Pode a religião admitir a existência de uma nítida antítese entre amoralidade pessoal e as praticas que são permissíveis nos negócios?”

(Tawney, 1971:30).

Tal rigorosidade de conduta alcança todas as esferas da vida individual dos religiosos? No que diz respeito à construção econômica, especificamente ao que se refere os alimentos *kasher*. Eles ganham um status de sacro no momento em que se pensa seus valores e comercialização? Esse capitalismo faz-se valer em prol da comunidade no sentido de oferecer melhores preços para os judeus poderem consumir sem tropeços estruturais, simplesmente porque a comida é sagrada?

Não obstante, a sacralidade do alimento e o capitalismo não deveria pela lógica Weberiana e a lógica teológica da religião ortodoxa judaica proporcionar preços não só melhores do que vemos atualmente mas abaixo ate mesmo do mercado secular em prol da benesse espiritual, ou divina, ou religiosa da comunidade em detrimento de lucros? Ou no caso específico de produtos *kasher* e afins o lucro dos rabinos e instituições mercadológicas é mais importante para a existência comunitária e a importância religiosa do que a possibilidade de proporcionar melhores e maiores condições de consumo? Sem contar o fato de que no Brasil, diferente dos EUA indivíduos que não professam a religião ortodoxa judaica não consomem produtos *kasher*. Se o fazem, é de forma indireta, como cereais que são vendidos em qualquer supermercado e ganham o selo *kasher*, e mesmo nesse caso não os consomem pelo fato de serem *kasher*, mas despretensiosamente a isso, ou seja, os comprem por fatores corriqueiros, com o mesmo processo de seleção em que o fazem em relação a qualquer produto.

Um rabino já me confidenciou que comprou produtos em açougues *kasher* e teve de jogar fora pela péssima qualidade. Nas entrevistas, em geral, os consumidores não julgam que a qualidade seja o diferencial que

os leva a adquirir tais produtos que ainda assim, por ter seus preços mais elevados.

O relato de uma ortodoxa sobre o mercado *kasher*:

“Não, de forma alguma, a religião sempre teve a primazia sobre o mercado. Atualmente o mercado kasher ganhou um grande peso comercial, mas foi isso que facilitou a difusão e facilitou o consumo destes tipos de produtos, sem que se sobrepusesse ao peso religioso que sempre foi muito grande”.

Por incrível que pareça, em conversas informais com religiosos cristãos sobre o mercado *kasher*, os mesmos julgam que os valores dos produtos alimentícios judaicos são tão expansivos em função e uma qualidade (ilusória pois desconhecem os processos de produção e comercialização).

A GUIA DE CONCLUSÃO

“O trabalho, depois de feito, quando olhamos para ele, é semi-autobiográfico, ao menos em parte”

Geertz

As pretensões eram ilimitadas no início do trabalho. Com o tempo e o amadurecimento da pesquisa tais pretensões foram se modificando quase que diariamente. Transformando-me, transformando as palavras, minhas concepções, as leituras...

Se há algo que espero ter chamado a atenção é para a necessidade de novos estudos sobre o tema, de forma não confessional ou discriminatória. Talvez, intuitivamente, a força do capital mistura-se com as diversas religiões na sociedade ocidental. Considerar que os judeus, como faz o senso comum, são detentores ilimitados de dinheiro, ou desconsiderar que os mesmos também sofrem as influências da economia, de forma que se a ortodoxia não se sujeita, ao menos é chamuscada por esta, é inocência e inverdade.

O numero de judeus que se deparam com a problemática dos preços dos produtos *kasher* é quase que majoritário em minhas entrevistas o motivo, explicação e a forma de encarar os altos preços é que os diferem.

Se muito já se escreveu sobre os judeus, pouca ou nenhuma atenção foi dada até agora sobre esse aspecto do judaísmo, sobretudo ortodoxo, que é o mercado de produtos *kasher*. Contudo, mesmo correndo o risco de

generalizações e simplificações, saltam aos olhos as cifras *kasher* que detêm um poder enorme sobre os ortodoxos.

À parte as questões levantadas ao longo do trabalho é inegável a crescente viabilidade dos produtos e comércios *kasher* na cidade de São Paulo, possibilitando maior acesso, mas não uma redução significativa de valores, ao menos não por hora.

Provavelmente nesse primeiro momento muitas perguntas ficaram ainda a serem respondidas e pensadas, muitas outras imagino que nem sequer mencionadas o foram.

Tal universo sempre será rico no que se refere a descobertas e análises. Mesmo em meio às minhas tantas limitações, falta de dinheiro, de tempo, não ser um nativo, não residir em São Paulo... A luta por amearhar informações, mesmo que ferrenha, ainda deixou algumas coisas a serem respondidas.

Nunca tive a pretensão de esgotar de fato o assunto e responder se o judaísmo ortodoxo, no que se refere ao mercado *kasher* é um monopólio utilitarista ao que se refere a dinheiro, ou uma forma inevitável de se viver a religião em um país não-*kasher*, esmagadoramente cristão, ocidental e capitalista, embora tenha tentado.

Mas não se pretendi ao longo desse trabalho esgotar as dimensões da *kashrut* na cidade de São Paulo. Não poderia finalizá-lo sem destacar o fato de que o objeto dessa pesquisa foi uma comunidade diaspórica. De fato, em Israel, a situação é completamente diferente.

O depoimento de Sandro (judeu ortodoxo que trabalha com alimentação *kasher* no Brasil) ilustra a diferença entre uma diáspora periférica como a brasileira e Israel:

*“Lugares que oferecem comida kasher geralmente colocam em exposição um certificado do kashrut concedido pelo rabinato local. A maioria dos hotéis serve alimentos kasher.... É mais difícil encontrar restaurantes kasher em Tel Aviv, enquanto que em Jerusalém e em outras cidades, há uma vasta maioria de restaurantes kasher. Nas cadeias de supermercados, a maioria dos produtos são kasher, podendo ser identificados por uma etiqueta que lhes da essa garantia”.*¹⁰⁵

Em Israel os alimentos não-*kasher* são mais caros e de difícil acesso, a cultura em relação à alimentação e a religião gera um movimento inverso ao presenciado no Brasil. Além disso, devemos considerar o fato que os turistas que se alimentam de não-*kasher* são minoria.

A oferta e a procura é uma variável importante, necessária, no preço dos produtos *kasher*, mas não completamente suficiente para explicar o alto preço de tais produtos.

Do ponto de vista histórico também observamos diferenças significativas com o que acontece na atualidade.

Ao longo da história, os judeus se alimentaram sempre com produtos *kasher* apesar de serem pobres. Este padrão mudou no século XIX, preços

¹⁰⁵ http://www.tourism.gov.il/Tourism_Bra/Tourist+Information/Discover+Israel/Food+and+Restaurants.htm

altos são consequência de processos estruturais e outros fatores que a modernidade vem impingindo à sociedade como um todo, às religiões no geral e o judaísmo em particular.

Além disso, a comunidade ortodoxa de São Paulo é muito pequena, não possui uma longa tradição ortodoxa. A maioria dos consumidores *kasher* são neófitos e, como fora mencionado, tem de confiar nos peritos: rabinos, selos, abatedores rituais. Fazendo com que os peritos lucrem fortalecendo-se como 'casta sacerdotal' (Weber:1982), e fortalecendo as instituições ortodoxas.

Ainda assim, é necessário suscitar à questão de porque, não se fazem esforços para se atrair os neófitos, reduzindo o preço dos produtos *kasher*, assim como se fazem esforços em outros sentidos, como: bolsas para estudar o judaísmo ortodoxo (aqui e em *yeshivot* do exterior), doação de roupas para noivas e enxovais para crianças.

A *kashrut* é uma fonte de poder e conquista por parte daqueles que a comercializam. Olhando bruscamente, apesar da religião ser um fenômeno que suscita as mais diversas e infindas indagações desde, e até mesmo anteriormente, os primórdios da humanidade, nesse caso específico, há uma sobreposição mesmo que não declarada, apesar de explícita nos preços dos alimentos, dos interesses mercadológicos, frente a construção da religiosidade como um fator coletivo, mesmo que tal coletividade seja um grupo étnico reduzido em termos nacionais.

“O dinheiro simboliza e corporifica o espírito da racionalidade, da calculabilidade e da impessoalidade... um medidor das diferenças qualitativas entre as coisas e as pessoas”. (SIMMEL, 1998:27).

Os judeus pobres que querem seguir o caminho da ortodoxia se deparam com o aumento significativo do orçamento familiar, em função da alimentação *kasher*, sobretudo o consumo de carne.¹⁰⁶ Como sugerido o *Ten Yad* é uma opção parcial. Um outro recurso, que alguns entrevistados descreveram, é assumir uma postura que os ortodoxos denominam de tradicionalista, que é salgar que será consumida e exercer os rituais que são possíveis a partir dos produtos adquiridos em estabelecimentos comuns, sem o selo ou as especificações comerciais avalisadas pelo rabinato:

“eu mesmo faço com que seja kasher, comprar com o preço que me oferecem não consigo, e sei que Deus é sábio o suficiente pra entender-me. Eu sou kasher, e sou judeu mas não sou rico”¹⁰⁷

Minha trajetória intelectual sempre se deu solitariamente. Não havia livros em casa durante minha infância, ninguém da família que houvesse chegado ao Ensino Médio. As condições eram precárias, e entre livros e alimentos, nem sequer se considerava a alternativa.

Como um sonho maluco, após assistir alguns sociólogos e antropólogos na TV, falando sobre a vida, religião, gênero, desigualdade, assuntos sobre os

¹⁰⁶ Ver: Tabela 2 – Valores Comparativos Açougue *kasher*/ Açougue não-*kasher*.

¹⁰⁷ Francisco, Vendedor, 47 anos.

quais não entendia nada (talvez até hoje não entenda), o que despertava mais minha curiosidade era a biblioteca usada como cenário e o fato de tais intelectuais sempre se dirigirem até à prateleira para retirar um livro e comentá-lo.

Fiquei a pensar por dias a fio: Puxa, como é saber tanto assim? É como se o saber fosse algo inato, mas ao mesmo tempo me era evidente para mim que havia sido construído através dos livros. Naquela cena, não havia dinheiro, não havia status, roupas belas e caras, efeitos especiais, maquiagens, nada do gênero... só havia algumas pessoas que usavam sua vida perscrutando respostas, e nesses momentos específicos, eu compartilhava parte de sua trajetória.

Os anos em que se passaram foram muito menos românticos do que tal momento, mas não menos solitários. Ao fim, livros e não carros, leituras e não negócios empreendedores, poemas e não contratos são escolhas não bem vindas socialmente, não sugerem glamour ou badalação, mas sim dedicação e quietude...

Sinto-me um nativo entre meus párias, e fico a imaginar (guardadas as proporções) como tem sido para os judeus ortodoxos em São Paulo conviverem com uma sociedade, cultura e religião diferentes daquelas com as quais eles se identificam.

A observação participante me leva a constatar que, ora demonstram medo de serem esculachados e tratados como culpados sem chances de julgamento. Outras vezes se protegem tanto da modernidade, casamentos mistos, contato direto e indireto se tornam quase que indiferentes à esse mundo que esta do outro lado da vidraça.

Mas a vida não alivia, e como são poucos, se comportam da forma que lhes é cara, pagam um preço que não o deveriam pagar, e nesse caso, pagam um preço financeiro, por uma sugestão monopolizadora do mercado de produtos *kasher*.

Muito falta a ser pensado, conhecido, discutido, vivenciado e escrito (anseio para que novas pesquisas me permitam tais avanços), sinto a incompletude e a necessidade de estar repensando, o tempo todo, temas que nos são óbvios, clássicos e desconhecidos.

“Assim como a cultura nos modelou como uma espécie única — e sem dúvida ainda nos está modelando — assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum — nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido.” (GEERTZ, 1989:38)

BIBLIOGRAFIA

ATTALI, Jacques. **Os judeus, o dinheiro e o mundo**. São Paulo: Futura, 2005.

ALMEIDA, Ronaldo “**Religião na Metrópole Paulista**” In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Out, nº 56, São Paulo, Anpocs, 2004.

ARENDT, Hannah. “**Origens do Totalitarismo**”. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FERNÁNDEZ-ARRESTO, Felipe. **Comida: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

AZRIA, Régine. “**O Judaísmo**”. Bauru - SP: EDUSC, 1996.

BECK, Ulrich. **O que é Globalização?** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BLOOM, Harold. **Cabala e Crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BIRNBAUM, Eliahu e ROSENBERG, Shalom. **O que é cashrut?** São Paulo: Sêfer, 2003.

BONDER, Nilton. **A Dieta do Rabino – a cabala da comida.** Rio de Janeiro: Imago, 1989.

BONDER, Nilton. **A Cabala do Dinheiro.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção – Crítica Social do Julgamento.** São Paulo. Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo. Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **“Identidade, Etnia e Estrutura Social”.** São Paulo. Livraria Pioneira Editora, 1976.

_____. **“O que é isso que chamamos de Antropologia Brasileira?”** In *Anuário Antropológico/85*, Tempo Brasileiro, RJ, 1986.

RUBEN, Guillermo Raúl. **“Teoria da Identidade: Uma Crítica”.** In *Anuário Antropológico 86*. Brasília: Editora UNB, 1986.

_____. **“A Teoria da Identidade na Antropologia: Um Exercício de Etnografia do Pensamento Moderno”.** In *Roberto Cardoso de Oliveira: Homenagem*. Campinas: UNICAMP, IFCH, 1992.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e Sociedade: Uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

COHN, Gabriel. **Weber**. São Paulo: Ática, 2001.

CORDEIRO, Hélio Daniel. **O que é judaísmo**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro. São Paulo: Rocco, 1984.

DECOL, René Daniel. **Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus**. Campinas/SP: Tese (doutorado) Unicamp, 1999.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1966

DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. “**Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas** In **Ensaio de sociologia**. São Paulo, Perspectiva, 1981.

DURKHEIM, Émile. “**As Formas Elementares da Vida Religiosa**”. São Paulo: Paulus, 1989.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Volume 1 – uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Volume 2 – formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ENDE, Shamai. **Cashrut e Shabat na Cozinha Judaica**. São Paulo: Chabad, 2006

FREYRE, Gilberto. **Açúcar: uma sociologia do doce**. São Paulo: Global, 2007.

FOERSTER, Friedrich Wilhelm. **A Questão Judaica**. São Paulo: Herder, 1961.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara 1989.

GEERTZ, Clifford. **Observando o Islã**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Rio de Janeiro, Vozes 1997.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo, Unesp. 1991.

GRIN, Mônica & VIEIRA, Nelson. **Experiência cultural judaica no Brasil**. Trio de Janeiro: Topbooks, 1998.

HALL, Stuart. **Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HEILMAN, S. C. & COHEN, S. M. **Cosmopolitans & Parochials: Modern Orthodoxy Jews in America**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

KAUFMANN, Yehezkel. **A religião de Israel**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

KOLATCH, Alfred. **O livro judaico dos porquês**. São Paulo: Sêfer, 2005.

LE GOFF, Jacques. **La civiltà dell'occidente medievale**. Paris, Authaud: 1964.

MACIEL, Maria Eunice e TEIXEIRA, Sérgio Alves (Orgs.). **Horizontes antropológicos - comida**. Porto Alegre: Cadernos de Antropologia/UFRGS. IFCH – Programa de Pós graduação em Antropologia Social (ano 1), 1996.

MAIMÔNIDES. **O livro dos mandamentos – 248 preceitos positivos**. São Paulo: Hedra, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. **“Os Argonautas do Pacífico Ocidental”**. São Paulo: Col. Os Pensadores, Editora Abril, 1978.

MARX, Karl. **A questão judaica**. São Paulo: Centauro, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **“Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade”**. Rio de Janeiro. Petrópolis, 1995.

MINTZ, Sidney W. **“Comida e antropologia – uma breve revisão”** In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 16, nº 47, Outubro/2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Editora Escala, 2006.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **A magia**. São Paulo: Publifolha, 2001.

PIERUCCI, Antonio Flávio. **O desencantamento do mundo**. São Paulo: Editora 34, 2003.

POITIGNAT, Ph. & STREIFF-FERNART, J. **Teorias da Etnicidade**. Unesp, SP, 1999.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1991.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

RATTNER, Henrique. **Tradição e Mudança**. São Paulo: Ática, 1977.

ROSENBERG, Shalom & BIRNBAUM, Eliahu. **O que é Cashrut?**. São Paulo: Sêfer, 2003.

SÁES, Oscar Calavia. **Campo religioso e grupos indígenas no Brasil**. Santa Catarina: UFSC, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **A questão judaica**. São Paulo: Ática, 1995.

SIMMEL, Georg. **O dinheiro na cultura moderna**. In: Jessé Souza e B. Oelz. *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 1998.

SOMBART, Werner. **El Burges: Contribucion a la historia espiritual del hombre econômico moderno**. Alianza Editorial: 1998.

SORJ, Bila (Org.). **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SORJ, Bernardo & GRIN, Mônica (Orgs.). **Judaísmo e Modernidade: Metamorfoses da tradição messiânica**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

TAWNEY, R. H. **A religião e o surgimento do capitalismo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

TOPEL, Marta F. **Jerusalém & São Paulo: a nova ortodoxia judaica em cena**. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: São Paulo: LTC, 1982.

WEBER, Max. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Relógio D'água, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1.

No site da Chabad, uma das instituições ortodoxas de maior prestígio em São Paulo, dispõe aos religiosos métodos para a kasherização da cozinha.

Fonte: <http://www.chabad.org.br/mitsvot/cashrut/napratICA/pratCasaCasher.html>

NA PRÁTICA - COMO DAR INÍCIO A UMA COZINHA CASHER

Se você está entrando num novo lar e deseja fazê-lo desde o início casher, ensinamos aqui como proceder. Um dos preceitos da cozinha casher é não misturar carne com leite. Deve haver utensílios separados para carne e leite.

Armários: Os utensílios de carne e leite devem ser guardados em armários ou compartimentos separados para não haver confusão.

Pratos e talheres: Deve-se ter pratos, talheres, etc., com cores ou formas diferentes para leite e carne.

Panelas: Panelas e outros utensílios de cozinha devem ser separados para leite e carne. Caso tenha cozido no utensílio errado, além do alimento não poder ser ingerido, as panelas também ficam impróprias para uso, devendo ser casherizadas. Um rabino competente deve ser consultado.

Pia: Deve-se ter pia com duas cubas separadas, uma para leite e outra para carne. O balcão da pia deve ser dividido entre leite e carne, com um anteparo um pouco alto. Se não for possível ter duas cubas, deve-se evitar colocar utensílios de leite e carne diretamente dentro da cuba. Deve-se ter uma bacia de leite e outra de carne para lavar estes utensílios dentro da pia. Não se pode jogar alimento quente, nem de leite nem de carne, dentro desta pia, bem como não se deve lavar a louça com água quente, pois esta cuba não é considerada casher.

Fogão: Se possível deve-se ter dois fogões, um para leite e outro para carne. Se não for possível, pode-se usar o mesmo fogão, contanto que tenha boca e grelha separadas. Mesmo assim, não se deve cozinhar ao mesmo tempo leite e carne, pois pode espirrar de uma panela para outra, causando problema ao alimento e ao utensílio. É aconselhável colocar um anteparo entre as panelas de leite e carne. Deve-se tomar cuidado maior ao fritar alimentos, pois a fritura espalha gordura muito mais alto e longe.

Forno: Deve-se ter dois fornos, sendo proibido assar carne num forno onde já foram assados alimentos de leite e vice-versa. Se não for possível, deve-se usar o forno apenas para um destes dois tipos de alimentos. Isto vale para qualquer forno, inclusive de **microondas**.

Geladeira: Pode-se colocar na mesma geladeira alimentos de leite e carne, em recipientes fechados para não esparramarem ou pingarem. Se possível, deve-se colocar os alimentos de leite um pouco afastados dos de carne. O mesmo se aplica ao freezer.

Máquina de lavar pratos: Deve-se ter uma para leite e outra para carne. É proibido lavar louça de carne em máquina de leite e vice-versa. Se só tiver uma em casa, deve fixar seu uso exclusivo para leite ou carne, devendo o outro tipo ser lavado à mão.

Eletrodomésticos: Deve-se ter liquidificadores, batedeiras, processadores separados para leite e carne. O motor pode ser o mesmo, bastando comprar o copo e as pás separadas. Neste caso, deve-se limpar bem o motor após o uso, para não respingar de um tipo de alimento para o outro.

Toalhas: Deve-se ter toalhas de mesa separadas para leite e carne. O mesmo é válido para panos de prato, bucha, sabão em pedra (com supervisão casher), palha de aço, secadores de pratos, etc.

Leis de libun ("incandescência") e hag'alá ("esterilização")

Todo e qualquer utensílio, previamente usado com alimento não-casher, necessita de casherização. Essa lei se aplica tanto ao utensílio empregado de forma contínua (se as leis de cashrut não eram mantidas anteriormente) ou se os utensílios usados foram comprados ou alugados de um não-judeu; também se o utensílio era casher e foi utilizado uma vez com alimento não-casher, ou se era para leite e foi usado com carne (ou vice-versa), e ainda se nele foi cozido alimento por um não-judeu, denominado bishul acum.

Também é necessário casherização dos utensílios usados durante o ano, para Pessach.

Todo e qualquer utensílio que precise ser casherizado não deve ser usado antes da casherização, nem mesmo para alimentos frios. Nunca deve-se deixá-lo junto a algum utensílio casher, para evitar confusão. É necessário casherizá-lo de imediato ou separá-lo. O mesmo deve ser feito com utensílios de funcionários não-judeus que, por ventura, possuam em casa.

Há algumas diferenças entre a casherização de utensílios que se tornaram impróprios por mistura de carne e leite e os que se tornaram não-casher devido a outros tipos de alimentos (como carne ou vinho não-casher). Por ser muito detalhada, a casherização deve ser realizada na presença de quem conheça as leis a fundo.

A seguir, algumas leis de casherização de utensílios (previamente usados com alimento não-casher) para serem usados durante o ano todo (para Pêssach rigores maiores são exigidos):

Utensílio de porcelana, cerâmica ou esmaltado não pode ser casherizado. Caso acarrete grande perda, um rabino competente deve ser consultado. Utensílio delicado que se estraga em contato com água quente não deve ser casherizado.

Utensílio de metal usado diretamente no fogo (espeto, fôrma de bolo, etc.) deve ser casherizado diretamente no fogo até ficar vermelho (libun ou "incandescência"). Outros utensílios, usados diretamente no fogo, como assadeiras refratárias ou de plástico (este último para uso de microondas) não podem ser casherizados.

Utensílio lavado com água quente ou usado para cozer alimento com líquido ou molho deve ser casherizado imerso em água em ebulição (hag'alá ou "esterilização").

Utensílio de vidro (com exceção do refratário) pode ser casherizado, por meio de hag'alá, para uso durante o ano todo (menos em Pêssach).

A casherização de uma sopeira ou travessa grande (não usada diretamente sobre o fogo), utilizada com alimento quente, se dá com irui, i.e., vertendo-se água fervente e passando em seguida um ferro ou pedra incandescente para a água borbulhar sobre o utensílio.

Antes da hag'alá, o utensílio deve estar completamente limpo, isento de qualquer ferrugem ou sujeira e não usado durante 24 horas. Antes do libun esta restrição não se aplica.

Utensílio de metal que pode ser casherizado por hag'alá (ou irui), certamente pode ser casherizado com libun cal, i.e., aquecido até o ponto de um fio de tecido ou pedaço de papel que o tocar ficar chamuscado.

Utensílio com frestas ou orifícios, de limpeza impossível, deve-se fazer libun cal no local da sujeira e, em seguida, hag'alá.

Durante todo o processo da hag'alá, a água deve permanecer borbulhando. Por isso, depois de imergir o utensílio, o que pára momentaneamente a fervura, deve-se esperar até que grandes bolhas afluam.

Durante a hag'alá, o utensílio deve estar completamente imerso em água fervente. Caso não caiba na panela de casherização de uma só vez, mergulha-se por partes.

Para casherizar vários utensílios juntos, a panela deve ser chacoalhada algumas vezes para que todos sejam envolvidos pela água e ainda reste espaço entre eles.

O utensílio que está sendo casherizado deve ser imerso na água fervente por alguns segundos para expelir as impurezas, e retirado enquanto a água ainda ferve. Em seguida deve ser enxaguado com água fria.

Para a hag'alá feita durante o ano (não a de Pêssach) pode-se usar uma panela casher, não necessitando de casherização posterior.

Forno e microondas- É permitido usar o mesmo forno ou microondas para carne e leite?

Devemos ter em casa utensílios separados para leite e carne, inclusive forno. Se não for possível ter dois fornos, deve-se usar o único apenas para carne ou para leite. Num forno de carne, não pode ser assado nenhum alimento que contenha leite e vice-versa. Se isto ocorrer (se algo de leite foi assado dentro das 24 horas seguintes em que se assou carne), o alimento não mais está casher e o forno deverá ser casherizado. Se já se passaram 24 horas do uso da carne antes do leite e o forno está limpo, isento de sujeira ou gordura de carne, o alimento está casher, mas o forno deve ser casherizado antes de usado da próxima vez.

Um alimento neutro, como pão ou bolo, assado em forno usado para carne nas últimas 24 horas não pode ser ingerido com leite (porém, não há necessidade de se esperar seis horas antes de beber leite, podendo fazê-lo logo em seguida; entretanto, é proibido ingeri-los juntos); e vice-versa, se foi assado em forno de leite dentro das 24 horas do uso do leite, não pode ser ingerido com carne.

Se já se passaram as 24 horas, o alimento neutro nele assado pode ser ingerido posteriormente junto com leite, porém a pessoa não deve assá-lo com esta intenção. Se deseja ingeri-lo com leite, deve antes deixar o forno esquentar no máximo após 24 horas sem uso, por aproximadamente uma hora para depois usá-lo com o alimento neutro.

O uso do forno de microondas segue as leis do forno normal. Quando uma carne é assada ou aquecida, seu gosto impregna as paredes do micro através do vapor. Se dentro de 24 horas após ter sido usado com carne for usado para leite, o alimento nele preparado deixa de ser casher por ter absorvido o gosto da carne que estava impregnado no forno e o microondas deixa de ser casher. Mesmo após 24 horas sem uso, é proibido usar leite porque este vai impregnar as paredes.

Caso alguém esqueceu e usou, depois de 24 horas, leite num forno de carne completamente isento de gordura ou sujeira (detalhe muito importante), o alimento continua casher, mas o forno não o é, e precisa ser casherizado, pois suas paredes têm carne e leite imbuídos. Assim, não se pode usar forno de microondas de leite para carne e vice-versa.

Se alguém tem um só microondas e quer usá-lo para leite e para carne, qual a solução? Tem de cuidar para que o vapor não saia da carne e não saia do leite. Como? Envolvendo os alimentos. Se a pessoa assa uma carne totalmente envolvida no forno fechado e o microondas está completamente limpo, sem sujeira anterior de leite, o microondas não ficou de carne; no dia seguinte pode ser usado para leite, desde que o alimento esteja completamente coberto, em recipiente fechado ou envolto em filme plástico próprio para este forno.

Neste caso também é aconselhável colocar sob a carne ou o leite embrulhado um pirex de carne para carne, de leite para leite, para se, no caso de transbordar, não chegue a passar o gosto para o forno. Isto tudo vale quando estiver completamente tampado. É fundamental o fechamento completo dos alimentos ao serem assados.

Descongelamento

Não se deve nem mesmo descongelar carne num microondas de leite e vice-versa com o recipiente aberto, pois se o descongelamento esquentar a carne ou o leite superficialmente a 45° C, mesmo se dentro continua congelado, pode tornar o alimento e o forno não-casher.

De carne para leite:

Entre os ashkenazitas há um decreto que não se casheriza nenhum utensílio de carne para leite ou vice-versa. Esta proibição foi instituída para que a pessoa não se atrapalhe com a alternância. Assim, um forno já usado para carne não pode ser casherizado para ser usado para leite. O mesmo se aplica ao microondas.

Se a pessoa tem um microondas de carne onde, sem querer, foi colocado leite ou se o microondas era neutro e, de repente, ficou de leite ou de carne e quer transformá-lo de novo em neutro, o que deve fazer?

Deve deixar o forno completamente limpo, isento de gorduras, sem usar por 24 horas. Jogar água fervendo sobre o prato giratório ou fixo do microondas. Colocar no micro um copo cheio d'água deixando ferver; assim o vapor é espalhado por todo o forno, casherizando-o.

Casherização sobre utensílios

Detalhes da casherização na cozinha e na sala de jantar

É possível casherizar utensílios usados para que tornem-se casher, sem a necessidade de adquirir outros novos. Seguem os procedimentos necessários:

Fôrmas para bolo e assadeiras: devem ser casherizadas pelo processo de libun, ou seja, queimadas no fogo até a incandescência. Normalmente, estes utensílios não suportam o libun, portanto, não devem ser casherizados.

Fogão: se possível, as grelhas devem ser trocadas. Caso contrário devem ser aquecidas até a incandescência (libun). A mesa do fogão deve ser bem limpa e casherizada posteriormente com irui, i.e., derramando água fervente e passando uma pedra ou ferro em brasa para que a água continue a ferver. As bocas devem ser bem limpas e o fogo aceso no máximo, para eliminar resíduos de alimentos. Os botões de gás devem ser retirados e limpos.

Fogão elétrico: deve ser aceso na temperatura máxima até a chapa se avermelhar. Sobre a mesa restante é feito o irui, jogando água fervente e passando sobre a água, pedra ou ferro incandescente.

Forno: as grades devem ser aquecidas até a incandescência. O forno deve ser bem limpo utilizando-se produto removedor de gordura. Em seguida deve permanecer aceso à temperatura máxima, por duas horas. Se possível, deve-se colocar carvão para ser aquecido, até virar brasa.

Há dois tipos de fornos auto-limpantes: o que alcança 500°C, se autocasheriza ao ser limpo na temperatura máxima, por um ciclo completo. O que não atinge esta temperatura, deve seguir a limpeza do forno convencional.

Forno de microondas: deve ser limpo internamente com produto de limpeza e permanecer 24 horas sem uso. Em seguida, coloca-se um recipiente com água filtrada, ligando o forno até que bastante água evapore.

Pias: cubas de porcelana, cerâmica ou esmaltadas não podem ser casherizadas. Pergunte ao rabino como proceder. Cubas de metal, mármore ou granito podem ser casherizadas com irui. Para tanto, a pia não deve ser usada com alimentos quentes por 24 horas antes da casherização e deve ser meticulosamente limpa. Joga-se no ralo, produto desentupidor para destruir qualquer vestígio de alimento. Em seguida, seca-se a pia. Posteriormente é despejada água fervente, ainda borbulhante, atingindo todos os cantos da cuba, balcão, torneiras, ralos, etc. Enquanto despeja-se a água, deve-se passar sobre a pia, pedra ou ferro incandescente para fazer a água borbulhar.

Liquidificador, batedeira, multiprocessador: o motor deve ser bem limpo. Um novo copo, novas faquinhas para o multiprocessador e liquidificador e novas pás e tigelas para batedeira devem ser adquiridas ou pode-se casherizar os antigos com hagálá.

Geladeira e freezer: devem ser descongelados e as paredes internas, prateleiras e gavetas limpas com pano úmido e produto de limpeza.

Armários: devem ser bem limpos interna e externamente.

Mesas e bancadas: se possível, deve-se jogar água fervente como na pia. A mesa de jantar, sobre a qual não se coloca nada quente diretamente devido ao perigo de ser danificada, basta limpar bem. A mesa do cadeirão de crianças também deve ser casherizada.

Toalhas de mesa e guardanapos: devem ser bem lavados e as bordas escovadas para retirar possíveis resíduos.

Todo o processo deve ser feito sob supervisão de um rabino competente, conhecedor das leis a fundo.

Anexo II

Depoimento de uma empresa de massa de macarrão “Massas Cadoro” que se propõe kasher, sobre a aquisição do selo no Brasil.

Selo KASHER de qualidade

A Unitá é uma das poucas fábricas que atendem às exigências e tradições da cozinha kasher no Brasil. Competindo no mercado nacional e internacional há seis anos, Unitá recebeu o Selo de Qualidade Kasher, após celebrar com o rabino Yossef Benzecry, contrato de supervisão de todos os seus produtos.

Segundo o rabino Yossef, a maior dificuldade da comunidade em encontrar produtos kasher, está na fidelidade da fabricação dos produtos, que devem atender normas e especificações baseadas na tradição religiosa judaica. "A Supervisão de um rabino, é o diferencial para termos certeza que os produtos que consumimos preenchem nossas exigências. O comprometimento do fabricante com todo o processo, nos garantem a qualidade dos alimentos que devemos consumir."

Outro aspecto positivo do Selo Kasher, segundo o rabino Yossef, está na exigência das redes de supermercados que estão cada vez mais atentas à qualidade dos produtos que entram no mercado. "Existe um empenho muito grande em acompanhar os produtos que recebem o selo, pois, todos devem obedecer a máxima qualidade KASHER. Para reforçar ainda mais a nossa supervisão junto aos produtos da Unitá, convidamos o renomado rabino Yossef Feigelstock, chefe do Tribunal Rabínico da Argentina, para conhecer o processo de fabricação, que recebeu os mais elogiosos comentários."

Consultado em 04-05-2008

<http://www.massascadorno.com.br/kasher.htm>

Anexo III

Tal lista, divulgada no site da BDK é emblemática no sentido de constataremos o quão vasto é a questão kasher.

Não se há um consenso (nem mesmo entre ortodoxos, ou talvez principalmente não haja entre esses), sobre o que se constitui como alimento kasher e o que não é kasher. Especificações pequenas sobre algumas marcas de produtos, ou se tal produto só não é liberado durante a pessach, ou aceito por algumas sinagogas, alguns rabinos e por outros não.

Analogamente, é tão dificultoso definir kasher, como definir os judeus. A identidade kasher sofre variações em todo e qualquer grupo, local, momento histórico, assim como a comunidade judaica em si.

É evidente o mix entre mandamentos kasher, produtos saudáveis, status proporcionado por tal marca ou produto, inferências por parte do rabinato e das indústrias distribuidoras de produtos, que enfatizam que só determinada marca é passível de ser ingerida como kasher...

Talvez possamos inferir o peso do mercado sobre tais definições, mas temo que levar em consideração que tal mercado não é suficiente para tal determinação.

Deveras, em um mundo ocidentalizado, capitalista, e porque não dizer pluralista, fica cada vez mais difícil conceder um peso determinante ao mercado em detrimento às demais esferas. Tal adaptação, um tanto quanto marxista, não se nos apresenta como suficiente para entendermos o contexto que cerca o judaísmo em geral e os produtos alimentícios kasher em particular.

¹⁰⁸ Leis – Produtos

Fonte: www.bdk.com.br

ALÇUCAR E ADOÇANTES / SUGAR AND SWEETS

Os adoçantes artificiais não têm, em geral, problemas de cashrut. Não obstante, aqueles a base de sacarina sódica e muito especialmente os de ciclamato de cálcio, são prejudiciais à saúde quando consumidos em grande quantidade e, portanto, é recomendado evitar seu consumo periódico. Hoje em dia, utiliza-se o aspartame que é um adoçante composto de aminoácidos. Sua fórmula principal não apresenta problemas de cashrut.

ALIMENTO PARA BEBES / BABY FOODS

Os alimentos para bebês, em frascos de vidro de produção nacional, contém carne ou outros elementos que os fazem proibidos ou que se preparam nas mesmas máquinas da produção de produtos com carne. Portanto, só são permitidos os alimentos em frascos de vidro importados dos EUA com o símbolo OU ou os importados de Israel. No caso do leite em pó para bebês, alguns são elaborados com suplementos de origem animal. Em caso de necessidade médica, consultar um rabino sobre outros leites em pó (naturais ou de soja) que são permitidos.

ARTIGOS PARA LIMPEZA / CLEANING ARTICLES

Os produtos de limpeza em geral, contém ingredientes de origem animal, cujo uso é proibido por certas autoridades rabínicas. Os detergentes sintéticos não têm este tipo de problema.

AZEITES / OIL

Os azeites vegetais que são elaborados no país geralmente não apresentam problemas de cashrut sendo, portanto, permitidos.

Como em todos os casos, recomendamos comprar produtos de marcas conhecidas já que isto garante a qualidade do produto e de seus ingredientes. Quando aparece na etiqueta “azeite comestível misturado”, significa que o azeite é elaborado a partir de azeites vegetais que podem ser: soja, girassol, milho, amendoim, algodão, etc. Segundo a opinião do Chatam Sofer, é permitido o uso do azeite de uva. Certas opiniões recomendam usar somente azeite de girassol.

AZEITONAS / OLIVES

Algumas azeitonas (tipo Grega, Espanhola ou em Azeite) podem conter produtos proibidos ou duvidosos. Portanto, são autorizadas azeitonas em salmoura, verdes ou pretas, com ou sem caroço ou recheadas com pimentão.

BOLACHAS / BISCUITS AND COOKIES

As bolachas podem ser elaboradas com gordura animal. as marcas que declaram serem elaboradas com azeite vegetal, às vezes, na falta desse, utilizam gordura animal sem declarar isso expressamente. Em alguns casos observa-se que o azeite vegetal é processado nos mesmos equipamentos usados para a produção da origem animal, o que as fazem não casher. Conseqüentemente, são autorizadas unicamente as bolachas elaboradas especialmente e supervisionadas (com hashgachá) que se comprem em lojas casher, já que tem o mesmo nome das quais se comercializam em qualquer comércio, modificando ou ratificando seus componentes.

¹⁰⁸ Consultado no site dia 30-06-1981
<http://www.bdk.com.br>

CAFE TORRADO E MOIDO / TOASTED GROUND COFFEE

Em geral os cafés não têm aditivos proibidos e são considerados neutros. Alguns podem conter açúcar.

CAFÉ TORRADO EM GRÃOS / TOASTED GRAINS COFFEE

Em geral os cafés não têm aditivos proibidos e são considerados neutros.

CHICLETES / CHEWING GUMS

Os chicletes contêm emulsificantes e gelatina de origem animal em sua goma base, em particular os dietéticos.

CHOCOLATES / CHOCOLATES

Os chocolates autorizados são elaborados com leite em pó. Os chocolates amargos não contêm leite (ainda que em alguns casos sejam elaborados nas mesmas máquinas dos chocolates com leite, razão pela qual não agregamos a letra M em muitos deles).

CREMES NAO LACTEOS / NON DAIRY CREAMS

Os substitutos dos cremes habitualmente contêm ingredientes que não são casher, e, também podem ser de leite, apesar de não constar na embalagem.

ENLATADOS (LEGUMINOSAS E VERDURAS) / CANNED VEGETABLES

Esses produtos contêm vários tipos de conservantes de podem ser de origem animal.

FRUTAS E VERDURAS ENLATADAS / CANNED FRUITS AND GREENS

As frutas em calda (pêssegos, damascos, e pêras) não apresentam problema de cashrut, desde que especificado que o xarope é elaborado a base de açúcar. Recomendamos marcas nacionais reconhecidas. No caso de legumes e verduras, deve-se ter a certeza que não sejam elaborados produtos que contenham carne ou outros elementos proibidos no mesmo estabelecimento. Isto é válido como uma regra geral para todos os alimentos.

FRUTAS SECAS / DRY FRUITS

As frutas secas habitualmente levam um agregado para não grudar umas às outras. Este aditivo pode não ser casher.

GASOSAS / FIZZY DRINK

As bebidas gasosas são elaboradas com uma emulsão de sabores, cores, ácidos e gomas às quais se agregam a água, gás e xarope de milho, açúcares e edulcorantes artificiais. A lista de ingredientes das emulsões é extremamente extensa e nem sempre aberta ao controle. Em certas bebidas populares de fama mundial, muita gente se apóia no fato de que algumas de suas emulsões tenham certificado no seu país de origem que sejam reconhecidas mundialmente. É difícil decidir em todos estes casos quais destas bebidas podem contar com a categoria M de Mehadrin.

GELATINAS / GELATINES

Os pudins, com o nome fantasia de gelatina, são elaborados à base de colágeno de origem animal, a qual está proibida por quase todas as autoridades haláchicas nas circunstâncias nas quais são elaboradas. Apesar das opiniões rabínicas válidas que as autorizam, todas as supervisões de alimentos respeitadas, absterem-se de empregá-los. Em sua substituição está autorizado o uso de algas marinhas e agar agar, sempre e quando são puros. (Ver também produtos naturais).

GULOSEIMAS / DELICACIES

As guloseimas são alimentos a base de uma ampla variedade de ingredientes e aditivos, corantes e emulsificantes. (Ver também caramelos, chocolates, torrones, etc).

HIGIENE__HYGIENE

Os produtos de higiene pessoal podem conter ingredientes gredientes de origem animal, como p. exemplo, glicerina.

IOGURTES / YOGURTS

O iogurte, em geral, possui uma quantidade mínima de gelatina (1/250 a 1/500). De acordo com algumas opiniões, a gelatina, neste e em outros casos, cumpre a função de um gel ou estabilizante que entraria na categoria de Maamid (que não se anula com 60 vezes mais). Não obstante, para outras entidades rabínicas, a gelatina é um elemento dispensável para a elaboração básica do iogurte e não é considerada Maamid. (Para uma melhor compreensão do tema ver o livro Itzhac Yeranén, 73 e 74, do Rabino Itzhac Chehebar Z'L" e a resposta do Rabino Ovadia Iosef).

LEITE / MILK

A halachá indica que, em princípio, o leite a ser consumido deve ser supervisionado desde o momento da ordenha. Não obstante, é necessário esclarecer alguns pontos técnicos que nos ajudarão a entender as discussões posteriores: esta proibição tem como objetivo evitar a mistura do leite de um animal Tahor (puro, apto para o consumo judeu, por exemplo, vaca, cabra, ovelha) com o leite de um animal Tamé (proibido para o consumo judeu, por exemplo, cervo, camelo, burro, etc) o qual, antigamente, dadas as condições caseiras da comercialização do leite e certa conveniência econômica em zonas nas quais estes animais eram tão comuns como as vacas, era uma prática habitual. Portanto, os rabinos estabeleceram que no momento da ordenha deve haver um judeu presente para evitar a possibilidade de uma mistura. As autoridades rabínicas contemporâneas se dividem quanto à vigência e condição atual desta proibição: por um lado estão os rabinos que sustentam que esta proibição se mantém exatamente igual desde que foi decretada, já que juridicamente falando qualquer decreto rabínico para ser anulado deve ser revogado por uma corte rabínica semelhante a que a promulgou e não é suficiente que as condições tenham mudado (Taamá Batelá, Guezerá la Batelá). Portanto, só autorizam o leite especialmente supervisionado. Uma segunda opinião, sustenta que as normas atuais de salubridade governamental, cumprem o mesmo objetivo preventivo da presença do supervisor judeu na hora da ordenha e, portanto, autoriza o leite comum (Halav Stam, Rab Moshe Feinstein Z'L "Iguerot Moshé, Ioré Déa 1, 147. Não obstante, recomenda, em princípio, o consumo do leite supervisionado, o qual era o seu costume pessoal)". A postura mais permissiva tem como base que nas circunstâncias atuais é muito remoto que uma empresa misture seu leite de vaca com o do animal Tamé (economicamente seria mais caro, e um despropósito a seus interesses). A base fundamental desta última postura é que a proibição do leite não foi um decreto rabínico formal e promulgado sem uma condição temporal. As circunstâncias seriam diferentes onde estes animais não são muito comuns. Esta opinião está expressa no livro Tashbets, Hachut Hameshulash, Hatur Harisohon 32, baseado em minuciosas análises da Guemará, e uma comparação entre o formulado por Maimônides a respeito do queijo e do leite. Recomendamos ao iniciante em halachá a leitura desta Teshuva para uma melhor compreensão do tema. Na nossa lista incluímos produtos que contenham Halav Stam já que existe uma opinião legítima para permiti- los, mas frisamos que nosso objetivo é aumentar o nível da Kashrut pessoal de cada um, e quem já cuida de comer somente Halav Israel, lhe é proibido o

consumo de Halav Stam, e nossa esperança é que todos cheguem a seguir a opinião mais rigorosa sobre o assunto, pois isto lhe reforçará seu nível espiritual judaico. Os produtos nessa categoria são marcados com as siglas LC.

LEITE EM PÓ / POWDER MILK

Muitos dos rabinos que sustentam a vigência da proibição do leite, autorizam, não obstante o consumo do leite em pó (Rav Tzvi Pesah Frank, Shu:t Har Tzevi, Ioré Déa 103) já que como tal não foi concluída na proibição rabínica original.

MANTEIGA / BUTTER

O problema com o leite tem haver com a mistura do leite Tamé com o leite Tahor (ver leite). Nossos sábios esclareceram que o leite Tamé não coalha, ou seja, não é possível obter manteiga ou queijo. Portanto, a princípio, permitiram a manteiga. Um dos possíveis problemas é que em algumas manteigas junte-se gordura animal (na realidade Na Espanha, por exemplo, se chama amanteigado o produto elaborado com gordura de porco; a manteiga de leite se denomina mantequilla). O Schulchan Aruch (código fundamental da lei judaica) declara que o consumo da manteiga comum depende do costume local, portanto, aqui só indicamos um produto que na sua composição não possua ingredientes proibidos; a autorização final individual depende do costume de cada comunidade.

MARGARINA / MARGARINE

A margarina é elaborada com emulsificantes (monoesteratos, cuja função é manter unidas as moléculas do azeite e outros líquidos), de origem proibida. É possível que agreguem leite e diversos componentes que melhorem sua consistência ou sua cor, tornando-a mais parecida com a manteiga.

PEIXES / FISHES

A Torá permite unicamente o consumo de peixes que tenham escamas e barbatanas. Em diversos países pode-se usar a mesma denominação para peixes casher e não casher, motivo pelo qual deve-se tomar a precaução de certificar-se que estes possuem as escamas que o identificam como peixe casher. É importante saber que existem peixes com parasitas que devem ser limpos antes de serem cozidos. Alguns peixes permitidos: anchova, arenque, atum (existem espécies não casher), cavallinha, corvina, dourado, linguado, merluza, salmão, sardinha, truta, entre outros. Os peixes não devem ser moídos na moedora de uma peixaria na qual se comercializam peixes casher e não casher. O caviar é permitido unicamente se supervisionado, para ter certeza que provém de uma espécie de peixe casher.

PUDINS E SOBREMESAS / PUDDINGS AND DESSERTS

Os pudins podem conter emulsificantes ou outros aditivos para sua conservação e consistência em proporções que tornam o produto proibido. Quando são autorizados, são autorizados somente para os membros de comunidades nas quais se permite o consumo do leite comum.

QUEIJOS / CHEESES

O Talmud estabelece a proibição formal de comer queijos elaborados por não judeus, já que se utilizava, e em muitos casos se segue usando, até hoje, coalho animal em sua elaboração. Segundo todas as opiniões (diferentemente do leite), esta é uma Guezerá (decreto), proibição rabínica promulgada que não depende das circunstâncias temporais. Por conseguinte, mesmo que as circunstâncias mudem, e hoje em dia alguns queijos coalhados à base de outros produtos químicos, a proibição continua vigente. Por este motivo, só se podem consumir queijos casher especialmente supervisionados.

SORVETES FRUTADOS / FRUIT ICE CREAMS

São autorizados diferentes sabores de acordo com cada marca.

SORVETES LACTEOS / MILKY ICE CREAMS

São autorizados diferentes sabores de acordo com cada marca. Estes produtos lácteos são autorizados exclusivamente para membros das comunidades nas quais se permite o consumo do leite comum (ver leite).

SUCO DE FRUTAS / FRUITS JUICE

Quando o suco é natural e autorizado. No entanto, ocorre problemas de cashrut em alguns sucos como suco de uva ou misturas que contenham suco de uva, o qual não sendo de elaboração judia é proibido como o vinho.

VINAGRES / VINEGARS

Como qualquer produto derivado do vinho, o vinagre de vinho é proibido. É permitido o vinagre de álcool ou de maçã no qual foi verificada a sua cashrut.

VINHOS / WINES

Para serem permitidos os vinhos devem ter elaboração judia, com a correspondente supervisão que figura normalmente na etiqueta do produto.

**** PRODUTOS
COM SELO DE
SUPERVISÃO BDK

Foto	Classificação	Descrição
PARVE BISHUL ISRAEL	Atum sólido ao natural (light) GOMES DA COSTA
PARVE BISHUL ISRAEL	Atum sólido em óleo GOMES DA COSTA
PARVE	Balas mastigáveis sortidas ERLAN - Somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PARVE	Balas recheadas sabor morango ERLAN - Somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PARVE	Balas recheadas sortidas ERLAN - Somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
	PAT ISRAEL	Biscoitos recheados Show Gol nos sabores chocolate e doce de leite da CORY - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Biscoito cream crackers DUNGA - Somente com selo de supervisão do BDK
	PAT ISRAEL	Biscoito integral de aveia VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Biscoito integral de gergelim VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Biscoito integral de germen e mel VITAO -somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Biscoito integral de girassol VITAO -somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Biscoito maizena DUNGA - Somente com selo de supervisão do BDK

	PAT ISRAEL	Biscoito Maria (Elvis) da ALVES - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Bicoito recheado Vip's chocolate DUNGA - Somente com selo de supervisão do BDK
PAT ISRAEL	Bicoito recheado Vip's chocolate e coco DUNGA - Somente com selo de supervisão do BDK
PAT ISRAEL	Biscoito saborosos salgado DUNGA - Somente com selo de supervisão do BDK
	PAT ISRAEL	Biscoitos recheados Tic Tac sabor flocos da CORY - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Cookies cacau SEM gotas de chocolate VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Cookies de castanha-de-cajú VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Cookies de uva passas VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Cookie integral light de baunilha SEM gotas de chocolate VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Cookies integrais light baunilha SEM gotas de chocolate Turma da Mônica da VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
	PAT ISRAEL	Cookies integrais light morango SEM gotas de chocolate Turma da Mônica da VITAO - somente embalagem com selo BDK a venda nas lojas kosher
PAT ISRAEL	Biscoito salgado Dungto's DUNGA - Somente com selo de supervisão do BDK
PARVE BISHUL ISRAEL	File de sardinha com limão GOMES DA COSTA
PARVE BISHUL ISRAEL	File de sardinha com molho de tomate GOMES DA COSTA
PARVE BISHUL ISRAEL	File de sardinha com pimenta GOMES DA COSTA

Anexo IV. Ten Yad

Refeitório Assistencial "Eshel Menachem"

O Refeitório "Eshel Menaschem" é uma homenagem ao Rebe de Lubavitch, Rabi Menachem Mendel Schneerson ZTL" L, pelo seu amor incondicional ao próximo. Oferece diariamente, inclusive aos domingos e feriados, almoço completo e gratuito, servido para pessoas com renda insuficiente ou inexistente, a fim de atender suas necessidades vitais básicas de alimentação. O cardápio é elaborado por nutricionistas. São refeições casher, quentes e nutritivas, preparadas em uma cozinha moderna, higiene e bem equipada.

Kit Laticínios para o jantar

"Este Programa conta com o apoio do Claims Conference"

Semanalmente são entregues, gratuitamente, 180 kits, contendo alimentos a base de leite e complementares. Três produtos são fixos: pão, queijo e leite, mas o tipo de pão ou queijo são variados todas as semanas. Trata-se de uma assistência alimentar que permite atender pessoas carentes que se encontram nas mais diversificadas situações problemáticas, pois são gêneros essenciais que garantem o suprimento das necessidades mínimas de alimentação do indivíduo e estão prontos para consumo.

Cesta Básica

Este projeto foi implantado pelo TEN YAD em julho de 1998, consistindo na entrega mensal de gêneros alimentícios básicos no domicílio de famílias numerosas que se encontram em situação econômica precária, mas com condições de prepararem suas próprias refeições. Desta maneira a pessoa atendida se mantém ativa e participante mantendo as rotinas normais do grupo familiar.

Reforço Alimentar

Este programa implantado em 1997, consiste na concessão de tickets para a compra de carne bovina e/ou aves para famílias integradas por jovens em fase de crescimento e para pessoas desnutridas que residem em locais distantes. Igualmente as pessoas beneficiadas com este programa são incluídas nas atividades especiais do TENYAD, tais como: comemorações festivas, distribuições de presentes e doações eventuais.

Vale Alimentação

Concessão mensal de "Vale Alimentação" para a aquisição de gêneros alimentícios em supermercados. Os valores são fixados após o Estudo Social realizado pela Assistente Social do TENYAD, considerando o número de pessoas que integram o grupo familiar, a faixa etária e principalmente, dietas especiais conforme prescrição médica. Portanto, os valores dos tickets concedidos são variados e os usuários comparecem no TENYAD mensalmente, para receberem os mesmos.

Kit Para Shabat e Yom Tov

Alimentos típicos das várias festividades, oferecidos em datas especiais e no Shabat para todos os usuários da instituição e para as pessoas encaminhadas por entidades que solicitam previamente esta parceria.

Refeições Sobre Rodas

ANEXO 6

KASHERIZAÇÃO PARA PESSACH

Fonte: <http://www.kolelrio.com.br/pdfs/revistakolel%204.pdf>

ALGUMAS DEFINIÇÕES:

Hagalá - É o processo através do qual extraímos o chametz absorvido pelo utensílio. Deve-se limpá-lo bem e deixar o utensílio sem uso nas 24 horas anteriores. Pega-se uma panela grande e ferve-se água nela. Quando a água estiver em ebulição, mergulhamos o utensílio a ser kasherizado. Ao fazer isso, a água pode sofrer resfriamento e deixar de ferver, portanto deve-se prestar atenção se a água está fervendo. O utensílio não necessita ser imerso todo de uma só vez, mas toda a sua superfície deve entrar em contato com a água fervendo. Feito isso, mergulha-se o utensílio em água fria.

Libun Chamur - Queimar o utensílio a ponto de tornar-se incandescente, muito difícil de ser realizado na prática.

Libun Kal - Passar o utensílio no fogo até que esquento.

- **Fogão** - Deve-se fazer libun ou hagala nas grelhas. Quem fizer hagala, deve cobrir as grelhas com papel alumínio. Deve-se limpar bem as bocas, com produtos específicos e acendê-las durante algum tempo. Deve-se verter água fervente (com cuidado para não entrar nas bocas do gás) na base do fogão (já limpa) e cobri-la com forra-fogão ou papel alumínio comum.
- **Forno** - Deve-se limpá-lo bem, com produtos específicos para a retirada de resíduos de gordura (por exemplo Easy Off). Deve ficar vinte e quatro horas sem uso e deixá-lo ligado em sua temperatura máxima por trinta minutos. É recomendável fazer libun nas grades ou, pelo menos, cobri-las com alumínio. Muitas pessoas somente utilizam o forno envolvendo o alimento a ser assado com sacos específicos para forno, do tipo assa-fácil.
- **Forno de Microondas** - Deve-se limpar bem todo o forno, inclusive o prato de vidro de sua base, no qual deve ser feito hagala. Se for complicado fazer hagala, despeje-se água sobre o prato. Deve-se deixá-lo sem uso nas vinte e quatro horas anteriores, colocar um copo com água (além da água no prato) e ligar o microondas por 5 a 10 minutos. Muitas pessoas somente utilizam o microondas com os alimentos cobertos, com plásticos ou embalagens plásticas.
- **Geladeira e Freezer** - Basta limpá-la muito bem para que não sobre nenhuma migalha de pão ou qualquer outro resíduo de chametz. Não esquecer que na borracha da porta da geladeira, normalmente, se acumula muito chametz. Para quem quer guardar produtos de chametz que serão vendidos para um goim, separar uma gaveta e selá-la ou guardar o chametz em saco com a inscrição “chametz” para que não venhamos a utilizá-lo inadvertidamente.
- **Pias e mármore** - Deve-se verter água fervente nos locais já limpos. É recomendável cobrir as bancadas da cozinha. Em Pessach (em alguns casos durante todo o ano) não se pode colocar as panelas quentes na cuba nem jogar nada quente na pia.
- **Torneira e filtros** - Limpar muito bem. Deve-se jogar produtos químicos no ralo.
- **Liquidificador** - Deve-se limpar muito bem a máquina, especialmente as frestas e cantinhos que acumulam sujeira. Deve-se utilizar um copo novo, especial para Pessach.
- **Batedeira** - Muitas vezes, no preparo de um bolo, parte da farinha entra no motor, sendo praticamente impossível de limpar e kasherizar para Pessach.
- **Panelas** - Devem estar bem limpas e sem uso há 24 horas para que se possa fazer hagala nelas. É necessário desaparafusar os cabos. Quem não tem uma panela grande para kasherizar outras pode, em última alternativa, encher a panela de água e fervê-la. Quando a água estiver borbulhando, jogar uma pedra quente dentro da panela, fazendo com que a água transborde.
- **Frigideiras e panelas de Tefal** - Estes utensílios são, geralmente, utilizados sem nenhum líquido (como óleo) entre a panela e o alimento, e só podem ser kasherizados através de libun chamur e, portanto, recomendamos que se compre novos.
- **Formas e tabuleiros** - Somente podem ser kasherizados através de libun chamur e, portanto, deve-se comprar novos.
- **Barro e porcelana** - Segundo a maioria das opiniões, não há como kasherizá-los para Pessach. Uma opinião minoritária diz que se não forem utilizados durante um ano inteiro, pode ser feita hagala, desde que sejam utensílios que somente recebam comida, e não onde se esquento ou cozinha.
- **Talheres** - Aqueles inteiros podem ser kasherizados através de hagala. Aqueles que têm cabo de madeira ou plástico e há um pequeno espaço entre o cabo e o metal, deve-se fazer libun kal nesta

fresta. Se o cabo não está frouxo, basta hagalá.

- **Vidro** - Copos, pratos etc. - Ashkenazim: Limpá-los bem e colocá-los de molho por três dias, trocando a água diariamente. Há quem permita hagalá. Sefaradim: O Shulchan Aruch permite que sejam somente bem-lavados. Para quem quer ser um pouco mais rigoroso, fazer como os Ashkenazim.
- **Duralex** - Há muitos poskim que permitem que se faça hagalá três vezes.
- **Plástico** - Mamadeiras, potes, etc. Há muitos poskim que permitem que sejam kasherizados através de hagalá.
- **Mesas** - Devem ser bem limpas e cobertas com duas camadas, pelo menos (por exemplo, toalha e plástico grosso)
- **Plata de Shabat** - Deve ser bem limpa e coberta com alumínio grosso para seu usada durante Pessach. Há quem exija que se jogue água quente na prata.
- **Lava-louças** - Devido aos inúmeros tipos e modelos, consulte seu rabino.
- **Toalhas de mesa** - Podem ser lavadas com água quente e sabão.

Panela com água fervente para Hagalá

Libun Chamur

Libun Kal

ANEXO 6
ROTEIRO DAS ENTREVISTAS**Questionário 1**

Data: ____/____/____

N.º ____

Sexo: M () F ()

Data de nascimento: ____/____/____

- 1 - Há quanto tempo você segue uma dieta kasher?
- 2 - Qual sinagoga você frequenta?
- 3 - Você considera difícil seguir uma dieta kasher nos dias de hoje? Porque?
- 4 - Como você se informa sobre as novidades em relação aos produtos kasher comercializados no Brasil?
- 5 - Você consome produtos kasher com selo? Se sim, de quê rabino?
- 6 - Consome produtos sem selo? Se não, por quê?
- 7 - Qual é o nível de kashrut que você respeita considera que você respeita?
- 8 - Você mantém uma dieta kasher todos os dias? só em casa, em casa e fora de casa?
- 9 - Como faz para seguir uma dieta kasher no espaço de trabalho?
- 10 - Todos em sua casa mantém uma dieta kasher?
- 11 - Há algum momento ou situação em que você abriria mão de se alimentar de um produto kasher?
- 12 - Como resolver a questão da kashrut quando viaja por trabalho ou nas férias?
- 13 - Come em casa de amigos ou parentes não religiosos?
- 14 - Tem o hábito de ir à restaurantes?
- 15 - Sempre que o faz o estabelecimento é kasher?
- 16 - É boa a oferta de restaurantes kasher em São Paulo?
- 17 - Sobre os preços dos alimentos, os consideram caros?
- 18 - Se sim, porque julga que os preços são onerosos?
- 19 - Um religioso que não tem condições financeiras de manter uma dieta kasher, comete transgressão à lei?
- 20 - Quais são as dificuldades maiores que enfrenta uma pessoa que mantém uma dieta kasher em São Paulo?
- 21 - Há algum aspecto no mercado kasher que te incomoda?

22 – Você sugeriria alguma mudança ou melhoria nos produtos e mercado kasher de São Paulo? Quais?

23 – julga que os produtos kasher ganharam um peso comercial que se sobrepõe ao religioso? Porque?

24 – Que produtos compra em supermercados comuns e/ou somente em lojas especializadas de produtos kasher?

25 – Porque como kasher?

26 – como sente que somente comer kasher determina suas atividades?

Questionário Proprietário

Data: ____/____/____

N.º ____

Sexo: M () F ()

Data de nascimento: ____/____/____

- 1 – Qual sinagoga frequenta?
- 2 – Quais as dificuldades de se proporcionar aos consumidores produtos kasher?
- 3 – Porque é tão dispare o valor dos alimentos kasher (sobretudo carnes e afins) em relação aos seculares?
- 4- Quais os tramites para a aquisição do selo rabínico?
- 5 – Porque um produto deixa de ser kasher? Sendo que em muitas vezes a mesma empresa continua autorizada em outros produtos?
- 6 - Se o processo de kasherização já foi instaurado, a empresa o desenvolve com rigor, o que levaria à sua perda de status kasher?
- 7 – Como se deu o início de sua empresa no ramo kasher?
- 8 – Há quanto tempo trabalha em tal setor?
- 9 – Você sugeriria alguma mudança ou melhoria nos produtos e mercado kasher de São Paulo? Quais?
- 10- Julga que os produtos kasher ganharam um peso comercial que se sobrepõe ao religioso?
- 11 – Há algo além disso que poderia acrescentar sobre a vivencia e os produtos kasher?
- 12 - Há quanto tempo segue uma dieta kasher?